GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
"CARLOS ALBERTO REYES MALDONADO"
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMÁTICA - PPGECM

CARLA PATRÍCIA ARAÚJO CHAVES

A FEIRA CENTRAL DE TANGARÁ DA SERRA – MT: UM ESTUDO SOBRE O UNIVERSO ETNOGRÁFICO PRODUZIDO E HABITADO POR DIFERENTES PERSONAGENS

Barra do Bugres – MT
2022

CARLA PATRÍCIA ARAÚJO CHAVES

A FEIRA CENTRAL DE TANGARÁ DA SERRA – MT: UM ESTUDO SOBRE O UNIVERSO ETNOGRÁFICO PRODUZIDO E HABITADO POR DIFERENTES PERSONAGENS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ensino de Ciências e Matemática (PPGCEM), da Universidade do Estado de Mato Grosso "Carlos Alberto Reyes Maldonado" (UNEMAT), Campus Universitário "Dep. Est. Renê Barbour", de Barra do Bugres - MT, como requisito obrigatório para obtenção do título de Mestre em Ensino de Ciências e Matemática.

Linha de Pesquisa: Ensino, Aprendizagem e Formação de Professores em Ciências e Matemática

Orientador: Prof. Dr. João Severino Filho

Barra do Bugres – MT
2022

Walter Clayton de Oliveira CRB 1/2049

CHAVES, Carla Patrícia Araújo.
C512a A Feira Central de Tangará da Serra – MT: Um Estudo Sobre o Universo Etnográfico Produzido e Habitado por Diferentes Personagens / Carla Patrícia Araújo Chaves. – Barra do Bugres, 2022.
147 f.; 30 cm. (ilustrações) Il. color. (sim)

Trabalho de Conclusão de Curso
(Dissertação/Mestrado) – Curso de Pós-graduação Stricto Sensu (Mestrado Acadêmico) Ensino de Ciências e Matemática, Faculdade de Ciências Exatas e Tecnológicas, Câmpus de Barra do Bugres, Universidade do Estado de Mato Grosso, 2022.
Orientador: João Severino Filho

1. Espaços Socioeducativos. 2. Saberes Culturais. 3. Feira do Produtor. 4. Etnografia. I. Carla Patrícia Araújo Chaves. II. A Feira Central de Tangará da Serra – MT: Um Estudo Sobre o Universo Etnográfico Produzido e Habitado por Diferentes Personagens.
CDU 396

CARLA PATRÍCIA ARAÚJO CHAVES

A FEIRA CENTRAL DE TANGARÁ DA SERRA – MT: UM ESTUDO SOBRE O UNIVERSO ETNOGRÁFICO PRODUZIDO E HABITADO POR DIFERENTES PERSONAGENS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ensino de Ciências e Matemática (PPGCEM), da Universidade do Estado de Mato Grosso "Carlos Alberto Reyes Maldonado" (UNEMAT), Campus Universitário "Dep. Est. Renê Barbour" de Barra do Bugres - MT, como requisito obrigatório para obtenção do título de Mestre em Ensino de Ciências e Matemática.

Aprovado em: 26 de setembro de 2022.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. João Severino Filho (Orientador)

Prof. Dr. Marcos Francisco Borges (Examinador Interno)

Documento assinado digitalmente
gov.br
MARCOS LUBECK
Data: 26/09/2022 18:33:10-0300
Verifique em https://verificador.iti.br

Prof. Dr. Marcos Lübeck (Examinador Externo)

UNEMATDIC202

Assinado com senha por JOAO SEVERINO FILHO - PROFESSOR UNEMAT LC 534/2014 / BBG-FACET - 27/09/2022 às 13:54:25 e MARCOS FRANCISCO BORGES - PROFESSOR UNEMAT LC 534/2014 / CAC-FACET - 29/09/2022 às 13:17:28.
Documento Nº: 4546964-2946 - consulta à autenticidade em https://www.sigadoc.mt.gov.br/sigaex/public/app/autenticar?n=4546964-2946

SIGA

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos meus filhos Mateus Andreotti Chaves e Magali Andreotti Chaves, pelo apoio, compreensão e paciência, fundamentais nesse momento.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela graça recebida ao ingressar no mestrado, um sonho realizado.

Ao Prof. Dr. João Severino Filho, por me aceitar como sua orientanda e pelos ensinamentos, paciência e conhecimentos compartilhados.

Ao Prof. Dr. Adailton Alves da Silva, pelo incentivo e encorajamento.

Aos professores e funcionários do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática (PPGECM) da UNEMAT, campus de Barra do Bugres, pelo acolhimento e pelas contribuições.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pela promoção da pós-graduação.

Aos colegas da turma 2020, pelo companheirismo, pela troca de informações e conhecimentos. Por dividir os momentos de alegria, conquistas, desafios, tensão, exaustão, incertezas e preocupação. Enfim, momentos memoráveis.

Aos meus filhos, Mateus e Magali, razões para continuar a caminhada e alento nas horas difíceis. Companheiros em mais um desafio vencido.

Aos meus pais, meu esposo, meus irmãos e aos familiares, pelo incentivo e carinho.

À Associação dos Feirantes de Tangará da Serra (ASFET), pelas contribuições com a pesquisa e pela prestatividade nas etapas vividas.

Aos Feirantes e suas famílias, por corroborarem como personagens essenciais para a realização dessa pesquisa, pelo tempo dispensado a mim, pelas horas de conversas, indagações e observações. Serei sempre grata.

Muito obrigada a todos!

RESUMO

O espaço da feira livre é de suma importância para a sobrevivência da população, devido à comercialização de produtos do cultivo da terra, bem como para prevalência da atividade de subsistência familiar, favorecendo a socialização das culturas e saberes compartilhados com a população. Entretanto, a valorização do trabalho desenvolvido pelos feirantes é pouco convencional dentre as populações urbanas. Nas discussões sobre aprendizagens da criança, ou de qualquer ser humano, concordamos com Severino-Filho e Silva (2019) os quais afirmam que a escola é apenas um dos espaços socioeducativos habitados pela criança, em um período muito reduzido de sua rotina. Fora da escola, esse aluno habita uma pluralidade de espaços, onde aprende e pratica os saberes necessários à cada um. Nessas condições, motivada a conhecer o espaço socioeducativo da feira do produtor rural para melhor compreender as vivências em que os feirantes estão inseridos levantamos a questão: Eu realmente conheço os contextos sociais onde meus alunos vivem, aprendem e praticam diferentes saberes, para organizar minhas aulas de modo a conseguir conduzi-los a uma aprendizagem dos conhecimentos escolares que dialoguem com seus conhecimentos? Pensando nisso, este estudo objetivou descrever com densidade os saberes histórico-culturais dos feirantes de Tangará da Serra - MT, suas práticas culturais e as influências na rotina da cidade, interpretando a feira e o contexto da família dos feirantes como espaço socioeducativo, onde os feirantes, juntamente com filhos e netos, produzem conhecimentos significativos para a vida. A base metodológica é a pesquisa qualitativa, com abordagem etnográfica (GEERTZ, 2008; 2014; 2018) para análise e tratamento das informações. A produção das informações se deu a partir da imersão no espaço socioeducativo (SILVA; SEVERINO-FILHO, 2017), da feira do Produtor Rural da cidade, observando o contexto nos quais esses sujeitos se envolvem e analisando os saberes e a produção de memórias coletivas que dão sentidos à sua prática cultural.

PALAVRAS-CHAVE: Espaços socioeducativos; Saberes culturais; Feira do produtor; Etnografia.

ABSTRACT

The open market space is of paramount importance for the survival of a population, due to the commercialization of products from the cultivation of the land, as well as for theprevalence of family entrepreneurship, favoring the socialization of cultures and knowledge shared with the population. However, the valorization of the work developed by the marketers is unconventional among urban populations. In discussions about the learning of children, orany human being, we agree with Severino-Filho and Silva (2019) where they state that the school is just one of the socio-educational spaces inhabited by the child, in an abbreviated period of their routine. Outside the school, this student inhabits a plurality of spaces, where he learns and practices the knowledge necessary for each one. Under these conditions, we raise the question: Do I really know the social contexts where my students live, learn and practice distinct types of knowledge, to organize my classes in a way that leads them to learnschool knowledge that dialogues with their knowledge? This study aimed to describe, with density, the historical-cultural knowledge of the marketers of Tangará da Serra - MT, their cultural practices and the influences on the city's routine, interpreting the fair and the contextof the marketers' family as a socio-educational space, where the market vendors, along withtheir children and grandchildren, produce knowledge that is significant for life. The methodological basis is qualitative research, dealing with ethnography (GEERTZ, 2008, 2014, 2018) for the analysis and treatment of information. The production of information tookplace from the immersion in the socio-educational space (SILVA E SEVERINO-FILHO, 2017), at the Rural Producer's Fair in the city, observing the context in which these subjectsare involved and analyzing the knowledge and the production of collective memories. that give meaning to their cultural practice.

KEYWORD: Socio-educational spaces; Cultural knowledge; Producer's fair; Ethnography

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ASFEALTA Associação dos Feirantes da Vila Alta

ASFET Associação dos Feirantes de Tangará da Serra

BBG Barra dos Bugres

CAPES Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

PPGECM Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática

SEAPA Secretaria Municipal de Agricultura, Pecuária e Abastecimento

UNEMAT Universidade do Estado de Mato Grosso

SAMAE Serviço Autônomo Municipal de Água e Esgoto

SAMU Serviço de Atendimento Móvel de Urgência

PROCON Programa de Proteção e Defesa do Consumidor

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Representação do Triângulo da Vida dos Alunos Feirantes 22
Figura 2 - Transcendência dos saberes etnomatemáticos em grupos culturais 30
Figura 3 - Metodologia de Pesquisa usada na feira 31
Figura 4 - Vivências Etnográficas.....32
Figura 5 - Projeto dos Personagens Participantes da Pesquisa.....33
Figura 6 - Sequência de imagens da Feira Central de Tangará da Serra em 1994 38
Figura 7 - Mapas com a localização da cidade de Tangará da Serra.....40
Figura 8 - Mapa das feiras de Tangará da Serra 41
Figura 9 - Localização da ASFET e ASFEALTA em quadrantes, no mapa da cidade.....43
Figura 10 - Visão de satélite da feira central de Tangará da Serra. 43
Figura 11 - A Feira do Produtor Rural de Tangará antes da pandemia da Covid-19 48
Figura 12 Imagem da Feira do Produtor Rural de Tangará da Serra, durante a pandemia 49
Figura 13 - Relação cíclica do fluxo de pessoas na feira em "L" 53
Figura 14 - Imagens do movimento reduzido na feira em consequência da pandemia 55
Figura 15 Sequência de imagens da reabertura da praça de alimentação respeitando o distanciamento social devido a pandemia da Covid-19 57
Figura 16 - Imagens das bancas de pamonhas vazias devido à escassez do milho.....57
Figura 17 Movimento da feira voltando ao "normal" pós flexibilização das restrições da pandemia.....60
Figura 18 - Imagens das bancas fechadas na pior fase da pandemia da Covid-19.....61
Figura 19 - Sequência de imagens do setor de artesanato e camelô.....63
Figura 20 - Sequência de imagens das artes presentes na feira.....70
Figura 21 - Sequência de imagens da apresentação do Grupo de Capoeira Capuerê.....70
Figura 22 - Sequência de imagens dos instrumentos de capoeira e da roda 71
Figura 23 - Sequência de imagens representando a diversidade na capoeira 72
Figura 24 - Sequência de imagens do instante em que o sol toca o chão da feira 73
Figura 25 Sequência de imagens do espaço interno da praça central do barracão da feira74
Figura 26 - Sequência de imagens da praça central do barracão da feira, parte externa 74
Figura 27 - Imagens da visão do local de observação da pesquisa 75
Figura 28 - Sequência de imagens da pamonharia da Dona Cida 82
Figura 29 - Tabela de preço usada na pamonharia da Dona Cida 84
Figura 30 - Sequência de imagens da banca de condimentos da Dona Devani.....91
Figura 31 - Sequência de imagens das medidas para venda das especiarias. 94
Figura 32 - Imagens das variedades de especiarias na Banca da Dona Devani 95
Figura 33 - Imagens da banca da D. Maria de Fátima, esposa do seu Zé Raizeiro.....98
Figura 34 - Sequência de imagens da banca de Dona Maria de Fátima 101
Figura 35 - Sequência de imagens da banca de artesanato do Setor de Camelô 103
Figura 36 - Imagens da banca de carne suína da Dona Silvana, mãe de Daniela.....105
Figura 37 - Imagem do Sr. Valdeci e suas filhas na banca 110
Figura 38 - Sequência de imagens da banca da família de Dona Rosana 123
Figura 39 - Sequência de imagens da banca de Dona Rute, do Daniel e Maria Eduarda ...128

A TRAJETÓRIA QUE DESCREVE O SER E O IDENTIFICA EM SUA PLENITUDE

Para adentrar na minha origem e nos fatos que marcaram minha trajetória antes de iniciar minha carreira acadêmica, narro uma breve introdução.

Sou filha de Carlos Soares Chaves e Gildete Araújo Chaves, originalidade baiana, e nasci em 20 de outubro de 1984 em Ibotirama – BA. Meus pais eram trabalhadores do plantio, filhos de sitiantes na Bahia. Por um período, viveram em São Paulo, onde meu pai aprendeu o ofício de pedreiro e minha mãe era dona de casa. Vieram para Mato Grosso com três filhos pequenos.

Para eles, analfabetos, a educação foi prioridade na criação dos filhos. Tanto que minha mãe, quando nós, filhos, crescemos um pouco, concluiu seu ensino fundamental e médio, e cursou, ainda, o técnico em enfermagem. Porém, ela não atuou na profissão, pela necessidade de abraçar as oportunidades que surgiam. Ela foi vendedora, meu pai foi pedreiro e, juntos, foram feirantes por um bom tempo. Portanto, eles são o esteio dos filhos, o que me motiva a estudar muito e a me empenhar por um futuro melhor.

Na adolescência, fui professora de artesanato para adolescentes, jovens e adultos. Fui catequista e integrante do grupo de jovens e do coral da igreja que frequentava em Nortelândia – MT. Iniciei o curso de Licenciatura em Matemática em 2002/1, na UNEMAT de Barra do Bugres – MT, fazendo o percurso de ônibus de Nortelândia à Barra do Bugres, todos os dias, nos três primeiros anos.

Logo no início dos estágios, veio a dúvida: ser ou não ser professora de Matemática? Foi quando surgiu a oportunidade de lecionar pela primeira vez numa escola, com aulas em todas as turmas do ensino fundamental. Vivi intensamente todas as alegrias e frustrações do ensino, e me apaixonei pela profissão docente. No ano seguinte, em 2005, integrei o grupo de bolsa acadêmica ofertada pela UNEMAT, passando no processo seletivo para ser monitora em geometria.

Tive outras experiências que contribuíram no crescimento profissional em relação ao ensino em nível acadêmico e conclui o curso em 2006/1.

Nos três anos posteriores, minha vida, cheia de expectativas em atuar na educação, se transformou. Um mês após concluir o curso, me casei, me mudei para a cidade de Cuiabá – MT, e na sequência, descobri que seria mãe do meu primogênito, o Mateus. Com tantas transformações ocorrendo ao mesmo tempo, me afastei da educação por um período. Em 2007, me mudei para Tangará da Serra –

MT, onde fui muito bem acolhida socialmente e profissionalmente. Estava certa de que retomaria o sonho de lecionar e, em 2009, reiniciei na Educação Básica em escola pública. Cito aqui a Escola estadual Professor João Batista, pois foi uma escola que marcou minha vida profissional, pelo público de alunos que ali frequentam e pelas amizades cultivadas no trabalho. Atuo nessa escola como professora contratada há mais de 12 anos.

A motivação em ingressar no mestrado surgiu com os trabalhos e projetos desenvolvidos na escola em que trabalho, com o engajamento dos meus alunos em compreender os conhecimentos da disciplina de Matemática e a relação com o fazeres diários.

Diante disso, a realização desse sonho ocorreu após cursar, como aluna especial, a disciplina de Educação Etnomatemática: Diversidade Cultural e Práticas Pedagógicas, dos professores Adailton Alves da Silva e João Severino Filho. Nela, tive a oportunidade de me desconstruir e me reconstruir enquanto educadora e, principalmente, enquanto pessoa; de libertar-me de um sentimento que media forças comigo, sendo eu fruto da educação opressora na ótica da autoidentidade do indivíduo perante uma sociedade arbitrária. Relação oposta à vivenciada em minhas práticas de ensino no chão da escola, pois, junto aos meus alunos, eu me reencontrava, num mesmo tom, numa mesma nota, compondo uma sinfonia perfeita.

Este fato, notoriamente, impossibilita a pessoa de valorizar suas origens, de acreditar em seu lugar na sociedade, com a valorização de seus saberes e fazeres para manutenção da vida. Ao libertar-me desse descompasso, observando o meu público da sala de aula, tive um *dejavu* em uma das leituras propostas na disciplina Etnomatemática. Isso remeteu aos meus alunos da escola que auxiliam seus familiares na feira e que, por algum motivo, não falavam sobre seus saberes, nem dominavam a escrita formal dos cálculos matemáticos, porém, estavam sempre ativos na resolução mental de problemas. Foi assim que direcionei meus pensamentos para a escrita do projeto e para concorrer em todas as etapas do mestrado.

Como uma boa filha que à casa retorna, após algumas tentativas, ingressei no mestrado do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática (PPGECM) da UNEMAT de Barra do Bugres, na linha de investigação centrada nas diferenças culturais e nos estudos da Etnomatemática, aprovada e na turma de 2020/1. A partir daí, estamos juntos, meu orientador Professor Dr. João Severino Filho e eu, no desenvolvimento da pesquisa, que envolve a relação cultural do feirante com

os saberes e fazeres praticados na feira central de Tangará da Serra - MT.

As perspectivas com todos os conhecimentos apreendidos no caminho percorrido até aqui foram significativas para completude do meu ser, e o mestrado é parte fundamental dela. Nas disciplinas e nas trocas de conhecimentos com professores e colegas venho redesenhando as páginas da minha história, e acredito que a Educação perpassa pelo viés de formar a personalidade do ser para que ele ocupe seu lugar na sociedade, com compromisso, respeito e dignidade.

E esse é o compromisso que assumo junto aos meus alunos: uma Educação que liberta o ser daquilo que o aprisiona em sua individualidade e o impede de encontrar o seu eu desenhado pela sua trajetória.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO **14**

CAPÍTULO 1 ..... **17**

AS INSPIRAÇÕES QUE MOVEM A PESQUISA **17**

1.1 A Experiência no Contexto Educacional 18
1.2 A Feira como Espaço Socioeducativo de Ensino e Aprendizagem 19
1.3 A Agricultura Familiar como um Processo Cultural 24

CAPÍTULO 2 ..... **28**

METODOLOGIA DE PESQUISA **28**

CAPÍTULO 3 ..... **37**

A FEIRA NA HISTÓRIA DA HUMANIDADE: ESPAÇOS DE ENCONTROS E TROCAS **37**

3.1 O início da Feira Central de Tangará 37
3.2 Localização e Delimitações da Feira Central 40
3.3 Outras Feiras, outras histórias 44
A Feira mais famosa *44*
A Etnomatemática no espaço de uma feira agroecológica: (re)conhecendo saberes e fazeres locais *45*
Sobre o livro Etnomatemáticas em vários contextos *47*

CAPÍTULO 4 ..... **48**

AS TRAMAS QUE TECEM A FEIRA DO PRODUTOR DE TANGARÁ DA SERRA **48**

4.1 A feira voltando ao "normal" 60
4.2 A arte e a cultura da feira 69
4.3 As teias que compõem a "tica" de "matema" na feira 76
4.3.1 A banca da Dona Cida *77*
4.3.2 A banca da Dona Devani *91*
4.3.3 A banca do Seu Zé Raizeiro *98*
4.3.4 A banca da Dona Leonilda *101*
4.4 O legado dos trabalhadores da feira: filho de feirante, feirante também é 104
4.4.1 Dona Silvana e família *105*
4.4.2 Senhor Valdeci e família *110*
4.4.3 Senhor Rogério Rios *118*
4.4.4 Dona Rosana e família *122*
4.4.5 Dona Rute e família *128*

CONSIDERAÇÕES FINAIS **136**

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS **142**

BIBLIOGRAFIAS CONSULTADAS **146**

INTRODUÇÃO

O trabalho realizado no campo é indispensável para o desenvolvimento de uma população, pois está presente no cotidiano de todos, sobretudo, nas refeições. Notadamente, a agricultura familiar é responsável por uma parcela considerável da produção alimentícia e dá origem à maioria dos produtos comercializados em feiras de produtores rurais.

E as Feiras, estas fazem parte das nossas vidas, desde o período medieval, e são legitimadas como locais de encontro de diferentes culturas. Aliás, não há uma origem certa, mas sabe-se que desde esse período as feiras têm influências políticas e religiosas.

Já a origem da feira de Tangará da Serra – MT trás influências históricas que vão ao encontro da origem das feiras medievais: no contexto político, com a comercialização de mercadorias perecíveis e na prática de escambo; e no âmbito religioso, a produção de artesanato. Essa relação das atividades comerciais, do feirante com o freguês, e vice-versa, nunca foi investigada na Feira do Produtor de Tangará da Serra. Partindo disso, o tema desta pesquisa foi constituído a partir da necessidade de investigar a cultura local e a etnomatemática presente na rotina dos feirantes.

Na Feira do Produtor, emanam os saberes e fazeres com as vivências das famílias de feirantes que frequentam o local. Descrever a construção da história desse povo, as ações, os gestos, os saberes etnomatemáticos e as lembranças que tocam cada família é fundamental para manutenção da cultura, uma vez que a desvalorização direciona as gerações futuras a buscar outros meios de vivências, e esta cultura faz parte da história da cidade, desde sua emancipação.

Cada feirante traz consigo um conjunto de representações e de significados que o constituem, como um conceito sobre o qual diferentes grupos sociais fundamentam sua lógica. No universo do conhecimento, sabe-se que, na feira, os saberes são produzidos e praticados à medida da necessidade e do desenvolvimento das relações humanas que ocorrem no lugar. Na escola, por outro lado, geralmente predominam os conhecimentos teóricos e descontextualizados. Nessas condições, a vivência constrói o saber para sobreviver, enquanto o aluno vive as cobranças por parte dos exames e seleções, processos que resultam na

transgressão da descoberta dessas matemáticas usadas em ambos os contextos: na vida e na escola.

Além disso, em minha experiência enquanto docente, percebia que meus alunos que auxiliam seus familiares na feira, por algum motivo, não falavam sobre seus saberes, nem dominavam a escrita formal dos cálculos matemáticos, porém, estavam sempre ativos na resolução mental de problemas. Portanto, nessa altura, questiono: Eu realmente conheço os contextos sociais onde meus alunos vivem, aprendem e praticam diferentes saberes para organizar minhas aulas de modo a conseguir conduzi-los a uma aprendizagem dos conhecimentos escolares que dialoguem com seus conhecimentos? Esta indagação esteve presente em todo o percurso da pesquisa, no sentido de provocar reflexões que possam contribuir com o trabalho do professor em sala de aula.

Nesse sentido, ao me inserir no contexto cultural do feirante, a pesquisa objetivou descrever com densidade os saberes histórico-culturais dos feirantes de Tangará da Serra - MT, suas práticas culturais e as influências na rotina da cidade, interpretando a feira e o contexto da família dos feirantes como espaço socioeducativo, onde os feirantes, juntamente com filhos e netos produzem conhecimentos significativos para a vida. Vivenciamos e discutimos a etnomatemática pelo viés da normalização, da valorização do ofício do pequeno produtor e feirante, com conceitos dos estudos da cultura e dos saberes oriundos das práticas desse grupo social.

Para isso, inicialmente, tínhamos a intenção de escolher os sujeitos da pesquisa tendo como ponto de partida a sala de aula, identificando os alunos que provinham de famílias de feirantes e participavam de suas atividades na feira. Após esse processo, eu acompanharia os alunos nessas atividades, interferindo o mínimo possível. Entretanto, devido à suspensão das aulas presenciais, por conta da pandemia de Covid-19, foi necessário fazer um redirecionamento da pesquisa.

Então, o estudo foi realizado diretamente no contexto cultural da feira, observando os saberes produzidos e praticados cotidianamente que constituem a identidade do feirante e as experiências compartilhadas com seus filhos e netos, narradas por alguns personagens daquele lugar.

A pesquisa está esteada em Carraher (2011), D’Ambrosio (1990; 2005; 2018; 2020), Freire (1989), (Geertz, 2008; 2014; 2018), Larrosa (2009), Severino Filho

(2015), Silva e Severino-Filho (2017; 2019), entre outros pilares, que vislumbram na educação o suporte do ser humano para os saberes da vida, para a formação libertadora e valorização das vivências e do outro. Autores que constroem, com a educação, perspectivas de formar cidadãos com autonomia para viver em sociedade e para o respeito mútuo, com empatia e equidade.

No início, apresento-me contando um pouco da minha trajetória, os traços que me conduziram até aqui e descrevem a completude do meu ser social, profissional e acadêmico. As ponderações relatadas me fazem compreender as motivações da paixão pela docência, pelos saberes e fazeres dos meus alunos, do viver com empatia, incentivando a valorização sociocultural do próximo.

Assim, escrita desta pesquisa foi delineada em quatro capítulos. No Primeiro Capítulo, faço a apresentação das inspirações que movem a pesquisa na feira, enfatizando os espaços socioeducativos, a feira como a escola sem muros e local de ensino e aprendizagem, e a experiência no contexto educacional.

O Segundo Capítulo discorre sobre a metodologia de pesquisa, respaldada na etnografia, sendo ela uma pesquisa qualitativa que não assume verdade absoluta. Apresentamos os passos de cada vivência etnográfica, sabendo que cada uma é única e sempre acrescenta algo. Nos caminhos trilhados, deixamos a realidade etnográfica dizer como a feira é, afetando o mínimo possível o local.

No Terceiro Capítulo nos dedicamos a contar a história da feira, como tudo começou, e a construir a história dos feirantes, ainda não registrada desde seu início. Essa etapa vem carregada de emoções, lembranças passadas da feira e dos feirantes, pois, redigir a história da feira tangaraense é completar algo que reflete em meu viver, da história ainda não escrita, mas que para os meus alunos e seus familiares feirantes ficará registrada para a vida.

No Quarto Capítulo abordamos a agricultura familiar presente em feiras livres como um processo cultural, onde apresentamos as tramas que tecem a feira do produtor de Tangará da Serra, bem como as teias que compõem as “ticas” de “matema” na “ethnos” da feira. As práticas dos habitantes da feira, seus saberes e fazeres e o legado dos feirantes, dos seus filhos, que também são feirantes. Trazemos, ainda, a prática mais antiga de comercialização, o escambo, em tempos atuais, além da relação com cliente e outros aspectos do dia a dia.

CAPÍTULO 1

AS INSPIRAÇÕES QUE MOVEM A PESQUISA

> Reporto-me que: “A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. **[...]** Primeiro, a “leitura” do mundo, do pequeno mundo em que me movia; depois, a leitura da palavra que nem sempre, ao longo de minha escolarização, foi a leitura da “palavramundo”.” (FREIRE, 1989, p. 9)

A vivência de cada um e seu entendimento em relação ao mundo é o cerne para que se aprenda a ler a palavra, ler a frase, ler os textos e os contextos dos saberes e fazeres que preenchem os espaços socioculturais que tecem a vida. Com o olhar sensível às experiências vividas na infância, junto aos meus pais, e diante da leitura de Ver-o-Peso[1], que me fez pulsar todas as lembranças, foi como completar a última peça de um quebra-cabeça. Esta leitura foi proposta na disciplina de Etnomatemática, que frequentei como aluna especial, sob orientação dos professores João Severino Filho e Adailton Alves da Silva.

A leitura fez todo o sentido na reflexão sobre meus alunos e ex-alunos. A visão de mundo deles e as fases da vida experienciadas na feira eram, em momentos, alternados com os tempos da aprendizagem escolar.

A sensibilidade do olhar minudente para cada aluno e o ato de valorizar suas vivências me fez notar que suas experiências não estavam sendo contadas por eles, devido à minha convivência com alunos e ex-alunos que praticam a matemática na feira da cidade há anos, junto a seus familiares, enquanto na escola sentemvergonha de expor seus saberes de mundo.

Os relatos presentes nesta pesquisa, dentre tantos outros que não foram ouvidos/contados devido ao tempo, compõem a história da maior feira livre do estado de Mato Grosso, a Feira Municipal de Tangará da Serra – MT. Assim, venho, com a pesquisa, dar visibilidade às palavras dos alunos e seus familiares feirantes, para construir essa história contada por eles. Mostrando que os saberes e fazeres devem sempre preceder a “leitura da palavra” (FREIRE, 1989) e evidenciando que a

[1] LIMA (2008). A autora mostra, em sua pesquisa de abordagem etnográfica, o patrimônio cultural dos trabalhadores do Ver-o-Peso, a feira mais famosa de Belém do Pará.

realidade vivida é a base para qualquer construção de conhecimento.

A observação das práticas dos feirantes que estão presentes nas relações que ocorrem no espaço da Feira do Produtor Rural de Tangará da Serra – MT, nas quais se destacam os saberes matemáticos envolvidos na dinâmica de produção e comercialização, é um fator que leva à compreensão e valorização desses conhecimentos.

Em sua prática em sala de aula, faz-se necessário o professor considerar a história e cultura de seus alunos, valorizando o conhecimento que se origina nas vivências de cada um deles. Aqueles que participam de alguma etapa das atividades de produção ou comercialização de produtos provenientes da agricultura familiar certamente adquirem os conhecimentos fundamentais para este fim.

Para adentrar no contexto cultural da feira, foi importante conhecer o cotidiano dos feirantes e de seus filhos e netos, observando os aspectos que determinam suas identidades, as relações com eventuais fornecedores e com a população que frequenta a feira, além das histórias que marcaram suas gerações.

Descrevemos algumas práticas e os saberes necessários nas etapas da logística do comércio das feiras e, ao longo da pesquisa, foi possível compreender o envolvimento dos filhos nas atividades dos pais e sua visão sobre a vida do feirante e sobre os conhecimentos estudados na escola.

1.1 A Experiência no Contexto Educacional

As habilidades desenvolvidas com as práticas da produção, negociação, preço de custo e de venda, lucro e prejuízo pelos feirantes, expõem a experiência que eles constituíram com a “escolamundo”. Foi possível verificar nas observações, como os jovens que habitam aquele espaço são impregnados de saberes e práticas que acompanham a história familiar de cada um, antes de iniciar a vida escolar/acadêmica: as experiências com o administrar do tempo real e sazonal, do plantar e colher, das negociações e comercialização, do solidarizar com o próximo, enfim, de lidar com as organizações da vida.

A escola, na função do professor, deve considerar o contexto histórico-cultural dos alunos, para dar sentido a aprendizagem, valorizando os conhecimentos construídos previamente e ampliando as possibilidades do ensinar com significado para a vivência do aluno.

Segundo Larrosa (2011), a funcionalidade do processo de aprendizagem, fundamentado na experiência e no senso comum, mostra, indiretamente, que a experiência tem muitas possibilidades no contexto educacional, se formos capazes de utilizá-la precisamente. Para isso, o professor deve estar em constante formação, num processo de reelaboração dos saberes iniciais, em confronto com suas práticas (BITENCOURT, 2017, p. 47). As abordagens atuais de pesquisa passaram a reconhecer o professor como sujeito de um saber e de um fazer, partindo da análise dos princípios de ação que direcionam o seu trabalho.

Larrosa (2011, p. 6) afirma que “a experiência não reduz o acontecimento, mas o sustenta como irredutível”. Desta forma, a experiência precisa, de alguma maneira, tocar o sujeito, afetá-lo, tirá-lo da zona de conforto, expô-lo ao risco (no sentido de experienciar). Assim, o sujeito será interpelado pela experiência.

Apresentar uma abordagem sobre o comportamento humano, nos dias atuais, chama a atenção para o fato de como o excesso de informações e a agilidade com que tudo acontece pode impedir que as pessoas passem por experiências reais, que vivam em essência. É necessário praticar a autorreflexão quanto a subjetividade, mostrando a importância de exercer e compreender a experiência.

1.2 A Feira como Espaço Socioeducativo de Ensino e Aprendizagem

Segundo Silva e Severino-Filho (2017, p. 212), um espaço socioeducativo é um local em que as atitudes de interações, as teias, as tramas da cultura que um povo produz, são difundidas por meio dos seus saberes e fazeres. O olhar para a educação e os espaços socioeducativos propõe uma visão de educação percebida no ambiente natural do aluno, promovendo a escola sem muros como local de ensino que o aluno pratica as matemáticas com naturalidade e a aprendizagem acontece.

Para D’Ambrosio (2012), o grande desafio da educação é praticar os conhecimentos que serão usados futuramente e levantar devaneios teóricos que contemplam os saberes e fazeres acumulados de tempos passados até o presente.

Na ótica de Skovsmose (2014, p. 45) “um dos principais desafios da educação é proporcionar aos alunos uma aprendizagem significativa”. Para ele, este é um caminho de persistência para o docente, e “não há receitas prontas, fórmulas mágicas, procedimentos infalíveis” e a investigação do fazer matemático crítico é o

trajeto, onde o ensino e a aprendizagem ocorrem.

Existem grandes dicotomias entre os conteúdos e modo como o professor deve ensinar e o que é útil para o aluno aprender, bem como a conduta do aluno em sala de aula e os resultados do seu desempenho no futuro. Fatos assim, muitas vezes, passam despercebidos entre as preocupações curriculares que muitos professores carregam.

Com isso, os alunos que apreendem os saberes da vida nos espaços da escola sem muros, citado por D'Ambrosio, em uma de suas *lives*, em novembro de 2020, reservam esses saberes e sentem-se inferiorizados pelos conhecimentos impostos no currículo escolar. Por isso, D'Ambrosio (2020) ressalta a importância dos espaços da "Escola sem muros", e do professor saber aproveitar esses espaços socioeducativos para transformar os saberes do meio natural do aluno em conhecimento, e assim preencher as lacunas ainda existentes.

A educação é um processo amplo, construído no conjunto da sociabilidade e constituído de elementos diversos, logo, não consiste em um mundo manipulado por realidade aparente, por currículos aprisionados no sistema educativo seletivo e alienado, que contrapõe ao mundo da essência, dos espaços socioculturais, de ser complacente na prática da alteridade. Com a investigação de suas vivências, do seu ambiente natural de aprendizado, professor e alunos passam a comungar do ensinar e aprender da escola sem muros (D'AMBROSIO, 2020).

Nesse viés, D'Ambrosio (1997, p. 28) já acrescentava que "o processo de aquisição do conhecimento é, pois, essa relação dialética saber/fazer, propelida pela consciência", que se realiza nas dimensões sensorial, intuitiva, emocional e racional. E tais dimensões não são dicotomizadas e nem hierarquizadas, mas se complementam entre uma e outra, sem interrupção entre o saber e o fazer, resultando na aquisição do conhecimento.

D'Ambrosio (1997), em sua percepção de educação multicultural, entoa das várias modalidades construtivistas, e essas percepções sobre a geração do conhecimento estão validadas nas etnos, e cito em específico a etnomatemática, entre outras análises do conhecimento contextualizado que se aplicam também na organização e difusão do conhecimento.

Considerando a matemática como uma forma de interpretar o mundo por meio de números, gráficos, formas, e de escrevê-la quando as práticas estão abertas a

mudanças, tais práticas divergem quando vislumbramos a multiculturalidade presente nas escolas (SKOVSMOSE, 2014, p. 108). Skovsmose (2014) complementa dizendo que a matemática:

> Pode ser praticada de maneiras bem diferentes, com interesses sociais, políticos e econômicos bem distintos. Se por um lado a matemática mostra-se um meio de implantação de uma lógica de dominação e controle, por outro lado, ela promove a cidadania crítica. (SKOVSMOSE, 2014, p.115).

Desvendar as matemáticas vividas em cada cultura é compreender a própria realidade e atuar nela, e se fazer presente politicamente, socialmente e economicamente para o bem comum de todos. Esses são princípios que devem ser trabalhados na escola para a formação do aluno, tendo a educação como ferramenta para exercer a cidadania.

A dinâmica social, as redes de relações, o compartilhamento de atividades, experiências e códigos percebidos no cotidiano dos feirantes, levaram a considerar esses trabalhadores como um grupo social e a feira como um espaço socioeducativo. No espaço socioeducativo da feira do produtor, é visível que as matemáticas são praticadas pelos filhos e netos dos feirantes com a autoridade experienciada entre seus familiares e fregueses. Alguns desses jovens se relacionam com o vínculo docente na escola que trabalho há alguns anos.

A observação atenta para a produção de significados matemáticos praticados na feira e interpretados na ótica dos filhos dos feirantes faz-nos refletir o ensino da Matemática no contexto observado. Diante disso, nota-se que esses alunos têm, na escola, uma educação formal com mera transmissão de explicações e teorias e no adestramento de técnicas e habilidades.

Olhando para os conhecimentos que carregam da escolamundo, eles me ensinaram as matemáticas usadas na vida, revelando que não há docência sem discência, como diz Freire. Ensinar não é transferir o conhecimento ou conteúdos, mas impregnar de sentidos os saberes para o sujeito e o formador, pois, “quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender” (FREIRE, 1996, p. 13), num gesto que mistura conhecimentos do vínculo entre professor e aluno, e que modifica a história vivida e não contada até o momento.

A matemática, para o aluno feirante, não acompanha o significado formal. O raciocínio lógico desenvolvido por cada aluno é próprio da sua realidade quanto à

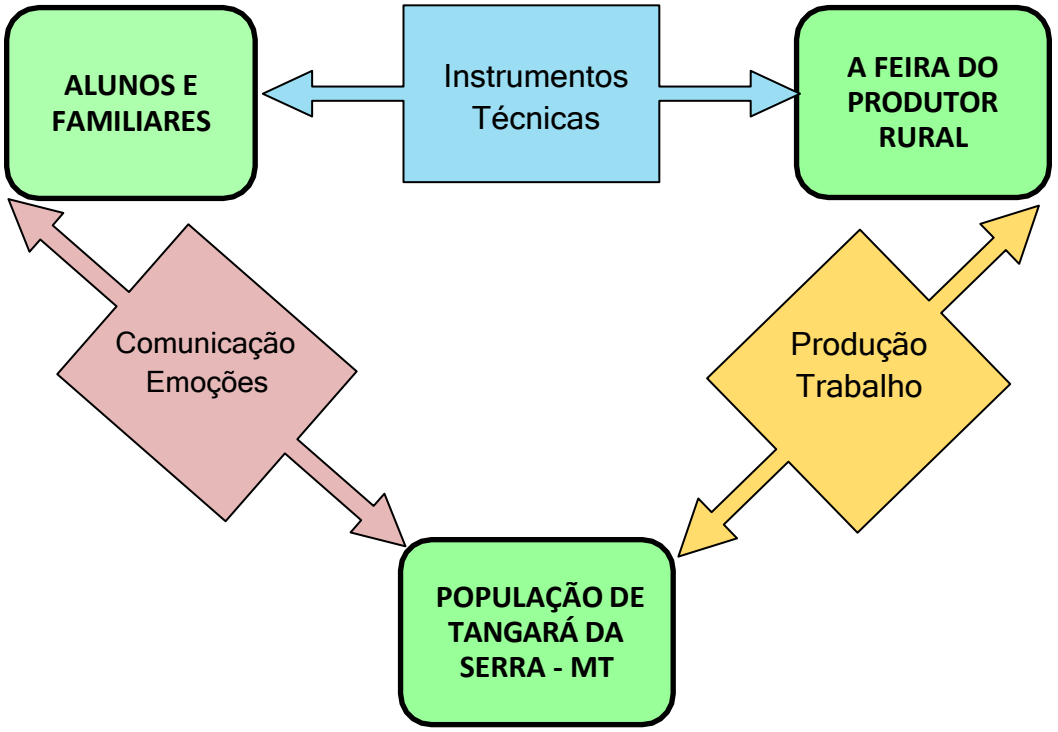
comercialização de seus produtos. Portanto, a educação deve promover mudanças no ensino, levando os estudantes à descoberta das matemáticas de seu cotidiano e de seus pais, ou seja, ao empoderamento do saber, do conhecimento em diversas culturas. Geertz acrescenta:

> Acreditando, como Max Weber, que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura sendo essas teias e a sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado (GEERTZ, 2019, p. 4).

Para D'Ambrosio (2016, p. 270), a sobrevivência do ser humano (feirante) "depende da resolução do triângulo da vida, que se dá no momento e no local. É uma ação no presente espacial e temporal. Espaço e tempo significam o aqui e o agora". Na feira, a história deste povo invade o passado e o futuro da população dacidade, indaga tal vivência, traz explicações sobre o passado e predições sobre o futuro e mostra o valor cultural dos feirantes que convivem aqui, transcendendo espaço e tempo desde o início da cidade.

Para representar a relação do triângulo da vida dos alunos feirantes e seus familiares, apresento o anagrama da Figura 1, adaptado com base em D'Ambrosio (2016, p. 272):

Figura 1 - Representação do Triângulo da Vida dos Alunos Feirantes



Fonte: Adaptado de D'Ambrosio (2016).

Os filhos e netos de feirantes e seus familiares vivenciam as pulsões da sobrevivência e da transcendência na feira, por meio das técnicas de pequenos produtores e feirantes, em suas relações essenciais com a natureza e a comercialização na feira, produto do trabalho que perdura há gerações e é partilhado em forma de cultura, emoções e comercialização com a população que vive em Tangará da Serra.

Na ótica de D'Ambrosio (2016, p. 272), as intermediações e conhecimentos criados e utilizados ao longo do tempo, com "instrumentos, comunicação, principalmente a linguagem, e um sistema de produção, que servem de intermediações para resolução do triângulo da vida", perpassam pelos valores comportamentais e éticos para conviver em sociedade.

Na feira, o convívio ocorre respeitando a ética da diversidade, na qual o conhecimento traz as peculiaridades que movem a essência do grupo "ethnos" dos feirantes e fregueses para a sobrevivência e transcendência do povo desta cidade. Para D'Ambrosio (1997), os princípios básicos para a ética da diversidade é o respeito pelos outros e suas diferenças, a solidariedade que satisfaça as necessidades de sobrevivência e transcendência, e a cooperação com o outro, de modo a preservar o patrimônio natural e cultural comum. A prevalência destes conceitos na feira forma a identidade cultural desde povo.

Um povo sem identidade cultural aniquila sua origem, torna-se um povo sem história. A educação é essencial neste processo para preservar as "ethnos". Segundo D'Ambrosio (1997, p. 63), "a educação é a direção necessária que deve tomar o processo educativo para fazer face à complexidade de um mundo que se globaliza num ritmo crescente", com intuito de evitar a homogeneização, cujo resultado é a submissão e/ou devastação das culturas.

Para D'Ambrosio (1997), a cultura é a essência do conhecimento e, na feira, os saberes, fazeres, os hábitos e costumes resultantes e compartilhados no grupo dos feirantes, e a interação entre eles, entre a comunidade e entre a sociedade, produzem um comportamento intercultural. E, a esta interculturalidade, que também é presente no ambiente escolar, faz o professor ter o papel fundamental de engajar conhecimentos evidenciando a transdisciplinaridade da área, visando a aprendizagem significativa, onde teorizar e praticar a matemática, para o aluno filho

do feirante, seja normal e faça sentido para seu meio natural de vivências e para a valorização das práticas, do conhecimento e da cultura deste povo.

O ensino é um ato de compartilhar saberes que acompanham gerações, pois, no exercício de partilhar conhecimento, “o ideal é o aprender com prazer ou o prazer de aprender, e isso se relaciona com a postura filosófica do professor, sua maneira de ver o conhecimento, e do aluno – aluno também tem uma filosofia de vida”. (D’AMBROSIO, 2012, p. 77). Nesse sentido, não há como ser um bom professor sem olhar para o contexto cultural dos seus alunos. É preciso envolver as teorias que fazem sentido e mostram significados às incertezas deles. E para esse instante, a visão aguçada do professor, faz total diferença na vida dos alunos.

Sabe-se que não há um trajeto perfeito, nem repleto apenas de sucessos, existem “[...] as tensões inerentes ao processo educativo. Mas educar é um ato de amor. Um amor que se manifesta em não querer brilhar sozinho e tampouco sentir tensão com o brilho de um aluno que se mostra saber mais que o professor” (D’AMBROSIO, 2012, p. 78). Ainda que esse saber seja uma particularidade da docência, isso não pode ser visto com olhar negativo, mas sim com exuberância, onde o aprendiz deveria sempre superar o mestre. Dessa forma, o conhecimento permanecerá em sua essência na função de direcionar o ser humano à sapiência.

Baseado nisso, cabe a nós, educadores, estarmos atentos às necessidades de aprendizagem dos alunos, para que o ensino seja efetivo em seu desempenho diário, com a contribuição da escola.

1.3 A Agricultura Familiar como um Processo Cultural

A agricultura familiar e a comercialização em feiras estiveram presentes, em minha vida, durante todo o ensino básico, permanecendo com os meus pais até hoje. Atualmente, como professora, vejo que o direcionamento de um olhar matemático ao ofício dessa profissão, à maneira peculiar pela qual esses trabalhos são realizados, junto à necessidade dos alunos em compreender a importância desses saberes para vida e, consequentemente, na escola, como parte da sua vivência cultural, são fatores que me motivaram a desenvolver esta pesquisa.

Posso perceber, nos alunos que vivenciam essa experiência e estudam em uma escola urbana, a não socialização dos saberes que aprendem com seus familiares, além de um sentimento de inferioridade e muita timidez, quando não

aprendem a Matemática formal, ensinada na escola.

As relações culturais e os conflitos que separam a cultura do feirante na agricultura familiar dos seus saberes no ensino de Matemática apontam-se para as experiências e origens do povo. Esses fatores têm se revelado importantes, visto que influenciam o modo como as pessoas veem coisas e entendem conceitos.

A agricultura familiar é o cultivo da terra, praticado, especificamente, por núcleos familiares que habitam o campo. O cultivo da terra e a comercialização dos produtos na feira geram, nos integrantes das referidas famílias, uma internalização do conhecimento que, por sua vez, está descrita por D'Ambrosio (1990) como parte da própria existência de cada indivíduo.

A forma como os indivíduos se comportam, produzem e difundem conhecimento no espaço sociocultural da feira do produtor rural e o jeito peculiar de lidar com os fazeres e saberes no contexto histórico-cultural dos feirantes são tradições próprias desse grupo. Na ótica de D' Ambrosio (2005), essas práticas contribuem para sobrevivência e transcendência dos indivíduos. Isso ocorre "através de maneiras, de modos, de técnicas, de artes (techné ou "ticas") de explicar, de conhecer, de entender, de lidar com, de conviver com (mátema) a realidade natural e sociocultural (etno) na qual ele, homem, está inserido" (D'AMBROSIO, 2005, p. 112).

Nesse contexto, D'Ambrosio (2005) utiliza a etimologia das raízes "tica", "matema" e "etno", para dar origem à conceituação de Etnomatemática. Fato que deixa evidente a necessidade de valorizar a tradição do ensinar e aprender, uma vez que as práticas dos feirantes emergem saberes étnicos, no ambiente natural, social e cultural.

Para Ferreira (1997, p. 22 *apud* FERREIRA JUNIOR, 2017 p. 97), a etnomatemática "[...] sistematiza o saber fazendo, sendo papel do professor, propiciar novos métodos para expandir projetos conectados à matemática que demonstrem importância para aprimorar o contexto social em diferentes direções". Com o uso de fontes culturais, sociais e experiências pessoais, o professor pode tornar o ensino de Matemática mais efetivo e significativo, opondo-se a alguns pontos fracos dos sistemas de ensino atuais, como, por exemplo, os questionamentos destacados por Fasheh (1998, p. 10): "a Matemática deve ser considerada de forma abstrata e isolada, ou de modo mais subjetivo, pessoal e significativo?". Ele conclui

que, num país de terceiro mundo, o ensino de Matemática é baseado na memorização de regras e fórmulas, além da resolução de problemas que, geralmente, não apresentam sentido para o aluno.

Silva (2017) salienta que os saberes cotidianos estão recheados de acontecimentos que englobam competências e habilidades matemáticas. Estas são utilizadas pelas pessoas, por meio de materiais e instrumentos intelectuais, peculiares de determinada cultura. Para D'Ambrosio (2005), a etnomatemática não é constituída ou aprendida nas unidades de ensino, mas construída no ambiente de trabalho, no convívio familiar, nos grupos culturais etc.

Para Fasheh (1998), é importante relacionar o ensino da Matemática com aspectos culturais. O currículo diversificado possibilita uma variabilidade de interpretações de alguns conceitos, na perspectiva de diferentes culturas, capacitando o estudante a entender melhor a si mesmo, suas crenças e culturas. Fasheh acredita que o currículo ajudará a "humanizar a Matemática", pois criará um vínculo entre ciência, tecnologia e outros aspectos sociais e culturais da sociedade. O mais importante, para ele, é lutar contra o que considera três dos maiores males de nosso tempo: o absolutismo, a intolerância e a ignorância.

Um aspecto importante que deve ser valorizado no ensino da Matemática, é a enculturação, ou seja, o pensamento livre e crítico. Entretanto, atualmente, devido aos ataques sofridos pela educação e a pseudo autonomia das instituições de ensino, estimular o pensamento crítico tornou-se um problema cuja origem é externa à sala de aula. As dificuldades ampliam-se quando a população é manipulada e menosprezada por suas origens. Um povo que não tem identidade, aceita ser escravizado. Portanto, a escola deve ofertar uma educação libertadora, formando cidadãos capazes de pensar e agir frente aos problemas do contexto no qual estão inseridos.

Nos espaços socioeducativos fica evidente que as práticas de um grupo cultural são prescindidas pela aprendizagem. Ao considerar a feira como um desses espaços socioeducativos, cultivamos a agricultura familiar, a comercialização, a identidade e os saberes dos feirantes. Essas práticas representam para feirante o estimo em partilhar com a população o processo cultural que se origina nas vivências de cada um deles, experiência que certamente adquirem com seus antepassados e são fundamentais para manutenção da cultura.

Dessa forma, no espaço socioeducativo da feira do produtor, a agricultura familiar/ comercialização das mercadorias é praticada pelos feirantes e seus familiares com autoridade, com sapiência experienciada entre os clientes e fregueses da feira, onde segundo Silva e Severino-Filho (2017, p. 212), como um local em que as atitudes de interações, as teias, as tramas da cultura que um povo produz, são difundida por meio dos seus saberes e fazeres.

CAPÍTULO 2

METODOLOGIA DE PESQUISA

Inicialmente, de acordo com o planejamento elaborado no projeto de pesquisa, nosso ponto de partida seria a sala de aula. Escolheríamos os sujeitos de pesquisa entre os alunos da escola, selecionando aqueles que tinham familiares feirantes e que participavam de suas atividades na feira. Entretanto, por conta da pandemia de Covid-19, com a suspensão das aulas presenciais, foi necessário fazer um redirecionamento.

Então, para o desenvolvimento da pesquisa, realizamos um estudo dos cenários constituintes e constituídos pelos diferentes personagens que habitam a Feira Central de Tangará da Serra – MT. O estudo foi categorizado nos moldesde pesquisa qualitativa e estruturado nos pilares da etnografia.

Para Geertz (2019, p. 10), “a cultura não é um poder, algo ao qual podem ser atribuídos casualmente os acontecimentos sociais, os comportamentos, [...] ela é um contexto, algo dentro do qual eles podem ser descritos de forma inteligível, isto é, descritos com densidade”. Segundo o autor, “praticar a etnografia é estabelecer relações, selecionar informantes, transcrever textos, levantar genealogias, mapear campos, manter um diário, e assim por diante” (GEERTZ, 2008, p. 4). Diante disso, no percurso da pesquisa, observei a rotina, a cultura e as matemáticas que se experienciam no ofício de feirante.

Realizei observações e registros em diários de campo, fotos, gravações, entrevistas não estruturadas e conversas informais, por meio das quais coletei depoimentos que contribuíram para a compreensão e interpretação das práticas sociais e culturais dos feirantes da cidade de Tangará da Serra – MT. Observei o ambiente da feira, o movimento das pessoas (fregueses e feirantes) que ali frequentam, os gestos, o olhar, o diálogo entre o feirante e o freguês e vice-versa. O contato com o campo de pesquisa ocorreu entre os anos de 2020 e 2022.

Além disso, dialogamos com autores por meio do estudo bibliográfico, com ênfase nos referenciais que fazem apontamentos à cultura de espaços como a feira para comercialização de produtos provenientes da agricultura familiar, entre outros teóricos.

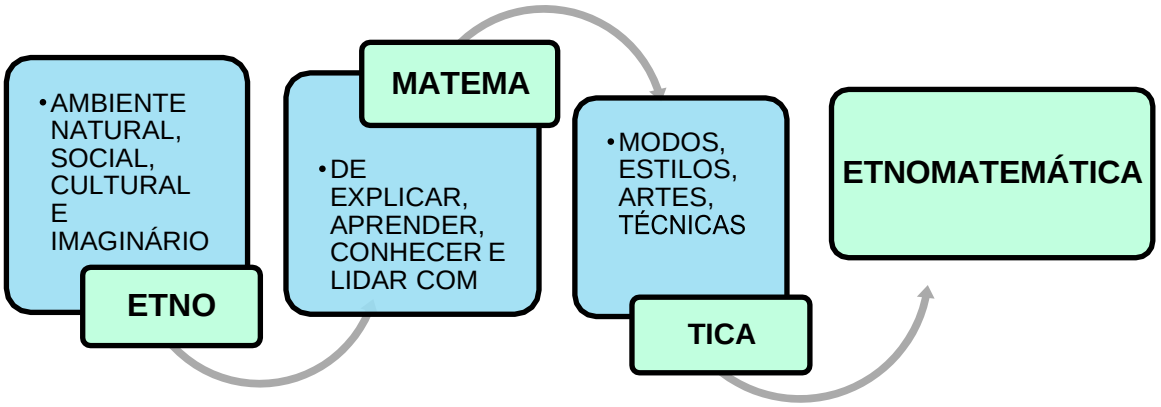
Como se trata de uma pesquisa qualitativa, que não assume uma verdade absoluta, cada vivência etnográfica é única, nova e sempre acrescenta algo. Deixar a realidade etnográfica dizer como ela é, permitiu-nos sentir afetados pelo local da feira, nos dias de domingos e quartas-feiras. Assim, foi possível descrevê-la densamente, colocando em palavras toda a experiência etnográfica que, por todos os meus sentidos, me interpelou durante as visitas e reflexões sobre o ambiente e seus frequentadores.

A Feira do Produtor de Tangará da Serra (também conhecida como feira central) apresenta grande representatividade cultural para a população tangaraense. As vivências desse povo misturam-se com a história da cidade, ou seja, a feira central faz parte da vida da população desde a emancipação de Tangará.

Os saberes que acompanham as gerações de feirantes e a essência do vínculo existente entre feirante e freguês que estão arraigados nos costumes do povo tangaraense. Nesta feira, concentra-se a maior parte dos pequenos produtores da região e, consequentemente, é onde há mais jovens em idade escolar ou que já finalizaram o ensino básico que ajudam seus familiares em suas atividades nafeira. Esse foi um fator fundamental para esta ser a feira escolhida como alvo da pesquisa.

Notar e descrever esse enredo do ambiente sociocultural da feira traz a vontade de querer aprender, de saber mais e mais sobre tudo que move esse povo, dos modos e técnicas usadas. O sentimento do etnógrafo é de que sem o outro não somos, nesse mundo, ninguém. E para D'Ambrosio (2020, p. 2), "a aventura da espécie humana é identificada como a aquisição de estilos de comportamento e de conhecimentos para sobreviver e transcender nos distintos ambientes que ela ocupa". Como descrito no anagrama da Figura 2:

Figura 2 - Transcendência dos saberes etnomatemáticos em grupos culturais



Fonte: Adaptado de D'Ambrosio (2020, p. 2).

A partir de então, vendo suceder o que chamaria de "pulsar da vida", acometeu-me algumas tensões, talvez associadas ao momento pandêmico vivido, pensando na aproximação direta com os feirantes. Mas, como afirma Geertz (2018, p. 25), "essas inquietações nunca desapareceram por completo". Permaneciam, ainda, outras inquietações como, por exemplo, o fantasma da subjetividade, que abatia meu olhar etnográfico, pois a visão é falha e não consegue captar todos os detalhes importantes numa etnografia, nem dá conta de interpretá-los em suas várias tramas de saberes e fazeres.

Foi então que, após me distanciar por um curto período, refletindo através das leituras, retomei a pesquisa utilizando a estratégia da "metáfora da câmera do meu olhar", de Severino-Filho (2015, p. 846). O autor apresenta uma ilustração sobre como se deu sua iniciação no campo, na intenção de retratar o contexto em que seu olhar se aproximou e permitiu submeter-se ao olhar dos diferentes personagens da comunidade pesquisada.

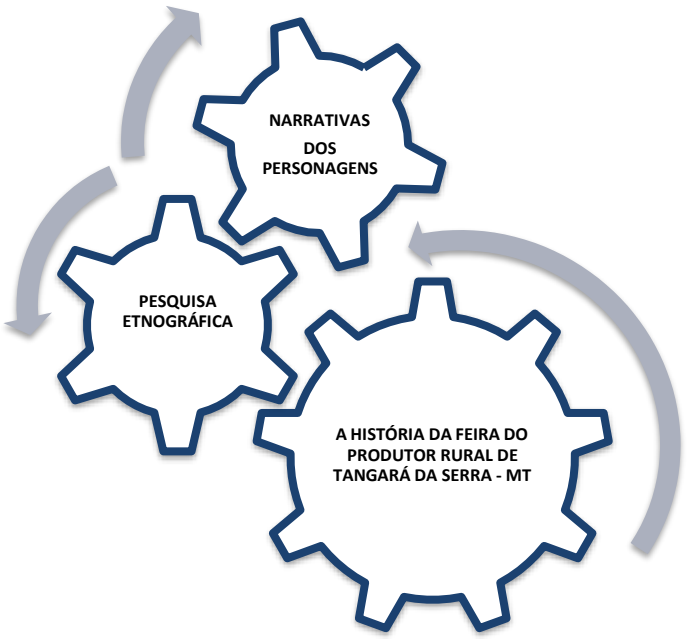
A metáfora da câmera do meu olhar é um ponto enriquecedor do pesquisador, que mostra maneiras de desenvolver a prática etnográfica, em uma postura humilde, inspiradora, partindo de um modo singular de olhar a vida, o ambiente e o outro. Tudo isso, durante um processo de desconstrução, para que, ao entrar em contato com outra cultura, o estranhamento entre ambas as partes não causem interferências no campo de pesquisa. Somente assim, o pesquisador pode observar,sentir e descrever a realidade como ela é, sem julgamentos.

Considerando que, na presença de um outro que é estranho ao grupo

(pesquisador), o sujeito pesquisado (feirante) poderia modificar suas condutas e disfarçar seus valores, a frequência na feira fez com que eu fosse, aos poucos, incluída na rotina dos feirantes, tornando acessível a produção das informações. No trajeto da pesquisa, registrar os fatos de modo a não produzir efeito no sujeito e no ambiente investigado foi desafiador, pois a maior parte do tempo da pesquisa foi contemplação. A maneira como as relações se conectam entre os fregueses e entre os próprios feirantes é própria de um povoado que trabalha mutuamente em prol de todos.

Falar da cultura dos jovens e seus familiares, ouvir e escrever com a experiência etnográfica vivida durante o período da pesquisa possibilitou-nos, como pesquisadores, “simplesmente nos colocar por detrás dos ombros do ‘nativo’, sem que isso influencie as próprias ações desse nativo”, como cita Castro (2008, p. 83). Ou seja, por entre os ombros do sujeito feirante, fomos desvelando, como aprendizes do conhecimento, a construção da história textualizada dos feirantes, que foi representada no anagrama da Figura 3:

Figura 3 - Metodologia de Pesquisa usada na feira



Fonte: Autora da pesquisa (2021).

A partir daí, o ato de estar presente no campo de pesquisa, observando e registrando tudo, se tornou um afago para meus sentimentos de pesquisadora. Antes, eu ainda não estava segura de como praticar a etnografia e acredito que sempre haverá certa insegurança ao olhar para um novo campo, uma nova cultura,

repletos de novas descobertas vindas de todos os lados. Entretanto, ali na feira, eu já lidava melhor com essa posição de estranha pesquisadora.

Assim, a pesquisadora em mim floresceu e o objeto de estudo foi mostrando as direções da pesquisa. Quando me permiti experienciar aquele ambiente com todos os meus sentidos, e ao dispor da “câmera do olhar” em posse dos diferentes habitantes da feira, foi possível perceber um pouco mais o que cada personagem me dizia a partir de suas narrativas.

As fases da vivência etnográfica, no período da pesquisa, estão sendo representadas no anagrama da Figura 4, desde as primeiras observações:

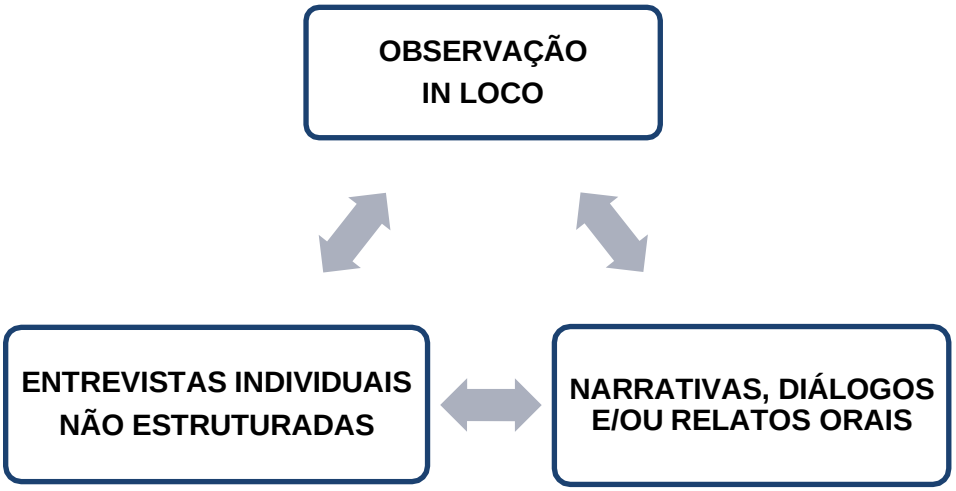


Figura 4 - Vivências Etnográficas

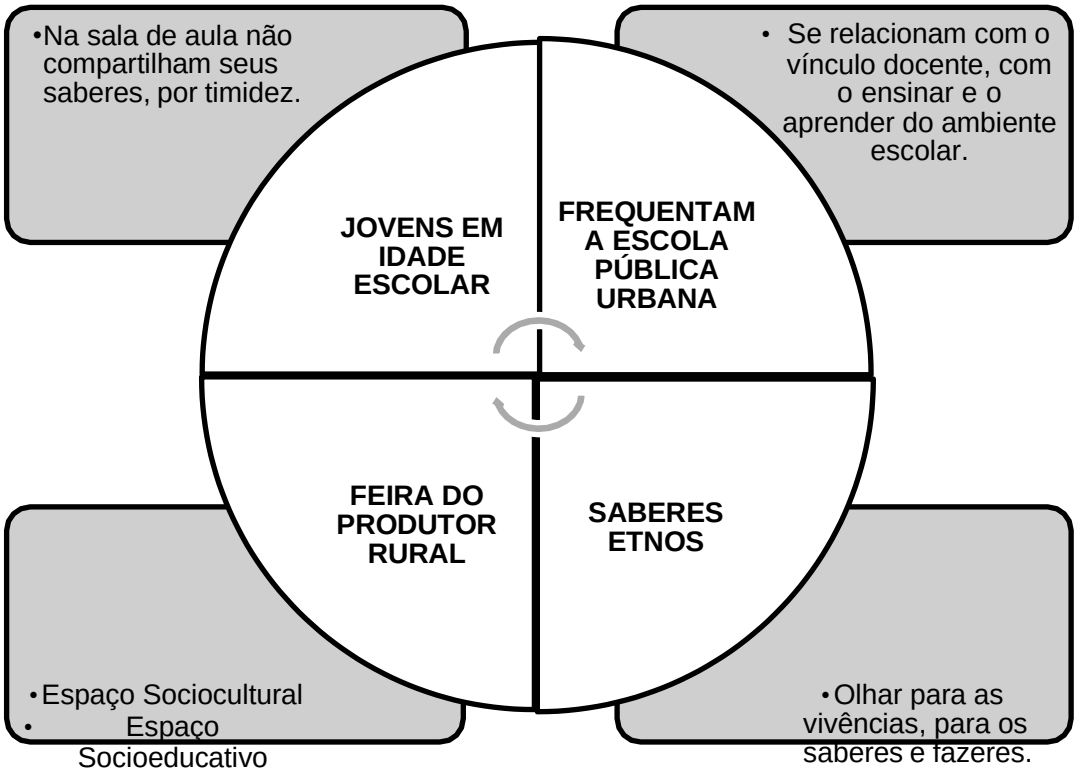
Fonte: Autora da pesquisa (2021).

A produção de informações ocorreu desde o ano de 2018, com a ideia do projeto. O ato de ir à feira passou a ser realizado com outro olhar, na atenção com o ambiente, com a rotina dos feirantes, com a cultura do local, com a descoberta de mais e mais jovens em idade escolar que comungam junto aos seus familiares dos saberes de feirante. A princípio, fiz somente observações e anotações no caderno de campo. A pesquisa tomou forma e foi planejada para ocorrer em 2020 e 2021. Com o início da pandemia de Covid-19, foi necessário fazer modificações no projeto de pesquisa, especialmente na metodologia, para que a realização do trabalho obedecesse às orientações de biossegurança que a situação exigia.

A relação entre a escolha dos personagens participantes da pesquisa está

projetada na Figura 5.

Figura 5 - Projeto dos Personagens Participantes da Pesquisa



Fonte: Autora da pesquisa, 2021.

Como exposto anteriormente, na fase de planejamento, tínhamos a intenção de iniciar a pesquisa no chão da escola, selecionando sujeitos que participavam das atividades de suas famílias na feira e estavam presentes em meu cotidiano docente, nos quais eu notava vergonha de expor seus conhecimentos e de falar das práticas aprendidas no leito familiar com o ofício de feirante. Após o redirecionamento metodológico, iniciamos a pesquisa com as observações na feira, e os sujeitos foram surgindo durante esse processo, como os diferentes personagens que habitam aquele contexto. E então, fomos em busca de conhecer os cenários que os envolvem e os saberes e fazeres praticados na feira.

A pesquisa de campo foi dividida em quatro etapas sistemáticas, sendo as três primeiras durante a fase explanatória, a saber: na primeira etapa, nos primeiros meses, houve os percursos e observações; posteriormente, na segunda etapa, os primeiros contatos diretos e gravações; a terceira etapa ocorreu com as primeiras entrevistas; e a quarta etapa foi a fase descritiva, na qual ocorreu o aprofundamento

e consolidação das informações, por meio de novas entrevistas e observações.

Iniciei as entrevistas informais após a aprovação no comitê de ética, em abril de 2021, com todos os cuidados necessários. A realização das entrevistas se deu conforme o tempo e as possibilidades de cada participante. Concomitantemente, continuavam as observações, os registros de imagem e as anotações no caderno de campo, registrando os fatos relacionados à harmonia do local e suas relações, identificados a partir da vivência etnográfica.

Na fase explanatória houvera intercorrências que foram ajustadas com as visitas à feira. Aos olhares de fiscalização da vigilância devido aos decretos relacionados à prevenção da Covid-19, em alguns momentos, senti que os feirantes me viam como se fosse uma fiscal. Isso causou um prolongamento da primeira fase, até que pudéssemos retomar a naturalidade do local. Minha frequência na feira foi se “normalizando” após passar um período sem capturar imagens ou gravações. Foi uma etapa delicada, que durou 3 meses (abril, maio e junho de 2021).

No quarto e quinto mês de pesquisa (entre junho e julho de 2021), ainda na fase explanatória, o foco era a aproximação natural com os personagens participantes, e tivemos os primeiros diálogos. Porém, a pesquisa foi suspensa por uma quinzena, devido aos abalos vivenciados por mim, pessoalmente e como pesquisadora, ao registrar tantas perdas e tristezas dos feirantes nesse período crítico da pandemia.

A retomada ocorreu no mês de setembro, e essa foi a fase mais linda, de entrega e acolhimento no espaço sociocultural da feira, junto aos feirantes. E foi nesse momento de doação e sensibilidade de ambas as partes que a fase descritiva foi realizada. Para cada participante da pesquisa, esse foi o momento de reviver a história. As entrevistas não estruturadas e os diálogos ocorreram com a alegria no olhar trazida pelas lembranças. Era, também, a busca de uma “virada de página” em relação ao momento vivido com a Covid-19.

A fase de aprofundamento e consolidação das informações, isto é, a fase descritiva, na qual ocorreram entrevistas com os feirantes, junto as observações e gravações das famílias que produzem na agricultura familiar para comercialização, assim como sua relação com os atravessadores[2], foi a etapa mais longa da pesquisa.

[2] Categoria de trabalhadores da feira representada por aqueles que não são pequenos produtores rurais, mas compram deles para revender na feira, com um preço um pouco mais alto que os demais.

Além de respeitar o tempo e o espaço de cada participante, nos encontrávamos frente ao “novo normal”, devido à pandemia da Covid-19, e isso exigia ainda mais cuidados, que foram, em todos os momentos, respeitados. Apesar dos contratempos, foi possível que os feirantes expressassem suas experiências diante deste desafio.

Durante essas etapas, estávamos sempre atentos aos imprevistos, por se tratar de uma pesquisa qualitativa e etnográfica, tendo assim a necessidade de, às vezes, designar novos trajetos, tais como a realização de novas entrevistas. O processo de observação com registros de relatos espontâneos foi crucial para o seguimento da pesquisa, pois, em todas as fases, os feirantes foram incrementando as informações, a partir de diálogos estabelecidos naturalmente, independentemente da realização de entrevistas programadas.

Para melhor detalhar a exposição dos fatos e adequação da pesquisa, fazemos algumas observações importantes sobre a abordagem explanatória e descritiva do estudo. Como instrumento de produção de informações, ocorreram algumas entrevistas individuais, com perguntas abertas e pensadas após o período de observações e registro no caderno de campo. As observações foram pertinentes durante todo trajeto da pesquisa.

As entrevistas não estruturadas foram importantes para esclarecimento de curiosidades sobre os relatos de cada participante, ou mesmo ações e fatos observados na rotina da feira, como forma de cultivar com naturalidade as narrativas peculiares de cada personagem da pesquisa, para conservar a cultura e a historicidade de cada família que, juntas, construíram e permanecem na história da feira do produtor rural de Tangará da Serra.

As narrativas marcaram todos os momentos da investigação, repletos de sensibilidade e emoção, nos relatos aleatórios ou mesmo nos diálogos marcados nas entrevistas. Esses relatos orais, que surgiram em momentos aleatórios aos marcados para as entrevistas, fundamentaram a triangulação, com as dúvidas perspicazes do período de observação, complementando as entrevistas abertas.

Os diálogos informais foram pontos fundamentais, pois ocorreram antes e depois das entrevistas marcadas. Nos primeiros contatos com os feirantes, que

---

Também existem os atravessadores que compram as mercadorias e revendem para os feirantes, que,por sua vez, repassam para o consumidor final.

aconteceram sem o compromisso posteriormente estabelecido entre pesquisadora e pesquisados, criou-se laços de afeto, intimidade e empatia entre ambas as partes. A escuta sensível e o olhar atento a cada gesto e ação dos participantes, entre si e com os fregueses que frequentam o local, foram momentos de grandes descobertas para a pesquisa etnográfica, uma vez que propiciaram a descrição densa dos acontecimentos do ambiente sociocultural da feira.

Para Castro (2008, p. 84), “escrever uma etnografia seria, portanto, mediar uma relação de poder, seria criar, ajustar e transformar a realidade pesquisada, ao mesmo tempo em que se busca uma verdade absoluta que não existe”.

A pesquisa conta com o Programa Etnomatemática, abordado por D’Ambrosio como “[...] um programa de pesquisa para entender as ticas de mathema em diferentes ethnos” (FANTINATO; FREITAS, 2018, p. 28). Nele, buscou-se o suporte para entender as concepções, os desafios de investigar a geração, a organização e difusão do conhecimento, bem como os resultados das dinâmicas culturais nos encontros de diferentes gerações.

Nesse sentido, encontramos na Etnomatemática embasamentos acerca dos saberes e fazeres matemáticos dos jovens e seus familiares feirantes, vislumbrado o sentido horizontal (exposição mútua de culturas diferentes) e vertical (gerações diferentes num mesmo ambiente cultural) da pesquisa (FANTINATO; FREITAS, 2018, p. 29).

É importante ressaltar que, no ambiente da Feira do Produtor de Tangará da Serra, encontrei variedades de produtos comercializados, muitos que não provém da agricultura familiar. Devido a isso, optamos por não nos referirmos a eles como produtores, mas, como trabalhadores da feira/feirantes. Desse modo, buscamos envolver, de uma maneira geral e inclusiva, todas as formas de comércio e ganho para o sustento, uma vez que o alunado e seus familiares fazem parte de todo o contexto deste ambiente.

CAPÍTULO 3

A FEIRA NA HISTÓRIA DA HUMANIDADE: Espaços de encontros e trocas

Os historiadores afirmam que eventos sociais semelhantes às feiras como conhecemos hoje existem desde 500 a.E.C., em algumas civilizações antigas, como a fenícia, grega, romana e árabe. Segundo Carvalho (2022), a partir do renascimento comercial e urbano no século XI, começou, na Europa, uma transformação na economia, na vida social e, principalmente, na paisagem urbana. As feiras eram, geralmente, realizadas nos burgos (núcleos populacionais que surgiram nas cercanias dos castelos). Esse movimento social foi modernizando em vários aspectos e conserva a cultura da comercialização popular em ruas.

3.1 O início da Feira Central de Tangará

Não há uma data específica registrada, mas os feirantes veteranos contam que a feira central de Tangará da Serra existe há mais de 40 anos. Teve seu início a partir da necessidade dos pequenos produtores rurais de comercializar as mercadorias produzidas em seus sítios e chácaras. Em 1976, o município deTangará da Serra foi emancipado, e a feira central foi crescendo junto com a cidade.Na Figura 6, é possível observar como era a feira central de Tangará da Serra no ano de 1994, antes da construção da sua cobertura.

Figura 6 - Sequência de imagens da Feira Central de Tangará da Serra em 1994



Fonte: Arquivos da ASFET, com imagens capturadas de vídeo.

Os feirantes e pioneiros que viviam da agricultura familiar na cidade traziam seus produtos e acomodavam-se da maneira como as condições permitiam. Na época, não havia organização de estruturas físicas nem administrativas. Os produtos eram expostos como cada um conseguia. Sem uma liderança oficial, o costume era um ajudar o outro. Com o tempo, o local se mantinha o mesmo, mas as bancas eram cobertas com lona ou montadas sobre carrocerias de charretes.

Após aproximadamente 15 anos, com a necessidade de oficializar lideranças para representar os feirantes, as reivindicações de melhoria, regulamentação da feira perante o setor público e órgãos competentes, foi criada a Associação dos Feirantes de Tangará da Serra (ASFET). A existência de um órgão regulamentador da feira não reduziu a união, o companheirismo e a responsabilidade mútua entre osfeirantes. Pelo contrário, foi com todas essas qualidades de uma cooperativa unida que conquistaram o tão esperado barracão coberto.

Para a construção, os feirantes tiveram de desocupar o local, então transferiram suas bancas para o pátio em frente à antiga prefeitura da cidade, próximo à rotatória principal. Após muitas promessas não cumpridas por diferentes atores políticos, o barracão da ASFET foi finalizado e os feirantes puderam usufruir da nova estrutura, que proporciona maior organização e conforto para os feirantes e fregueses.

A Feira do Produtor Rural de Tangará da Serra teve sua regulamentação a

partir da Lei nº 866, de 06 de abril de 1993, aprovada pela Câmara Municipal de Tangará da Serra, sancionada pelo então prefeito municipal, Saturnino Masson, que dispõe:

> Art. 1º Fica criada a Feira do Produtor Rural, com funcionamento às quartas-feiras, na sede do Município de Tangará da Serra.
> Art. 2º Para comercialização de seus produtos terão acesso os produtores do Município previamente cadastrados.
> Parágrafo único. Caberá à Prefeitura Municipal, através da Secretaria Municipal de Agricultura, em conjunto com a
> Associação de Hortifrutigranjeiros e Piscicultores de Tangará da Serra, a comprovação da qualidade de Produtor Rural para cadastramento.
> Art. 3º A Secretaria Municipal de Agricultura e a Associação referida no Parágrafo Único do artigo anterior, sem prejuízo da fiscalização do órgão de vigilância sanitária do Município, manterão fiscalização quanto à qualidade e padrão de higiene dos produtos.
> Art. 4º A Prefeitura Municipal, através dos órgãos competentes, procederá à demarcação das áreas destinadas a cada feirante.
> Art. 5º A Secretaria Municipal de Agricultura e a Associação de Hortifrutigranjeiros e Piscicultores de Tangará da Serra elaborarão Regimento interno, disciplinados do funcionamento da Feira do Produtor, a ser aprovado por ato do Executivo Municipal.
> § 1º A Secretaria Municipal de Agricultura e a Associação de Hortifrutigranjeiros e Piscicultores de Tangará da Serra, gestores da Feira do Produtor, terão um prazo de 30 (trinta dias) para elaboração e aprovação do Regimento interno, bem como para o cadastramento dos produtores.
> § 2º Os feirantes, cadastrados até a data da vigência desta Lei, terão prazo de 30 (trinta dias) para novo cadastramento, observados os requisitos aqui estabelecidos.
> § 3º Todo o produtor cadastrado pela Secretaria e devidamente aprovado, deverá ser encaminhada cópia do contrato à Câmara Municipal.
> Art. 6º Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.
> Prefeitura Municipal de Tangará da Serra, Estado de Mato Grosso, 06 de abril de 1993. (SOUZA, 2016).

Com a Lei nº 866/1993, a comercialização na Feira do Produtor Rural foi devidamente regulamentada, com direito à fiscalização e comprovação da qualidade dos produtos comercializados, cuja responsabilidade de supervisão é da Prefeitura Municipal, através dos órgãos competentes.

Passados dez anos da regulamentação da feira municipal, foi oficializada, por meio de votação, a primeira chapa representante da ASFET. O Sr. Dircionil Pereira Freitas foi legitimado como o primeiro presidente da feira, mantido por quatro mandatos consecutivos, sendo interrompido por motivos de saúde e, posteriormente, seu falecimento, em agosto de 2011. Essa fatalidade trouxe outras lideranças para gerir a associação e, no início das minhas visitas à feira como pesquisadora, o presidente era o Sr. Pedro José de Freitas.

Durante o tempo da pesquisa, houve nova eleição, que tornou o Sr. Valdeci

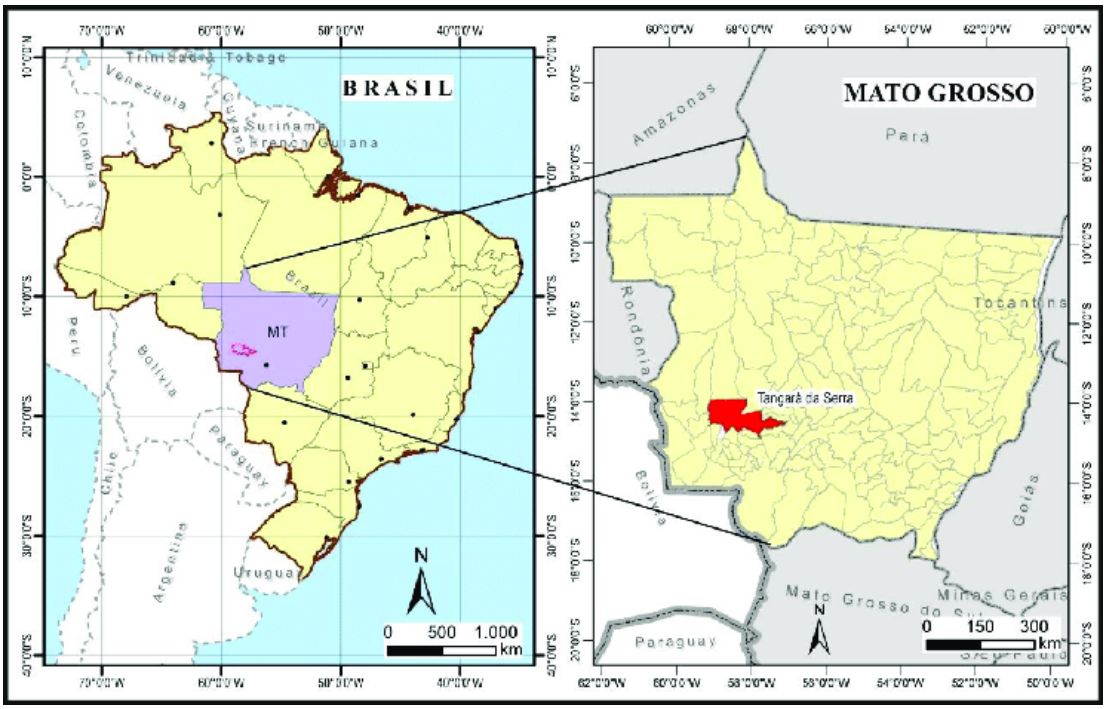
Ferraz Aquino o atual presidente da ASFET. Para ele, "*a feira do produtor representa a agricultura familiar da cidade, uma atividade cultural bem brasileira que leva alimento à mesa da sociedade tangaraense.*

Recentemente, a Feira do Produtor Rural completou 28 anos, desde sua regulamentação. No ano de 2017, contava com a participação de 318 feirantes, mas esse número chegou a mais de 350, segundo informações do atual presidente da ASFET.

3.2 Localização e Delimitações da Feira Central

Tangará da Serra é um município do sudoeste do estado de Mato Grosso e localiza-se a 253 km da capital, Cuiabá, como mostra a Figura 7. Segundo as informações obtidas no *site* da Prefeitura Municipal, o município foi criado no dia 13 de maio de 1976 e, de acordo com a estimativa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2021, sua população era de 107.631 habitantes.

Figura 7 - Mapas com a localização da cidade de Tangará da Serra



Fonte: CRUZ (2020).

No mesmo *site*, afirmam que o Município de Tangará se sobressai por seu rápido crescimento populacional e econômico, tendo os setores de serviços, agricultura e agroindústria como principais motores econômicos. Cerca de 90% da

população reside na zona urbana da cidade. O perfil populacional de Tangará da Serra é caracterizado por movimentos migratórios de diferentes épocas e estados, principalmente das regiões sul e sudeste, e alguns Estados do Nordeste.

Na cidade de Tangará da Serra há, ao todo, três feiras em funcionamento. A Feira Central dos Pequenos Produtores, a Feira da Vila Alta e a Feira de Frutas e Verduras do Distrito de Progresso. A imagem da Figura 8, a seguir, mostra a localização das três feiras.

Figura 8 - Mapa das feiras de Tangará da Serra



Fonte: *Google Maps*, adaptado pela autora (2022).

Como podemos observar na imagem, as feiras estão em pontos distintos da cidade. A existência de outras feiras não diminui o valor cultural da feira central, pelo contrário, agrega novas experiências, oportunidades de trabalho e qualidade de vida para a população e para os feirantes.

O Distrito de Progresso é pertencente a Tangará da Serra, e a feira de lá funciona diariamente, com exceção de alguns domingos. Diferente das feiras do interior da cidade de Tangará, a principal característica da feira do Distrito de Progresso é que as bancas são dispostas às margens da Rodovia MT – 358, que liga o distrito à cidade. A distância da feira do Distrito do Progresso à cidade de

Tangará da Serra é de aproximadamente 16 km.

A Feira da Vila Alta foi batizada com o nome do bairro ao qual é integrada. Aberta tradicionalmente aos sábados, das 13h às 21h, ela é a única feira que tem atendimento noturno, fato que faz toda diferença aos visitantes e fregueses. Existe há poucos anos na cidade e, no início, o perfil da feira lembrava muito o começo da feira central, pois havia algumas bancas cobertas de lona, enfileiradas paralelamente à rua. Atualmente, após as reivindicações para ter um local apropriado, conta com o barracão coberto, inaugurado no início do ano de 2018. Essa conquista ocorreu com o apoio dos feirantes, que se organizaram administrativamente, formando a Associação dos Feirantes da Vila Alta (ASFEALTA).

Para descrever a localização da Feira do Produtor de Tangará da Serra (também conhecida como feira central), a feira escolhida como alvo desta pesquisa, farei uma breve explicação sobre a organização da cidade de Tangará da Serra após sua emancipação, em sua organização geográfica, a cidade foi dividida estrategicamente em formato de plano cartesiano.

Na rotatória central, que intercepta as Avenidas Brasil e Tancredo de Almeida Neves, está o marco inicial, a origem. No sentido para quem chega na cidade, trafegando pela Avenida Tancredo de Almeida Neves, do lado esquerdo temos o 1º quadrante, e nele situa-se o setor S (ponto de referência: Banco do Brasil); do lado direito temos o 2º quadrante, nele situa-se o setor E (ponto de referência: INSS), mantendo ao lado direito, logo abaixo temos o 3º quadrante, nele está situado o setor N (ponto de referência: Caixa Econômica) e, por fim, a parte a baixo da avenida do lado esquerdo temos o 4º quadrante que situa o setor W (ponto de referência: Antiga Prefeitura, atual Samae, Samu e Procon).

Dentre os quatros setores mencionados, a localização das feiras ASFEALTA e ASFET pertencem ao 1º e 3º quadrantes, respectivamente, como podemos observar na imagem da Figura 9:

Figura 9 - Localização da ASFET e ASFEALTA em quadrantes, no mapa da cidade



Fonte: *Google Maps*, com adaptações da autora (2022).

O barracão da feira central pertence ao setor N, e ocupa todo o espaço de um quarteirão. Tem como delimitações as ruas 7 (Rua Antônio José da Silva), 24 (Rua José Cândido Melhorança), 9 (Rua Antônio Hortolani), e 26 (Rua Célso Rosa Lima).

Na parte interna, o espaço físico demarcado a cada feirante, bem como as regras disciplinadas ao funcionamento da Feira do Produtor, foram estabelecidas juntamente com a Secretaria Municipal de Agricultura e a Associação de Hortifrutigranjeiros e Piscicultores de Tangará da Serra, com a elaboração do Regimento Interno. A Figura 10, no mapa, apresenta as orientações geográficas do barracão da Feira do Produtor de Tangará da Serra.

Figura 10 - Visão de satélite da feira central de Tangará da Serra.



Fonte: *Google Maps*, com adaptações da autora (2022).

As feiras estão presentes nas comunidades urbanas e trazem com elas os traços do regionalismo de cada lugar, que ainda é impregnado de saberes culturais comuns. Enfatizar a importância desses saberes que transcendem gerações, desde os povos antigos, é manter viva a cultural universal de cada região.

3.3 Outras Feiras, outras histórias

A Feira mais famosa

No Brasil, uma das feiras mais tradicionais está localizada na Cidade de Belém do Pará. É a histórica feira do “Ver-o-Peso”.

Na sua Dissertação de Mestrado, Lima (2008) apresenta a feira do Ver-o-Peso, contando um pouco sobre a história de Belém do Pará, e os primeiros bairros que deram origem à feira, no século XVII. A autora mostra, em sua pesquisa de abordagem etnográfica, o patrimônio cultural dos trabalhadores de Ver-o-Peso, a feira mais famosa de Belém do Pará. Na pesquisa, ela se refere aos feirantes como categoria de trabalhadores, para envolver de maneira geral e inclusiva todas as formas de comércio e ganho para o sustento.

Na Ver-o-Peso, as redes de relações, o compartilhamento de atividades, experiências e códigos percebidos levaram a considerar esses trabalhadores como um grupo social. Esse patrimônio cultural brasileiro foi reconhecido por meio do tombamento, em 1977, como conjunto arquitetônico e paisagístico. Isso constitui elemento agregador para esse grupo social, fator de pertencimento e identidade coletiva, que é detentor de valores e significados, ainda que, raramente, seja percebido ou identificado por esses trabalhadores dessa forma.

Percebe-se, no trabalho, o cuidado, a importância, o valor histórico, social e cultural que esses trabalhadores têm em relação à feira do Ver-o-Peso. A venda das mercadorias, antigamente, era feita numa relação direta com o consumidor, que adquiria os produtos nas embarcações. Hoje, isso quase não acontece. As vendas são feitas nas barracas e, lá, vendem tanto no atacado como no varejo, abastecendo muitos pontos comerciais de Belém, inclusive outras feiras, mercadinhos e mercearias.

Nessas ocasiões de vida coletiva, percebe-se que a etnografia realizada em mercados e feiras constitui um fato recorrente: a troca, não apenas de bens materiais e imateriais, mas também de ideias e valores, numa relação indissociável de práticas

sociais e relações articuladas com o espaço e o tempo, produzindo significados e memorias sociais.

Algumas das práticas sociais, culturais e tradicionais comercializáveis no conjunto Ver-o-Peso são: manipulação de ervas; a extração e preparo de produtos da mandioca, que fazem parte da culinária local; praça de alimentação com comidas típicas; venda de artesanatos, assim como a matéria-prima para a confecção, etc.

Assim, percebe-se que a riqueza desse trabalho está nos significados impregnado em objetos, nos gestos, palavras e atitudes desse grupo social e dos indivíduos que integram essa vivência, com seus vínculos e experiências cotidianas, para fins de aprender a dinâmica social desse lugar, o sentido, a essência das coisas e as formas sociais vivenciadas por esse grupo de característica peculiar. Portanto, é possível verificar que ao redor de práticas e sentimentos consolidados em torno de uma percepção e uma vivência de interesses comuns é que se constrói e consolida a identidade do trabalhador do conjunto Ver-o-Peso.

De geração a geração esse legado é o responsável, juntamente com aqueles que o preservam, reinterpretam e transmitem, pela manutenção da "essência" do Ver-o-Peso, assim como pelo sentido de pertencimento e identificação de seus trabalhadores com esse lugar ao longo dos anos. Sendo assim, a despeito da negligência por parte de muitas instituições, esses trabalhadores e trabalhadoras preservam sua cultura, mantém seu patrimônio histórico valorizado e abrem oportunidades para novas fontes de pesquisas, enriquecendo os saberes sociais e culturais do local.

A Etnomatemática no espaço de uma feira agroecológica: (re)conhecendo saberes e fazeres locais

Na Dissertação de Mestrado “A etnomatemática no espaço de uma feira agroecológica: (re)conhecendo saberes e fazeres locais”, Antunes (2021) apresenta uma investigação realizada no espaço de uma feira agroecológica, na cidade de Foz do Iguaçu – PR, onde, a partir de sua ótica de professor-pesquisador, descreve os saberes e fazeres dos feirantes, identificados no contexto cultural da feira e em suas práticas tradicionais.

No seu trabalho, o autor direciona um dos capítulos para apresentar ocontexto histórico da cidade e como se relaciona com a feira. Posteriormente, mostra

os atores da feira, ou seja, os feirantes e seus saberes e fazeres. Por fim, direciona o foco de suas reflexões aos saberes e fazeres locais, expondo o conhecimento na prática diária.

Nesse sentido, Antunes (2021, p. 69) destaca “elementos da cultura matemática existentes nessa feira agroecológica, vivenciada por seus atores, ou seja, alguns dos saberes e fazeres locais, próprios daquele espaço socioeconômico e daquelas pessoas”, resultando numa percepção etnomatemática contextualizada, própria dos feirantes e motivada pelo seu ambiente natural, social e cultural da feira. Traços que, segundo o autor,

> se identifica em cada transação comercial que acontece, na escolha da época adequada para os plantios, na preparação dos produtos e seus derivados, na organização espacial, nas conversões de moedas, nos sistemas de medidas próprios, entre outros (ANTUNES, 2021, p. 7).

Em sua pesquisa, o autor mostra, também, diferentes aspectos dos feirantes, tais como: os produtores rurais que também são dedicados comerciantes, que visam no ofício de feirante melhores perspectivas de vida, não como uma oportunidade de sobrevivência. Fica evidente que os feirantes têm intenção de se aperfeiçoar, diversificar os produtos ofertados e almejam, realmente, por meio da feira, conseguir proporcionar melhores condições de vida para si e para seus familiares, sem deixar de pensar no bem-estar de seus clientes. São características assim que emergem a cultura existente e mostra as peculiaridades das feiras agroecológicas em nossos país.

Outra característica relevante, presente na identidade dos feirantes, é a disposição para frequentar outras feiras e vender suas mercadorias. Além disso, dividem “a carga horária de trabalho, entre cultivar, produzir, transportar e vender” (ANTUNES, 2021, p. 70), sendo evidente o cansaço e, ao mesmo tempo, a dedicação da carga horária extensiva ao ofício da profissão, mostrando que desde os preparativos à realização, eles vivenciam a feira continuamente.

A forma de comercializar mostra domínio e agilidade com o raciocínio matemático, rompendo estruturas convencionais. Além disso, mostra os conhecimentos que acumulam, tais como plantio, período cíclico, colheita, os benefícios medicinais de plantas e ervas; a habilidade em se relacionar com os clientes, ensinando o que sabem e de se relacionar entre eles, feirantes, entre os parceiros sitiantes, prevalecendo sempre a ética e respeito ao próximo.

Desse modo, as peculiaridades vão evidenciando a cultura do feirante nos diversos espaços socioeducativos, que são inerentes ao ofício da profissão, em que cada um tem suas vivências, hábitos, costumes e usos próprios que, juntos, constituem a riqueza dos saberes e fazeres do feirante. Fato que mostra a etnomatemática própria desses indivíduos, motivada pelo seu ambiente natural, social e cultural.

Sobre o livro Etnomatemáticas em vários contextos

O Livro “Etnomatemáticas em vários contextos”, de Mattos (2020), mostra resultados de pesquisa em espaços socioeducativos que contextualizam a etnomatemática presente na agricultura familiar no país, a fim de gerar “reflexões sobre as práticas docentes, especialmente no que tange à valorização dos aspectos socioculturais de cada povo” (MATTOS, 2020, p. 10).

O segundo capítulo deste livro apresenta a Pesquisa Etnomatemática na Cultura do Abacaxi. Mostra “distintas possibilidades de contextualizar a Matemática escolar com as diferentes manifestações matemáticas existentes e desenvolvidas cotidianamente em cada um dos grupos socioculturais apresentados” (MATTOS, 2020, p. 15). Nesse viés, os autores desejam evidenciar que muito se pode fazer quando abordamos a cultura dos alunos em sala de aula.

Os autores dialogam sobre a pesquisa realizada com agricultores na Colônia Agrícola do Matapi, no município de Porto Grande, no Estado do Amapá. “Eles buscaram entender as estratégias matemáticas usadas por esses agricultores em seus trabalhos, e que podem subsidiar o ensino de matemática em escolas rurais, por meio de situações-problemas que envolvam um contexto real”. (MATTOS, 2020, p. 22).

Portanto ao considerarmos trabalhos realizados em outros espaços socioeducativos, evidenciamos os saberes e fazeres que emergem em outros locais e inspiraram a pesquisa. Além disso, enfatiza a importância da cultura e a mantém viva em lugares que divergem em vivências, porém convergem e subsidiam as peculiaridades existente nas feiras agroecológicas e em outros espaços socioculturais existente em diversas regiões do nosso país.

CAPÍTULO 4

AS TRAMAS QUE TECEM A FEIRA DO PRODUTOR DE TANGARÁ DA SERRA

As práticas desenvolvidas pelos feirantes são demasiadamente valorosas para a população, não só devido às necessidades sociais, mas, também, pela capacidade de produzir e ofertar o conhecimento da cultura e da identidade, que estão atrelados à etnomatemática com as vivências dos feirantes. Tudo isso, na maioria das vezes, passa despercebido pela população local. Para melhor detalhar a exposição dos fatos e a adequação da pesquisa, apresentamos, na sequência, as tramas que tecem a feira do produtor de Tangará da Serra, bem como os saberes oriundos do ofício dos diferentes personagens que habitam o ambiente da feira.

Como já mencionado, a maior parte da pesquisa aconteceu em meio à pandemia de Covid-19, então, é fundamental expor como se encontrava a feira com os impactos do período pandêmico, e antes, como mostra a Figura 11.

Figura 11 - A Feira do Produtor Rural de Tangará antes da pandemia da Covid-19



Fonte: Dados da pesquisa (2019).

Como mostra a Figura 11, antes da pandemia, com o barracão de portas abertas, os feirantes e fregueses lotavam a feira. No início da pandemia, o primeiro

impacto foi grande para os feirantes. Eles ficaram três semanas sem comercializar seus produtos na feira. Alguns pequenos produtores de hortaliças encerraram suas atividades na feira devido aos prejuízos nas vendas e perdas das mercadorias. Outros conseguiram se manter, pois tinham melhor estrutura para ofertar vendas na modalidade *online*, com o serviço de disque-entrega.

No total, a feira ficou fechada por seis semanas, e no patamar em que se encontrava a pandemia, já sabendo que esta não retornaria ao normal tão cedo, os feirantes se viram pressionados pelas necessidades da população querendo comprar, e as deles, precisando vender. A perda de frutas, verduras e hortaliças aumentava a cada dia. Por isso, alguns feirantes resolveram vender seus produtos por conta própria, colocando as bancas improvisadas e carros na parte externa do barracão da feira, mesmo contra as normas do decreto vigente naquele período, como mostra a imagem da Figura 12.

Figura 12 - Imagem da Feira do Produtor Rural de Tangará da Serra, durante a pandemia



Fonte: G1.globo.com (abril, 2020).

Podemos verificar as motivações no noticiário local, com a reportagem de Reichert (2020):

> Depois do decreto municipal que prorrogou o fechamento do comércio até o dia 20 de abril, em Tangará da Serra, feirantes montaram bancas do lado de fora do barracão onde, em dias normais, funciona a feira livre, mas que agora está fechado.

> [...].
>
> O decreto assinado pelo prefeito Fábio Junqueira proíbe a comercialização de produtos no município para evitar a proliferação do novo coronavírus. A determinação é que as feiras também permaneçam fechadas.
>
> Conforme o decreto, só poderão funcionar mercados, farmácias, panificadoras, laboratórios e postos de combustíveis.

Para o funcionamento posterior da feira central, os representantes da associação dos feirantes tiveram que entrar num acordo junto com a prefeitura e a vigilância sanitária da cidade. Nesse acordo, além de garantir as medidas de biossegurança, a ASFET deveria contratar guardas para trabalhar no monitoramento da feira, controlando a entrada e saída de pessoas pelos acessos do barracão, evitando aglomerações, sempre com uso de álcool gel e aferição da temperatura.

Essas medidas foram cumpridas, porém, a reabertura da feira ainda esbarrava numa cláusula do decreto estadual que tratava do funcionamento de comércios essenciais, conforme mostrou a reportagem (REICHERT, 2020). Para solucionar essa situação, os dirigentes da ASFET foram forçados pelo decreto estadual a modificar a razão social da Feira do Produtor Rural de Tangará da Serra para Mercado Municipal.

Para retornar ao funcionamento da feira durante a pandemia, observa-se que as “estratégias versus táticas” (Certeau, 1994) adotadas pelos feirantes, foram práticas de resistência no âmbito da comercialização dos bens perecíveis e de sobrevivência diante dos imprevistos, do ônus de tempo e espaço que direcionaram as mudanças e readaptações para manutenção das vendas. Compreendendo estratégias e táticas, nas palavras de Certeau (1994) como:

> Chamo de “estratégia” o cálculo das relações de forças que se torna possível a partir do momento em que um sujeito de querer e poder é isolável de um “ambiente”. Ela postula um lugar capaz de ser circunscrito como um próprio e, portanto, de servir de base a uma gestão de suas relações com uma exterioridade distinta.
> Denomino, ao contrário, “tática” um cálculo que não pode contar com um próprio, nem portanto com uma fronteira que distingue o outro como totalidade visível. A tática só tem por lugar o do outro.” * Ela aí se insinua, fragmentariamente, sem apreendeê-lo por inteiro, sem poder retê-lo à distância. Ela não dispõe de base onde capitalizar os seus proveitos, preparar suas expansões e assegurar uma independência em face das circunstâncias. O “próprio” é uma vitória do lugar sobre o tempo. (CERTEAU, 1994, p. 46).

Neste caso, o feirante agiu sem possuir um lugar próprio, as táticas foram ações rápidas que visam responder necessidades dinâmicas vivenciadas naquele espaço e tempo. Operando na ordem do contingente, do fragmentário, sendo capaz de responder a uma necessidade de maneira ágil e flexível. Baseando-se no improviso, as ações como feira do lado de fora do barracão, na frente da casa, tele entrega, mudança de nome da feira, são táticas que se infiltram nas brechas, nas rachaduras do sistema, se reagrupa para responder as oportunidades que identifica no espaço sobre o tempo.

A partir de então, a feira voltou a funcionar, sempre sob fiscalização do órgão responsável. Normalmente, a feira central funciona nos dias de quarta-feira e domingo. Excepcionalmente no período pandêmico, houve o funcionamento em algumas sextas-feiras, como forma de diminuir os prejuízos causados pela pandemia e também como opção de controle de aglomerações, por ser um dia a mais para a população tangaraense comprar seus produtos.

No olhar cultural, a feira permanece com os mesmos valores e o nome popular, pois, olhos que olham são comuns, mas olhos que veem são raros. E o costume de ser chamada de feira livre foi mantido. Sobre essa questão, Antunes (2021, p. 32 *apud* MASCARENHAS, 2008, p. 75) comenta:

> Muito antigas e presentes na história da fundação de muitas cidades, sendo responsáveis pelo povoamento de vários locais no interior, as feiras livres são, sem dúvida, parte da paisagem urbana, tanto de pequenas quanto de grandes cidades brasileiras. Estes espaços, conhecidos comumente por feiras, são definidos como uma "[…] modalidade de mercado varejista ao ar livre, de periodicidade semanal, organizada como serviço de utilidade pública pela municipalidade e voltada para a distribuição local de gêneros alimentícios e produtos básicos".

Ao analisar questões burocráticas, tais como modificar o nome da feira, nos faz refletir sobre a insignificância do homem frente aos padrões e regras impostas por ele mesmo para viver em sociedade, "a prisão" do ser humano alienado ao capitalismo, como se "a feira" não fosse, por si, um comércio essencial. Nessa ótica, Weber (1987 *apud* LIMA, 2010, p. 3) acrescenta: "a Modernidade caminharia progressivamente rumo a racionalidade, ao materialismo e à secularização".

Sobre esse momento observado, cabe relatar os sentimentos que emanam do lado de cá, com os fregueses, e de lá, com os feirantes, ambos sentindo falta daquele momento único de andar pelas bancas abarrotadas de mercadorias, prontas

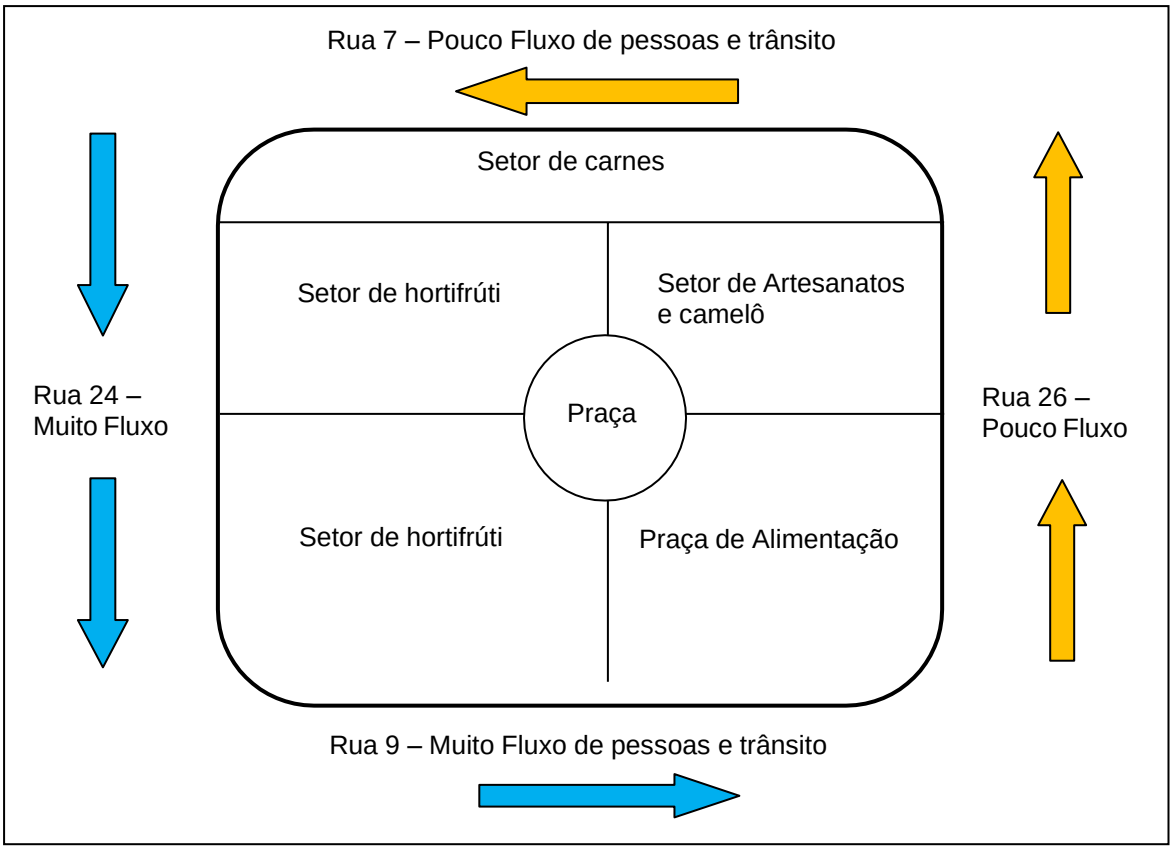
para melhor atender o gosto de cada cliente. Nota-se, ao verificar as palavras de Reichert (2020):

> O movimento na área externa da principal feira livre de Tangará da Serra começou cedo nessa quarta-feira (1º). Algumas pessoas tentavam se proteger com máscaras, álcool em gel e distanciamento entre eles [...]. Nas últimas três semanas, essa foi a segunda vez que a feira aconteceu do lado de fora. [...] Depois de duas semanas fechada e com prejuízos incontáveis em seu empreendimento, essa foi a reação dos feirantes, como fica notável a importância dessa relação com os fregueses in loco, uma vez que o *disk* entrega e vendas em redes sociais estava acontecendo para alguns feirantes.

Outro fato relevante que se apresenta na imagem é a movimentação em “L” no local em que os feirantes expuseram seus produtos, após a proibição de abertura da feira. Isso ocorreu naturalmente por escolha dos próprios feirantes, mas na essência da localização escolhida há algo a mais e bastante relevante para o tráfego na cidade: a população tangaraense percorre esse espaço nos dias de feira, com a intenção de parar e realizar suas compras.

O respeito dos veículos com o trânsito um pouco mais lento devido ao aumento da locomoção de ciclistas e pedestres, já foi incorporado na rotina da população nestes dias. E, com olhar atento, notei que o congestionamento nessas duas vias ao entorno da feira, também representa o fluxo de pessoas em dias normais de feira, quando as bancas estão em seu interior. Então, a movimentação em “L”, inicia-se pelas vias da rua 24 com a rua 9, ou seja, o movimento em “L” para os veículos, pedestres e ciclistas é semelhante ao dos fregueses que circulam no espaço interno do barracão da feira, como mostra a Figura 13. Assim, nota-se a dinâmica do fluxo em “L”, que ocorre paralelo ao interesse dos fregueses pela mercadoria que vêm comprar, sendo essas vias são as que dão acesso à parte de comercialização de hortifrutigranjeiros e à praça de alimentação.

Figura 13 - Relação cíclica do fluxo de pessoas na feira em “L”



Fonte: Dados da pesquisa, 2021.

Como mostra o diagrama, a clientela que frequenta a feira tem dois focos principais: comprar itens de hortifrúti e tomar café da manhã na praça de alimentação, aos domingos. No setor de hortifrúti, observamos também o comércio de produtos lácteos, além de frango e ovos caipiras, doces de compota e rapadura, café moído na hora, condimentos, cachaças e licores de fabricação artesanal, conservas, pães, bolos e biscoitos caseiros, etc. É a maior parte da feira, e o acesso é pela rua 24 e pela rua 9, bem como a praça de alimentação tem maior fluxo no acesso da rua 9.

Transitar na simbologia do espaço da feira do produtor é, também, enfatizar a importância e os valores da cultura local, pois ela abre caminhos diversos para cada morador da cidade, seja freguês ou feirante. Para Mattos (2020, p. 97):

> Por intermédio das singularidades culturais inerentes a um determinado povo, emergem questões éticas de respeito e reconhecimento da diversidade, objetivando conhecer para interpretar, instaurando um ambiente harmônico em que todos possam conviver de forma pacífica.

Essa relação é tão intensa nos dias de feira que, no período de fechamento

do barracão da feira, os feirantes ficaram desorientados, sem ação, perdidos em seu meio de vivência. Foi perceptível o desalento de ambas as partes, fregueses e feirantes.

Entre todas as necessidades desse povo, sustentar suas famílias resistindo ao capitalismo é quase desumano, quando expostos as intercorrências da vida, como uma pandemia, este são os que primeiro sentem as dificuldades e as desafiam resistindo da forma que podem. Ao refletir na importância do consumo no sistema econômico de uma sociedade capitalista, Fontenelle (2017, p. 171) diz que “a produção de mercadorias existe com um objetivo muito específico: criar valor, algo que não tem uma existência empírica, mas que é objetivo”, sendo que essa relação social não pode ser vista, tocada ou mesmo sentida diretamente, mas marcam presença objetiva no meio social consumista.

Para Marx (2013, p. 171), o dinheiro como capital “tem sua finalidade em si mesmo, pois a expansão do valor só existe nesse movimento continuamente renovado. Por isso o movimento do capital não tem limites”. Nesses preceitos, o que estava por vir era tempo de recessão, com impactos visíveis aos pequenos produtores e feirantes da cidade, desde a produção até às vendas, devido ao pouco movimento comercial nos dias de feira. Para Marx (2013), a circulação simples de mercadoria, o ato de vender para comprar tem o intuito de satisfazer as necessidades sociais, e assim, é a feira em tempos normais.

Mas, com a crise, boa parte dos feirantes foi aprisionada pelo capitalismo, isto é, quando a circulação simples dá lugar ao capital, o ato de investir dinheiro numa mercadoria sustenta o interesse de ganhar mais dinheiro sobre ela. Isso afetou muitos feirantes no processo de adquirir matéria-prima para o plantio, inclusive, segundo relatos, surgiram com mais frequência os comerciantes que compram mercadorias para depois revendê-las, geralmente, a um preço mais elevado aos feirantes (os denominados atravessadores), pois, no período inicial da pandemia, não houve a circulação simples, fato que prejudicou a todos, feirantes e fregueses, no processo de comercializar.

Olhar para a sociedade do consumo, na ótica do capitalismo, contribuiu no campo ao observar a etnomatemática intrínseca nos saberes que constituem a prática do feirante em pesar, medir, arredondar, efetuar operações, analisar lucro,

prejuízo, dar descontos, negociar, administrar e, ainda, escambar[3] (prática que ainda é recorrente na realidade dos feirantes nos dias atuais).

Podemos observar um pouco do reflexo nessa fase do primeiro ano pandêmico nas imagens da feira (Figura 14), após a reabertura, e os impactos para os feirantes. As imagens são de setembro a novembro de 2020, mas desde junho a feira já estava funcionando, mesmo que num ritmo anormal para os dias não pandêmicos.

Figura 14 - Imagens do movimento reduzido na feira em consequência da pandemia



Fonte: Dados da pesquisa (2020).

Diante desse cenário, descrever esse momento é um tanto desolador. Quero discorrer aqui um pouco do que foi esse ano de 2020 para os feirantes e para os fregueses. Mesmo com a feira mantendo o funcionamento, tudo estava bem longe do normal.

[3] Segundo Dos Santos (2014, p.16) é a simples troca de uma mercadoria por outra, sem equivalência de valor e sem intermediação de dinheiro, que se transformou na primeira manifestação econômica mundial,.

A atividade dos feirantes no barracão da feira se inicia às 5 horas da manhã. Nesse horário, muitos feirantes estão organizando suas bancas com mercadorias. É possível, em alguns dias, notar a chegada alguns clientes logo no início.

Com a pandemia, o movimento nas vendas diminuiu, em vista da redução do fluxo de pessoas. Com os decretos de *lockdown*, os fregueses, em sua maioria pessoas do grupo de risco, ficaram com receio de fazer as compras na feira. Isso perdurou por todo o ano de 2020, foram poucas as flexibilizações dos decretos. Em consequência, o setor alimentício da feira ficou fechado por uns 4 meses e, quando reabriu, foi na modalidade *drive thru*. Os desafios da praça de alimentação em relação a pandemia amenizaram com a flexibilização do decreto municipal, que autorizou a reabertura do setor alimentício para consumo no local, no início de 2021.

Após esse período, muitas bancas enfrentaram o desequilíbrio climático, com dias muito quentes ou frio intenso e, em outras épocas, a escassez da chuva. A crise hídrica afetou os pequenos produtores de verduras e hortaliças. Além desse setor da feira, as pamonharias também foram prejudicadas pelo surto de pragas agrícolasno milho.

Com a falta do milho, os produtores da região e os donos das bancas de pamonhas iniciaram uma saga para compra da matéria-prima de outros estados, afim de reabrir suas bancas. Em paralelo à crise do milho, houve a flexibilização do decreto, permitindo que a população se alimentasse na feira, seguindo as medidas de biossegurança. Porém, as pamonharias tiveram que fechar. As outras bancas (salgados, tapioca, bolos, etc) mantiveram o funcionamento. A partir do dia 20/01/2021, as pessoas passaram a frequentar a praça de alimentação da feira com cautela e respeitando o distanciamento social, como mostra a Figura 15.

Figura 15 - Sequência de imagens da reabertura da praça de alimentação respeitando o distanciamento social devido a pandemia da Covid-19



Foto: Autora da pesquisa (2021).

Nas imagens da Figura 16, notamos algumas bancas fechadas, pois, mesmo com a flexibilização do decreto, a feira não retomou o seu movimento normal no setor da praça de alimentação.

Figura 16 - Imagens das bancas de pamonhas vazias devido à escassez do milho



Fonte: Autora da pesquisa (2021).

Passaram-se cerca de três meses, e o milho continuava escasso. Estava sendo fretado de Cuiabá e depois passou a ser comprado do estado de Goiás. Isso tudo para as pamonharias funcionarem esporadicamente em alguns domingos. As bancas que vendem pamonha são uma tradição da feira municipal de Tangará da Serra. Algumas delas são de produtores de milho que perderam seu plantio, outras compram a mercadoria e produzem os derivados para comercialização na feira. Em

consequência das adversidades no cenário agropecuário nacional, vieram também as dificuldades financeiras, sentidas intensamente pelo pequeno produtor. Isso fez aumentar os preços dos produtos em geral na feira.

Na lógica do capitalismo, a baixa produtividade, com o aumento da demanda, faz o preço das mercadorias subir. Isso já estava sendo imposto nacionalmente a nível de produção industrial. E o pequeno produtor, mais uma vez, sofreu, precisando usar da flexibilidade para superar a crise econômica. Nesse sentido, Weber (1994) é contudente em afirmar que o princípio da lógica econômica só se torna exequível conforme é "determinado pela capacidade e disposição dos homens em adotar certos tipos de conduta racional" (WEBER, 1994, p. 11).

A conduta adotada para o momento era reajustar os preços para amenizar o depreciamento dos produtos que comercializam. Assim, a pamonha, que custava cinco reais, passou a ser vendida por oito reais. A mandioca com casca, que era vendida a dois reais o quilo, passou a ser vendida a quatro reais o quilo. O café passou por dois reajustes em menos de seis meses: 500 gramas custavam dez reais, depois passou a ser quatorze reais e, por fim, vinte reais. Entre outros produtos, como hortaliças, verduras, condimentos, etc.

Os reajustes dos produtos assustou a parcela da população que controla suas economias, mas continuam comprando com frequência na feira pela qualidade dos produtos. O mais curioso é notar que as contestações vindas por parte dos fregueses eram tratadas com seriedade e preocupação por parte dos feirantes. O respeito pelo cliente, em fazê-lo compreender o panorama da situação vivida por aqueles que plantam e colhem na intenção de ofertar o melhor produto, era coerente. Entretanto, esse perfil de consumidor não é visível com frequêcia em produções de larga escala, nos hipermercados, por exemplo. Lá, ninguém analisa o sistema produtivo, compra-se e paga-se o que é pedido, "sem regatear". Nesse sentido SEVERINO-FILHO (2010) fala que:

> A relação que o meio estabelece com os seus habitantes será tão harmoniosa quanto recíproca e revelará sempre um questionamento, uma declaração ou – intencionalmente citada por último – uma resposta à própria ação que estes habitantes desenvolvem quando criam ou reproduzem modos de viver e de interagir com o outro e com o meio. (SEVERINO-FILHO, 2010, p. 64).

Nesse espaço socioeducativo, foi perceptível que o feirante identifica o seu perfil de clientela. Por exemplo, em "tempos normais", a faixa etária idosa que

frequenta a feira entre as 5:00 e 7:00 horas da manhã, é um público fiel ao horário e os feirantes sabem quais produtos eles estimam comprar. Bem como a faixa etária jovem, presente no mesmo horário, é o público que está saindo das festividades dos finais de semana, com destino ao setor da praça de alimentação. Entre os horários de 7:00 e 10:00 horas, o grupo de fregueses que frequentam a feira são as famílias, visitando todo espaço sociocultural e contemplam as apresentações culturais do local, assim como outros fregueses que frequentam a feira nesse horário para aquela prosa com os amigos feirantes. Partindo para o horário final da feira, entre 10:00 e 12:00 horas, o público mais carente visita o local em busca dos produtos promocionais, tentando garantir uma alimentação acessível e de qualidade, sendo sempre bem acolhidos pelos feirantes.

A observação na feira no mês de Julho de 2021 me fez analisar o perfil de cliente que sofre com os abalos da crise econômica. Da praça, observando o movimento em todo espaço da feira, havia poucos clientes, para uma feira dominical. Por volta das 10:00 horas, de repente, aproximou-se de mim uma senhora que aparentava ter uns 68 anos. Com ar de satisfação, ela comentou comigo sobre o atendimento da feira: "*Quem faz o comércio não é a banca exposta, quem faz o comércio é a recepção do vendedor, ele que conquista o cliente".* A partir dessa fala, nota-se que o feirante tem cuidado com sua freguesia, de uma forma tão especial que, muito provavelmente, os clientes foram habituando-se com os valores. Alguns clientes ainda cotam o preço, mas o freguês sempre volta para comprar os produtos daquele feirante.

Ainda sobre o perfil do cliente nas feiras de domingo e de quarta-feira, há diferenças que identificam as necessidades da feira no dia de quarta e aos domingos. Nas quartas-feiras, os clientes que movimentam a feira são os que têm a necessidade de comprar mercadorias específicas, no sentido de abastecer sua casa ou comércio, como, por exemplo, os trabalhadores assalariados e alguns comerciantes de marmitarias/restaurantes.

Há pouca presença de pessoas idosas. Alguns clientes mencionaram que, na quarta-feira, os mesmos produtos expostos no domingo têm uma leve baixa nos preços. Então, considerando o custo benefício, esse é o melhor dia para comprar na feira. Além disso, para alguns clientes (proprietários de marmitarias) o movimento menor oportuniza a negociação de grandes quantidades de mercadorias.

Aos domingos, a movimentação inicia com o café da manhã, nas bancas do setor alimentício, por volta das 7:00 horas da manhã. O movimento não diminui até próximo das 11:00 horas. Os domingos são os dias com maior movimento. Os grupos de pessoas são comuns na feira de domingo, o que mostra a cultura da roda de conversa. E, neste espaço de diálogo, de momento famíliar e/ou entre amigos, o passeio pelas bancas é incontrolável, uma vez que a feira dominical faz parte do pulsar da vida das pessoas que frequentam assiduamente. Esse é o ponto fundamental das feiras aos domingos: o local permanece com a comercialização, num fluxo maior de pessoas, mas com um marco que imprime a diversidade cultural de Tangará da Serra, para a população e para os visitantes.

4.1 A feira voltando ao “normal”

No início do mês de agosto de 2021, houve uma circulação maior de pessoas na feira, aparentando o movimento normal antes do período pandêmico, como mostra a Figura 17. Com o retorno das festas na cidade, a presença dos clientes que passam pela feira no final dos eventos, trás programações diferenciadas. Para essa parte da população, a feira simboliza o final da festa com o pastel e garapa, assim como era antes de 2020.

Figura 17 - Movimento da feira voltando ao “normal” pós flexibilização das restrições da pandemia



Foto: Autora da pesquisa (2021).

Com avanço da vacinação, as pessoas sentiram-se mais à vontade para frequentar e consumir no local. O número de clientes retirando o seu alimento para levar para casa diminuiu. Devido à quantidade de pessoas circulando, era impossível que houvesse o distanciamento recomendado, mas é importante salientar que, mesmo assim, eram mantidas as medidas mínimas de segurança e, com muito cuidado, os feirantes cobravam isso dos seus clientes. Isso era notável em todos os setores da feira, sendo recorrente na praça de alimentação.

No início do segundo semestre, a feira passou por altos e baixos na movimentação. Além da diminuição no movimento de clientes, o número de feirantes nas bancas também reduziu consideravelmente. Muitos feirantes encerraram suas atividades, pelos prejuízos, ou, ainda, por fazer parte do grupo de risco da Covid-19. No período mais crítico, mais de 60 bancas pararam de funcionar (Figura 18). Em toda essa fase, foi possível somente observar, sentir o local e contemplar o que ele tinha a oferecer.

Figura 18 - Imagens das bancas fechadas na pior fase da pandemia da Covid-19



Fonte: Autora da pesquisa (2021).

Houve fechamento de bancas em quase todos os setores da feira. No setor de frios, carnes e peixes, por exemplo, chegou a faltar 5 comerciantes até o início do segundo semestre de 2021, de um total de 20 bancas destinadas a esse setor. Esses feirantes tem um perfil de resistência, demonstram foco e determinação em suas projeções. Com a queda nas vendas, devido ao aumento no preço da carne, muitos preferiram pagar a mensalidade da banca para ASFET e preservar o ponto, aguardando um equilíbrio no cenário econômico para retornar às atividades.

Na parte dos frios e do frigorífico, a maioria dos feirantes vive de vender carnes caipiras, aquela que produzem nos sítios, como porco, salame, banha, peixe de tanque e carne bovina. Temos registros da história de feirantes desse setor, a serem expostos ainda nesse capítulo, sobre os saberes e fazeres de uma jovem

chamada Daniela. Ela vivencia, com sua família, a experiência das vendas na banca de carne suína desde muito pequena. A família é pioneira na feira e, atualmente, só mãe e filha dão sequência às vendas, fato que será relatado logo.

O lidar com o cliente nessa sessão da feira é diferente das outras. As pessoas param em busca de comprar uma carne fresca que, em sua variedade, é produzida pelo pequeno produtor, em seu sítio. Há alguns atravessadores nessa sessão, e essa categoria representa a maior parte da bancas vazias, pois não conseguiram se sustentar com a revenda de carnes e frios produzidos em larga escala, provavelmente devido ao aumento do preço da carne.

Ainda nesse setor, existe outro perfil de atravessador, que é típico das feiras em geral. Aqueles que compram de outros sitiantes para revender na feira. Esses negociam diretamente com o pequeno produtor e conseguem se manter. Como exemplo, cito aqui a banca da Dona Silvana, mãe de Daniela. Nela, encontramos carnes que, na linguagem do sitiante, o sistema de produção é caipira, isto é, com alimentação extensiva, plantio da roça, no sítio, sem uso de ração. Na banca dela também tem a carne de porco produzida em larga escala, com sistema de produção intensiva, uso de ração e confinamento.

Encontrar com meus alunos e ex-alunos nas bancas era comum, durante as imersões no ambiente da feira, pois, os familiares precisaram muito da ajuda deles durante o período da pandemia, para não expor aqueles que eram do grupo de risco. Os jovens marcavam maior presença aos domingos, o que fazia com que houvesse um maior número de bancas em atividade. Em dias de quartas-feiras, esses alunos frequentavam as aulas *online* e, muitas vezes, não podiam estar presentes na feira.

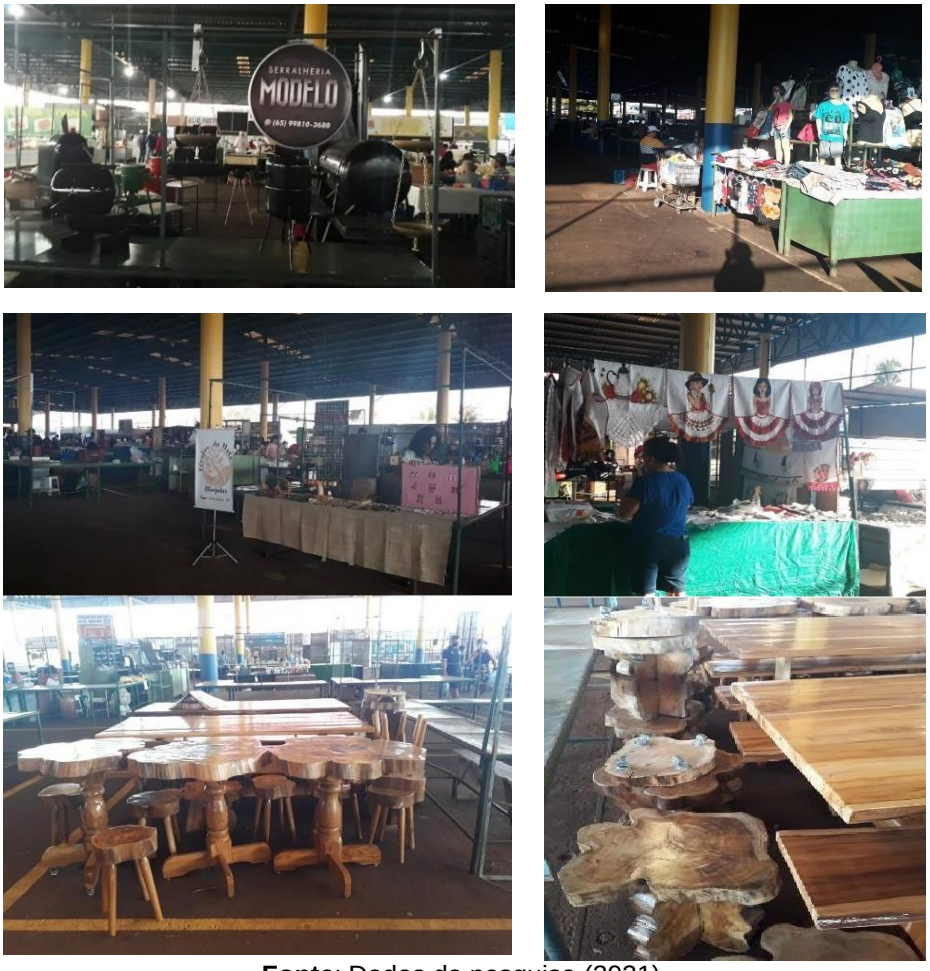
A participação dos jovens nas vendas evidencia a união, a vivência na comercialização que passa pelas gerações, além dos saberes de manipular a matéria-prima, de expor e vender os produtos, e a prática de lidar com os clientes.

Observa-se que o vínculo é fortalecido no leito familiar e respeitado no relacionamento entre os feirantes e frequentadores da feira, uma vez que, nessas relações, há encontro entre pessoas que são conhecidas do pai/mãe, avô/avó, e também, de colegas que são frequentadores da feira junto aos seus familiares, e buscam comprar nas bancas dos amigos de escola.

Venho, agora, apresentar algumas informações que evidenciam a importância de outro setor da feira: o de comercialização de artesanato e camelô. Dentre os

setores observados, essa talvez tenha sido a parte mais afetada pela pandemia. Nele, há uma variedade de mercadorias. É composto pelas bancas de roupas, calçados, brinquedos, eletrônicos, variedades de artesanatos e utensílios domésticos, como retratado na Figura 19.

Figura 19 - Sequência de imagens do setor de artesanato e camelô



Fonte: Dados da pesquisa (2021).

O *standard* exposto ao lado da banca de bijuterias indica “compre aqui”. As bancas desse setor tem um modo peculiar de dispor os produtos, não sendo vista em nenhum supermercado, loja ou *shopping*. É próprio das vivências, dos saberes e fazeres aqui apreendidos, que carregam a marca das feiras, do “girar da roda gigante” no comércio popular, que nesta seção, especificamente, a cada ciclo que se completa, vem sempre outro, ampliando a experiência desse povo.

As observações no setor de artesanato e camelô foram realizadas aos domingos, dia que havia mais bancas expostas. Nesta parte da feira, não notei a

presença dos jovens ajudando suas famílias. O que há são muitos atravessadores que vêm sentindo as interferências do capitalismo com a queda nas vendas, sofrendo os agravos do período pandêmico e da economia. A história de uma senhora que tem banca de artesanato e está ativa na feira será contada em sua ótica desafiadora em se manter resistente.

Esse setor ocupa menos de 25% da feira, uma parcela pequena que teve o maior número de bancas fechadas permanentemente. Enquanto os outros setores da feira vem apresentando recuperação, neste há muitas bancas vazias. Essa é a parte que mais sofre com a alta do dólar e com a crise financeira nacional, pois geralmente comercializam produtos importados.

Há pouca circulação de pessoas interessadas nos produtos ofertados, vistos como não essenciais. Por isso, nesse setor, provavelmente, ocorrem vendas pontuais, que resultam na falência de muitos comerciantes. Em razão disso, este é o setor que mais tem revezamentos de bancas, ou seja, poucos trabalhadores tem seu ponto fixo.

Há domingos que têm muitas dessas bancas vazias, e também há dias que elas estão com outros produtos sendo comercializados, misturando-se ao setor de hortifuti. Essa sessão da feira reduziu tanto a quantidade de feirantes, que chegou a ficar com apenas oito bancas ativas. O movimento de clientes oscila muito. O fluxo aumenta quando ocorre os acontecimentos sociais ou datas especiais como o dia das mães, dos pais e das crianças.

Nessa parte da feira está a banca do seu Zé raizeiro (*in memoria ao Sr. José Pereira Neto)*. Ele era uma figura ilustre, de muita sabedoria em relação à manutenção da boa saúde por meio dos medicamentos naturais. Para ele, “o pulsar da vida está na natureza e no zelo dela”. Infelizmente, ele teve sua vida ceifada no início do ano de 2021 e, atualmente, sua esposa e filha seguem na feira com os saberes e fazeres deixados por ele. Elas comercializam as raízes e ervas medicinais nas feiras de quartas e domingos, e nos outros dias da semana permanecem com o atendimento ao público em uma localização própria, no mesmo local que seu Zé raizeiro atendia.

Ainda, no início de agosto de 2021, o retrato das aflições perambulavam pelos corredores da feira. A imagem era de bancas vazias na praça de alimentação e também do setor de artesanato e camelô. Essas idas e vindas do fluxo de pessoas

refletem diretamente na renda do feirante. Para alguns, são incontáveis os prejuízos, sem possibilidade de retomar as vendas na feira; para outros, ainda pairam as expectativas do ciclo de produção, como por exemplo a safra do milho, matéria-prima tão desejada pelas pamonharias para “pôr a mão na massa”.

Abro, nessa fase, uma lacuna, devido a ser um dos momentos iminentes entre pesquisadora e pesquisados, no qual todos os abalos vividos até então se somaram, e foi preciso recuar por cerca de três semanas. Me imputava a impotência ao refletir sobre as perdas de pessoas e o sofrimento desse povo. Com o início da retomada próximo do “normal”, veio junto o receio de reaproximar-me. Senti que invadia o espaço deles, que inibia o jeito espontâneo com que tradicionalmente se expressavam. Com a vacinação e trabalhando a minha mente para continuar a rotina de imersões no ambiente da feira, retornei para a vivência intensa, agora cheia de incógnitas para serem decifradas e interpretadas no diálogo com os feirantes.

Sendo assim, para o mês de agosto de 2021, retornando a pesquisa no último final de semana, foi perceptível o quanto a feira é repleta de saberes e fazeres. Na dinâmica nas vivências, a vida fluiu neste lugar de forma tão natural que nem mesmo a pandemia, nem as crises ambientais e econômicas conseguiram conter este pulsar da vida. Ainda que sofrendo reflexos negativos das idas e voltas dos trabalhadores e fregueses da feira, as evidências mostravam tendências de melhora no fluxo de frequentadores desse espaço.

Passada uma semana, já no mês de setembro, a única banca de pamonha funcionando era a do Daniel. Ele comprava o milho do Estado de Rondônia, o terceiro Estado para o qual os trabalhadores recorrem para esta compra, após Goiás e São Paulo. Uma semana depois, observei a assiduidade dos jovens no ofício de feirante, ora como ajudantes dos pais/avós, ora como relação de trabalho e contribuição com uma banca vizinha a de sua família. Para eles, a tendência é de progredir as vendas. Se mostram otimistas quando mencionam que “o pior já passou”, confiantes de que, para a semana seguinte, as vendas fossem melhores. Para Freire (2013, p. 24) podemos fazer de um problema, objeto de nossa reflexão, onde espera-seà medida que se começa a busca, pois não seria possível buscar sem esperança. Nessa esperança de dias melhores para o feirante, na ótica de Freire (2013, p.42):

> A percepção ingênua da realidade, da qual resultava uma postura fatalista — condicionada pela própria realidade —, cede seu lugar a uma percepção capaz de se ver. E se o homem é capaz de perceber-se, enquanto percebe

> uma realidade que lhe parecia “em si” inexorável, é capaz de objetivá-la, descobrindo sua presença criadora e potencialmente transformadora desta mesma realidade. O fatalismo diante da realidade, característico da percepção distorcida, cede seu lugar à esperança. Uma esperança crítica que move os homens para a transformação.

Nessas condições a postura diante da fatalidade condicionada à própria realidade do feirante, foi cedendo lugar a uma percepção capaz de se ver e ter esperança de dias melhores.

A propensão positiva, desta vez, deve-se pelo início da produção de milho para alguns dos pequenos produtores do município, etapa que marcou a volta de muitas bancas de pamonhas e derivados do milho, no fim do mês de setembro de 2021. Os feirantes voltaram a ativa, passando a ter mais de 20 bancas na praça de alimentação. Esse setor não estava 100% funcionando por conta de algumas bancas de pamonhas que não são de produtores de milho e compram a matéria-prima de atravessadores.

Como podemos notar, em todos os espaços da feira, tanto o feirante como o freguês são personagens importantes para que ocorra o pulsar da vida. Nem o sofrimento vivido nesse período deixou que sobressaíssem pensamentos pessimistas. A resiliência presente na vivência deles é a marca dos feirantes que estão presentes em cada dia de feira com a vontade de continuar, mesmo assumindo os riscos do prejuízo, com a falta da vendas, entre outras perdas incontáveis.

Porém, tais conjunturas não assolam somente o feirante. Durante uma observação numa manhã de domingo na praça central da feira, uma senhora, que deveria ter por volta de 75 anos, sentou-se num dos bancos. No primeiro momento, passou-me a ideia que o local escolhido por ela era para o descanso, mas ela contava seu dinheiro, entre notas e moedas, para ir comprar sua mercadoria. Quando comprava, retornava ao local, sentava-se e contava novamente, paraverificar se podia levar algo a mais.

Fez isso umas três ou quatro vezes, o que nos faz refletir sobre uma hipossuficiência de renda da população. A cena remete às muitas famílias que precisam fazer a contabilidade para compra de produtos essencias à alimentação. A má distribuição de renda e o alto custo de produtos básicos recorrente do descontrole inflacionário são fatores escusos associados ao descaso político nacional que expõe as pessoas à crise humanitária. Nessa conta, para as pessoas de baixa renda,

sabemos que entram produtos considerados essenciais. Logo, esse é o tipo de freguês que vem buscar um produto de melhor qualidade para manutenção da boa saúde, num valor acessível, comparado com supermercados.

O diferencial evidente na feira é a intimidade do cliente com o feirante. Cada freguês negocia diretamente com o comerciante, o que não ocorre em comércios de grande porte, como supermercados e hipermercados. Em relação à qualidade do produto para o consumo, é intríseco que os cuidados com as mercadorias produzidas no campo, pelo pequeno produtor, têm apreço e zelo. Na produção em larga escala, geralmente, precisam de estímulos extrínsecos, garantindo grandes quantidades para comercialização nos mercados, como ponderado pelos clientes na feira.

Para o cliente, essa relação com o pequeno produtor é valorosa, uma conexão harmoniosa que se apresenta desde outrora, quando os camponeses produziam e negociavam ao preço das necessidades para a sobrevivência de cada um, comerciante e freguês. Foi possível notar que o escambo ainda é presente na feira nos dias atuais, em meio ao capitalismo, ele existe, resiste e é visível de forma singular na vida dos feirantes e seus fregueses. Segundo Dos Santos (2014, p. 16) foi da necessidade de permutar entre si produtos, objetos ou até serviços que surgiu a primeira regra econômica, o escambo. Uma prática milenar que se mantém atualmente como permante busca pela sobrevivência no convívio em sociedade.

Fatos assim foram observados ao final da feira, geralmente após às 11:00 horas. Percebi essa movimentação e, consequentemente, a presença de clientes que desejam produtos com baixo preço, em liquidação, promoções como “pague um leve dois”, ou mesmo trocas entre os pequenos produtores. Para PERKTOLD (2008), havia confiança quando se tratava de trocas entre conhecidos e vizinhos, onde:

> Nelas eram “contabilizados” o que o seu vizinho devia ao outro, provavelmente acordavam como seria paga a diferença no futuro e havia a confiança de que isso seria cumprido. Numa linguagem moderna, nascia o crédito, cuja etimologia é “confiança” entre as partes. Esta, como se sabe, é sempre depositada, conquistada ou perdida. (PERKTOLD, 2008, p. 16).

Portanto, o escambo, na sua forma atual de acontecer, continua a privilegiar os trabalhadores da feira que vendem produtos perecíveis, além de favorecer os fregueses que compram a preços acessíveis e conseguem negociar produtos pelos valores que podem pagar. O que, infelizmente, é minoria e não satisfaz ao modo de vida da sociedade, com suas divisões de classe, regras e imposições.

Ao observar os saberes e fazeres dos trabalhadores da feira, avançando entre os meses de setembro e outubro, notei algumas proposições para refletir no sentido da palavra “trabalho” para os feirantes e seus familiares. Para eles, vale a máxima “o trabalho dignifica o homem”, pois isso os faz sentirem-se àvidos com os compromissos e suas responsabilidades familiares. Logo, não podem parar de trabalhar, porque boa parte são pequenos produtores que não desenvolvem atividades paralelas para garantir renda. No ofício de feirante, o trabalhador precisa driblar os riscos da perda dos produtos perecíveis, da falta de renda e de não honrar as dívidas de custeio do ciclo produtivo.

As consequências da pandemira da Covid-19, e o necessário combate a ela, ainda desestruturam os trabalhadores da feira. É sabido que a pandemia não findará em paralelo aos problemas causados por ela. Existem outras motivações que contribuiram para o prolongamento da crise. O aumento no preço dos produtos, por exemplo, veio como “efeito dominó”. Na feira, foi sentido por todos, com evidências nítidas na praça de alimentação.

Com o aumento excessivo do milho, os reflexos foram sentidos no preço da pamonha, além de outras bancas que vendem os produtos à partir da compra da matéria-prima, como as bancas de salgados, tapiocas e lanches. Esse foi o único setor da feira proibido de retornar junto com os outros nos períodos de aumento dos casos da Covid-19.

Além disso, ainda no mês de setembro, houve a atemorização da greve dos caminhoneiros, o que afetou a entrega da melancia, entre outros produtos, prejudicando os atravessadores. Notei que, com tal acontecimento, a relação do freguês com o feirante é de alteridade e empatia. Na maior parte das vezes, compartilham as dificuldades vivenciadas, numa relação de harmonia e fidelidade na escolha pelos produtos da feira. Esse fato se confirma na escuta sensível dos fregueses com os clientes numa manhã de domingo. Na banca de melancia, um freguês disse: “*vamos levar mais uma, tem poucas, mas estão frescas*”.

Nesse dia, havia poucas bancas na feira. Em outro local, na sondagem dos reflexos da greve dos caminhoneiros, notei, numa banca de bananas, o freguês comprando variedades da fruta. Ele pediu bananas que estivessem esverdeadas, mostrando que não queria levá-las maduras, e logo foi providenciado ao gosto do freguês. Assim, essa relação se repete em diversos diálogos observados entre

freguês e feirante. É comum a frase: “*Leva mais um produto que lhe dou desconto*”. Nesse rol, o feirante conquista o freguês, atendendo-o de forma peculiar.

É fundamental destacar aqui duas personagens, que farão parte da historicidade da feira: Dona Fátima (a Fatinha) e Dona Devani, que fazem parte do quadro de feirantes com as vendas de condimentos, temperos, ervas, entre outros. Nossa conversa surgiu da minha curiosidade em saber um pouco mais desses conhecimentos praticados aqui na feira e da relação delas com atravessadores, uma vez que elas compram uma parte das mercadorias para revenda. Elas gentilmente aceitaram dialogar, demonstrando, mais uma vez, a atenção dos trabalhadores com as pessoas que frequentam a feira.

4.2 A arte e a cultura da feira

Mediante as intempéries vivenciadas pelos feirantes no período pandêmico, foi possível captar momentos positivos que prevaleceram no local, mostrando outra face cultural da feira. No ambiente, também predomina a arte. Na amplitude do barracão, podemos contemplar duas telas de paisagens da cidade tangaraense expostas no teto. Além de bancas de artesanato em tecido, arte na madeira trabalhada ou rústica, plantas e vasos de cimento de fabricação artesanal, entre outros.

Os detalhes observados são convidativos do espaço cultural, implícitos num local de comercialização de produtos da agricultura familiar. O barracão tem a distribuição logística do ambiente no formato cartesiano, com a praça circular no centro, onde ficam localizados alguns bancos, o relógio visível a todos, feirantes e fregueses, algumas caixas de som para amplificar os anúncios direcionados, geralmente feitos pela ASFET e, ainda, uma televisão, que permite ao feirante acompanhar informações do campo produtivo regional e nacional, tais como: o preço da saca de café, milho, feijão, arroba do boi, entre outros.

Figura 20 - Sequência de imagens das artes presentes na feira



Fonte: Dados da pesquisa (2021).

Aos domingos, antes da pandemia, a cultura ganhava um brilho maior com apresentações do Grupo de Capoeira Capuerê - Associação Cultural de Capoeira. Durante a pandemia, o grupo não pôde se apresentar aos visitantes da feira. No dia 25/07/2021, organizaram uma apresentação, depois de meses sem acontecer, como pode ser visto na Figura 21.

Figura 21 - Sequência de imagens da apresentação do Grupo de Capoeira Capuerê



Foto: Dados da pesquisa (2021).

Nesse espaço, é essencial evidenciar a capoeira, que sempre fez parte das feiras aos domingos antes da pandemia. No período pandêmico, não aconteceram com frequência por conta da aglomeração do público que prestigia a arte, a dança e a música, ao som do berimbau. As apresentações engrandecem os dias de feira, como mostram as imagens da Figura 22, acrescentando diversidades etnoculturais.

Figura 22 - Sequência de imagens dos instrumentos de capoeira e da roda



Foto: Dados da pesquisa (2021).

A capoeira mistura emoções que embalam a feira num ritmo subliminar ao som do pandeiro, berimbau, ganzá, agogô, reco-reco, atabaque, das palmas e das cantigas que movimentam e trazem arte para feira. O grupo de capoeira Capuerê tem seu espaço registrado no barracão da feira. No local que fazem suas apresentações aos domingos tem uma pintura da roda e, ao centro, o registro com o nome do grupo. Está localizado na esquina da Rua 7 com a Rua 9.

Em dias “normais”, é perceptível a movimentação, a partir das 10 horas da manhã, do grupo Capuerê. É de suma importância evidenciar esse momento vivido, em que predomina a prática da diversidade no local, onde apresentam-se homens, mulheres, idosos, crianças, adolescentes, cadeirantes, gestantes, e toda essa mistura etnoracial e etnocultural, vista na Figura 23, e que trás à mostra o que representa este local para a cultura do povo.

A arte da capoeira vai além do que os olhos podem captar, do que os ouvidos podem ouvir, do que os sentidos podem sentir. O toque dos instrumentos, os gestos e movimentos, a emoção, tornam impossível detalhar o encantamento. A capoeira representa a força do coletivo, onde o berimbal toca e integra a dança na roda. Faz entender que a apresentação de capoeira é um marco cultural da feira mais antiga da cidade.

Figura 23 - Sequência de imagens representando a diversidade na capoeira



Fonte: Dados da pesquisa (2021).

A população, em suas visitas às feiras dominicais, assim como os feirantes, prestigiam as apresentações do grupo, juntos, numa harmonização que entoa o cantar da roda e, ao fundo, o diálogo dos feirantes e fregueses. Nota-se que feira é mais do que um local de comercialização. Ela, nos dias de domingo, se mostra como um local que pulsa a arte da música, da dança, da roda de conversa, do encontro com os amigos, como ponto de alimentação, de compra dos hortifrúti, das ervas medicinais, dos utensílios para a casa, das carnes e embutidos dos sítios, produtos da roça vindos diretamente do campo pelas mãos do pequeno produtor. Neste ambiente, emergem diversidades culturais e, em todas facetas que olhamos, evidenciam as aprendizagens matemáticas, tal como se apresentam para cada indivíduo em suas necessidades diárias.

Ao falar da arte na feira, é imprescindível descrever a beleza da natureza local, exposta todas as manhãs: o nascer do sol. Para contemplar o sol ao tocar o chão da feira, é necessário estar bem cedo no ponto central do barracão. No dia 03/09/2021, fui surpreendida, próximo das 6:00 horas da manhã, com este espetáculo. Fiz uma pausa para registrar o momento. Desta localização, a visão contempla todas as

perspectivas do sol trazendo a claridade natural para as bancas e os feirantes. A praça central da feira oferta uma linda visão de como é o amanhecer neste lugar. Fica a disposição para quem desejar parar por alguns instantes e ver a vida dali, da praça central do barracão da feira. É simplesmente encantador, como retratado na Figura 24.

Figura 24 - Sequência de imagens do instante em que o sol toca o chão da feira



Fonte: Dados da pesquisa (2021).

Após alguns minutos, o sol toca plenamente o chão, como se expressasse um “até mais” à madrugada, e um “bom dia” para a manhã, que embala o domingo. No momento do registro, muitos feirantes estavam organizando suas mercadorias. Outros, que chegaram às 5:00 horas da manhã, já haviam expostos os produtos e estavam à espera da clientela.

O sol, de fato, trás luz de esperança e expectativa de ter um domingo bom para as vendas que vêm aquecendo o movimento por esses dias, sendo produtivo também na relação cliente e freguês. Posteriormente, nesse dia, os fregueses de

final de festa chegaram na praça de alimentação para comer e ao encontro de amigos/conhecidos feirantes, que é de praxe um instante de prosa.

A praça central do barracão da feira, retratada na Figura 25, foi meu ponto de observação na maior parte do tempo da pesquisa. Por ser circular, dispõe de uma vista panorâmica do espaço, das bancas, dos personagens da pesquisa, dos fregueses, das vivências semanais desse povo. Considero-o um marco temporal para este local. Nele, há um relógio localizado no centro, o bebedouro para uso dos feirantes e fregueses, bancos de descanso para os frequentadores, uma televisão, onde passam informações do campo e da cidade, além de caixas de som para anúncios e recados.

Figura 25 - Sequência de imagens do espaço interno da praça central do barracão da feira



Fonte: Dados da pesquisa (2021).

Ao redor da área circular, como mostra a Figura 26, há muitas plantas à venda, de três feirantes que marcam presença nas feiras. Mesmo no dia de quarta-feira, ao menos um está presente.

Figura 26 - Sequência de imagens da praça central do barracão da feira, parte externa



Fonte: Dados da pesquisa (2021).

Deste lugar, é possível visualizar as quatro partes do barracão da feira, fazendo dele um ambiente privilegiado para observação, cuja visão é retratada na Figura 27. Inclusive, dali, observa-se a chegada das mercadorias para a reposição

dos feirantes, além de outras situações que serão contadas ainda neste capítulo.

Figura 27 - Imagens da visão do local de observação da pesquisa



Fonte: Dados da pesquisa (2021).

A feira é, de fato, uma “roda gigante” que movimenta a renda familiar desse povo e, ao mesmo tempo, sustenta uma boa alimentação para a sociedade tangaraense. Porém, essa roda corre sério risco de parar, por diversos fatores influenciados pelo capitalismo, como a produção industrial em larga escala, a urbanização, os sítios e chácaras transformados em loteamentos, a desvalorização do pequeno produtor, a inculturação das práticas do feirante no meio social, entre outros.

Ao conseguir me desprender das influências capitalistas, observei essa roda à distância, do ponto estratégico da praça central da feira que, antes, havia passado despercebido, mas que foi fundamental para olhar com olhos de feirante e, em momentos, me colocar na roda como freguês. Notei as divergências entre o ciclo de uma cultura, de fora e ao adentrar nela. Com isso, vislumbrei as forças da engrenagem dessa roda para que ela não pare de girar. Os percalços da pandemia contribuíram para esse cenário, perdas de produtos perecíveis pela falta de venda, redução no número de bancas devido a prejuízos e a comparação de preço entre os produtos da feira com os dos supermercados.

Do lado de cá, o freguês buscava qualidade com preços baixos, não queria entender que o pequeno produtor dependia da inflação estável para produzir ao custo acessível, e nem saber dos contratempos sofridos pelo desgaste ambiental com prejuízos nas produções das verduras e hortaliças, entre outros fatores.

Do lado de lá, o pequeno produtor teve que se reinventar para não se abater com os prejuízos e a falta de incentivo. Aliás, a feira passou a investir em publicidade, usando redes sociais e *sites*. Como “a propaganda é a alma do negócio”, os feirantes, representados pelos dirigentes da ASFET, vêm impulsionando as

engrenagens da roda, e isso tem se mostrado efetivo para girar como antes da pandemia, aumentando o fluxo de fregueses e ampliado as vendas.

Mesmo com as adversidades enfrentadas, os trabalhadores da feira têm consigo a resiliência. São notoriamente satisfeitos naquilo que fazem. O ofício de feirante, para eles, não é só um trabalho ou o sustento da família, mas, também, um ato que demonstra bem-querer ao outro.

Nesse tempo, conheci alguns feirantes, o trabalho deles junto às famílias, e os diferentes ofícios que praticam no mesmo espaço cultural. Observei como os feirantes tratam seus clientes, que participam dessa roda como consumidores, e senti uma diferença entre esses e aqueles que são fregueses. O cliente é aquele comprador que usufrui e o freguês é mais do que consumidor. Ele é o “paroquiano”, aquele que tem o hábito de visitar e frequentar o espaço, que faz parte daquela comunidade. Dessa forma, completa a formação cíclica dessa roda que está sempre girando, para a alegria e manutenção das necessidades da população.

A feira é impregnada de saberes matemáticos e de vivências que constroem a cultura da cidade. Ela agrega valores a cada um dos frequentadores. Suas qualidades, características e significados fazem parte das tramas que tecem a vida de cada feirante e, também, dos fregueses.

As matemáticas ali presentes, como conhecimentos socioculturais, podem ser pensadas nos currículos e praticadas nos espaços escolares. Tais saberes precedem os conhecimentos ensinados na escola, sendo pouco explorados em sala de aula.

Sendo assim, a produção desses significados será contada a partir daqui, pelos olhos dos jovens em idade escolar que participam das atividades de seus famliiares na feira. Na ótica deles, será possível desvendar os significados deste local, que não é igual ao de outras feiras, de outros fregueses ou feirantes, devido a cada um ter para si as peculiaridades da vivência que a feira representa em sua vida.

4.3 As teias que compõem a “tica” de “matema” na feira

Os trabalhadores da feira trazem consigo saberes que utrapassam gerações. Após acompanhar suas atividades cotidianas, despertou-me a vontade de adentrar ainda mais na intimidade de algumas dessas famílias. Aproximamos do cenário científico das vivências, da arte, dos saberes e fazeres dos feirantes. As observações

permaneceram junto ao diálogo, gravações e relatos da historicidade dos participantes.

As “ticas" de “matema” dos feirantes estão presentes em cada gesto, atitude, no sistema produtivo, na logística arranjada por cada um, na negociação das mercadorias, nas vendas, na prosa contada por eles e descrita nesse conjunto de ideias observadas, registradas e narradas aqui.

4.3.1 A banca da Dona Cida

Inicio com as vivências de uma senhora da praça de alimentação, a Dona Cida. Ela é proprietária de uma das pamonharias mais antigas da feira. Tem também uma banca de verduras, frutas e outros produtos, que fica sob os cuidados do seu esposo. Ambos são sitiantes e garantem o sustento da família a partir da comercialização de sua produção na feira. As vivências da Dona Cida estão atreladas à Amanda, ajudante da Dona Cida desde a adolescência. Amanda é sucessora de sua irmã, que ajudou nas vendas da banca por muitos anos. Ela e Dona Cida foram vizinhas de sítio por muitos anos. A família da Amanda era feirante por um período até venderem o sítio e se mudarem para a cidade.

Dona Cida tem 26 anos de feira na pamonharia. Com a banca de verduras, ela conta que passa dos 30 anos que sua família exerce o ofício de feirante. Ela disse que: “*No início, nossa chácara produzia verduras, algumas frutas e hortaliças*.Hoje, esses cuidados e venda dessas mercadorias fica por conta de seu marido. Perguntei a ela como se deu o início da sua banca de pamonhas. Ela disse:

> *- Assim, nós fomos viajar pra Minas Gerais e passar por Goiânia. Quando a gente estava chegando em Goiás, a gente foi de ônibus. Chegando lá, eu via pelas portas, toda família reunida fazendo pamonha, achava aquilo lindo. Daí eu falei para o meu marido: Quando chegar em Tangará da Serra, se eu achar quem faz um ralo[4] desse pra mim, eu vou fazer pamonha pra vender. Quando ia passando por Iporá – GO, eu tenho uma sobrinha que mora lá. Quando cheguei lá eu falei para o marido da minha sobrinha, ele é marceneiro né, falei: Ê José, tô com umas ideias aí, se eu soubesse quem fizesse um*

[4] Utensílio utilizado para ralar o milho; ralador.

> *ralo pra mim, iria chegar em Tangará e fazer pamonha. Ele disse: então vai lá e compra o motor que eu faço. Aí ele fez o ralo de madeira grandão, nós trouxemos no ônibus né, quando cheguei aqui, fui à loja comprei um fogão, duas panelas e comecei fazendo um saco de milho. Aí comecei a fazer pamonhas. Nós tínhamos uma barraquinha de lona, então, quando ventava, tinha que segurar a barraca. Depois de um tempo, para a construção do barracão, mudamos para a antiga prefeitura, até terminar a reforma do barracão e voltar para cá.*

Ao analisar a fala da Dona Cida, é visível a presença do aprendizado raiz, da sua terra natal, sendo ela mineira. Os saberes envolvidos no processamento do milho para fabricação da pamonha carregam o hábito da reunião em família, das prosas, piadas e gargalhadas, além da comunhão familiar no instante da degustação da pamonha. Isso ficou claro quando Dona Cida expressou: "*toda família reunida fazendo pamonha, achava aquilo lindo".* Provavelmente, deve ter vivido e cultivado uma experiência próxima no leito familiar, em sua infância. Esse costume é presente em muitas famílias, especialmente na região goiana e mineira.

Na pamonharia da Dona Cida, há uma exclusividade em comercializar os derivados do milho. O atendimento na banca dela reflete o carisma e o aconchego familiar. Por vezes, os fregueses querem consumir no local, como na normalidade que antecedeu a pandemia. Esses são os fregueses que permanecem no local por mais tempo, porque ficam dialogando.

Há, ainda, aqueles que têm receio do movimento no horário de pico, e geralmente aguardam o pedido ali, e depois vão às compras dos seus produtos na feira. Os horários de pico se modificaram com a flexibilização dos decretos estaduais e municipais. Nos dias de quarta-feira, está acontecendo entre 6:30 e 7:00 horas, e perdura até às 8:00 horas, horário em que os funcionários da cidade iniciam no trabalho. As entrevistas com Dona Cida foram agendadas para o dia de quarta-feira, por ter movimento reduzido, pensando em não atrapalhar as vendas.

Perguntei à Dona Cida como ela administra os cálculos para não ter prejuízo na venda das pamonhas, mediante todos os desafios para a compra do milho. Ela respondeu que *"é uma questão que se trata de economia. A gente nunca pode*

pensar em gastar tudo o que tem". Ao usar a palavra "economia", estão implícitos os saberes matemáticos da vida, que Dona Cida, como feirante, pratica os fazeres com sapiência nessa fase de recessão. Trabalhar com capital de giro e não gastar todas as economias foi necessário. Mesmo assim, muitos feirantes não conseguiram sustentar-se no seu comércio durante a pandemia.

Segundo uma das suas ajudantes, no início, quando estavam comprando o milho do estado de São Paulo, o saco custava 180 reais, incluindo o frete. Daí por diante, o valor foi aumentando, conforme a alta da saca a nível nacional, e a troca para outros estados. Isso só confirma a importância do capital de giro para o feirante. Ela acrescentou ainda:

> *- A Dona Cida é sitiante e sempre produziu sua matéria-prima. Esse ano, devido a chuva escassa, não conseguiu ter êxito na produção, tendo uma previsão de 2 meses para colher o seu próprio milho. Ela planta áreas diferentes em tempos diferentes, para não faltar milho. E, quando faltava, era pouco, reabastecia com os produtores da região mesmo. Mas, quando faltava na região, sempre tinha fornecedores, fato que não está acontecendo atualmente. Agora, estamos passando por essas dificuldades e precisando comprar o saco de milho de outros estados. A compra é feita pelo Whatsapp. Os forncedores enviam fotos e vídeos do milho, e efetua-se a compra confiando na qualidade do produto, que vem geralmente com 80 espigas por saco. Por essa situação, a pamonha é repassada ao consumidor ao preço de 8 reais a unidade, e alguns clientes reclamam do valor. Outra perda foi na variedade de sabores, devido ao preço da carne e derivados, que vem aumentado excessivamente.*

Conversando com Dona Cida, ela relatou: "*o milho que estava vindo foi suficiente até essa semana, na próxima já não têm mais. Se não voltar ao normal a entrega do milho, a feira vai ficar novamente sem pamonha"*. Dona Cida completou, dizendo um pouco mais sobre as dificuldades vividas na feira durante a pandemia: "*Quando começou a pandemia, eu fiquei três meses sem fazer feira, e eu tinha milho.*

Meus milhos até 'estragou' na roça, porque estava demais aquele surto do início da pandemia, aí parei. Ela mesma corrige o termo "estragou", dizendo: "*Estragou nada, é o modo de dizer, porque na roça nada estraga, com o milho passado do ponto para pamonha, alimentamos a criação de porcos".*

Ela continuou:

> *- A feira também parou por um período. Tentando me resguardar, não fiz feira no Natal de 2020, não fiz ano novo. Ficamos em casa pra nos resguardar. No começo do ano, bem no dia de ano novo, veio uma visita na minha casa e acabou transmitindo a Covid-19 pra nós. Que tristeza! Nós, tentando fugir dessa doença, não saímos, não recebemos parentes em casa. Mas, esse homem era sozinho, trabalhava no lacticínio. Um dia ele disse assim: posso vir almoçar aqui? Falei, no impulso: pode. Quando ele terminou de almoçar, conversando conosco, ele falou: lá na feira tem 15 com Covid-19, mas ele disse que não tinha nada. Após 3 dias fazendo almoço, não senti cheiro do frango, não senti cheiro de nada. Fomos lá fazer o teste, esse rapaz estava lá, bastante ruim. Resultado: todos nós lá de casa pegamos, inclusive minha filha gestante. Nisso, ficamos mais ou menos 30 dias sem vir na feira, ainda tinha um pouco de medo. Meu filho ficou insistindo pra não retornar. Esperei mais um pouco, depois voltamos.*

Nesse período, a feira havia sido liberada para o funcionamento, mas a praça de alimentação só poderia funcionar com o *disk* entrega. Com isso, as pamonharias sequer saíram da crise com o *lockdown* e já embarcaram nos percalços da escassez do milho. Perguntei para Dona Cida sobre os danos causados comercialmente pela falta do milho e o tempo que perdurou essa fase sem vir à feira. Ela respondeu que ficou três meses sem ir à feira, até começar pegar milho de Rondônia e de outros estados. Mas, segundo Dona Cida, ela foi economizando e conseguiu manter as despesas em dia. Com alívio, ela disse: "*agora tudo passou"*.

Esse alívio e segurança faz transparecer a alegria da colheita de sua própria produção. Atualmente, ela desfruta do milho que plantou e que começou a colher no

mês de outubro. Dona Cida completou:

> *Tem uns quatros anos que planto o milho irrigado em nosso sítio, mas esse ano deu uma praga de insetos diferente, que devastou toda lavoura de milho que plantamos. Por isso, todas as bancas de pamonharia passaram por essa escassez de milho. Primeiro, encomendávamos da região de Cuiabá, quando aqui na cidade acabou. Depois, recorremos a três estados para não deixar faltar pamonha. Mesmo assim, houve períodos que ficamos sem. Mas agora tudo passou.*

Com um sorriso no rosto, com ar de renovação e esperança, ela afirmou novamente que os tempos mais difíceis ficaram para trás, e expôs a alegria de ter retomado a fabricação de pamonhas para sua freguesia. Enquanto dialogávamos, por vezes, precisamos parar, devido à frequência de pessoas aguardando atendimento.

Numa dessas vezes, um grupo de mulheres que chegou na banca me chamou a atenção. Todas elas usavam vestes brancas e, por isso, supus que eram funcionárias da área da saúde, indo ou voltando do trabalho. Elas indagaram uma para outra: "*O que vocês querem comer, pamonha ou salgado?"* Em resposta, a maioria preferiu pamonha.

A ajudante da Dona Cida prontamente atendeu as mulheres e, após servi-las, dirigiu-se a mim e disse: "*olha aí, muitos vêm na feira pra comer a pamonha, no domingo passado 8:30 horas já não tinha mais pamonha na feira, e essa semana parece que vai ser igual"*. Esse dia era uma quarta-feira, as vendas estavam aquecidas. Por volta das 9:00 horas, anunciaram que as pamonhas haviam acabado. Fiquei na banca até finalizar a venda dos bolos e derivados do milho. Dona Cida encerrou o expediente por volta das 10:00 horas.

Quero ressaltar a importância do retorno das bancas de pamonharia para a feira, neste dia, em especial, que todas as bancas estavam abertas. Foi um longo período buscando saber mais informações sobre esse retorno, dialogando com Amanda e com Dona Cida em sua pamonharia e alimentando as expectativas junto com elas.

Segundo Dona Cida, como o milho é o principal ingrediente dos produtos que

ela comercializa, houve a necessidade de negociar a matéria-prima vinda de outro local. Ela precisou negociar com os atravessadores e isso, para ela, não foi uma experiência muito boa, pois algumas vezes os sacos de milho não chegavam no ponto, precisando usar mais ingredientes para preparar a massa, ou porque compravam acreditando ser um produto bom como mostravam nas filmagens e nas fotos enviadas pelos atravessadores antes da venda, aparentando boa qualidade, milho graúdo, e, ao chegar, constatava que o fornecedor não era confiável. Para ela, "*o atravessador aqui da região é um sitiante como nós".*

Nessa fala, ela mostra uma relação de equidade entre os pequenos produtores que são feirantes e aqueles que são pequenos produtores e atravessadores na feira. Ela continuou: "*Eles não agem de má fé. Quando precisamos comprar deles, sabemos que são pessoas boas, que não tem o costume com feira, gostam apenas de produzir na roça e vender em quantidade maior, mesmo que num preço menor"*.

Podemos observar a pamonharia da Dona Cida com uma boa quantidade de fregueses na Figura 28, junto com suas ajudantes, entre elas, a Amanda.

Figura 28 - Sequência de imagens da pamonharia da Dona Cida



Fonte: Dados da pesquisa (2020).

Perguntei para Dona Cida como conheceu e sobre sua relação com aAmanda. Ela respondeu:

> *- A Amanda era minha vizinha de sítio. Conheci-a desde pequena, quando a família mudou pra cidade. A mãe dela começou a trabalhar comigo, depois iniciou a Aline, filha mais*

> *velha e irmã da Amanda. Por último, também veio a Amanda, ajudar na banca da pamonharia. Ela começou com uns 13 anos, e está ajudando até os dias de hoje.*

É importante mencionar que ambas as irmãs foram minhas alunas. Aline, a irmã mais velha, é formada e atua como advogada. Amanda havia concluído o ensino médio recentemente, e agora cursa Biologia na UNEMAT de Tangará da Serra. Ela é uma dessas pessoas que, quando alunas que carregavam os saberes da vida apreendidos na feira e, neste ambiente, se mostram alegres e desinibidas, enquanto na escola demonstravam insegurança e timidez em relação as apresentações e domínio dos conhecimentos ensinados.

Amanda é natural do interior da Bahia e cresceu em Mato Grosso, morando com seus pais nessa chácara vizinha de Dona Cida. Sua mãe foi feirante por muitos anos em Tangará da Serra. Amanda, desde criança, ajudava sua mãe na feira com a banca de hortaliças e verduras, juntamente com sua irmã Aline. Os pais delas, após certo tempo, resolveram vender a chácara e compraram uma casa na cidade. Mesmo assim, a família continuou a praticar os saberes de feirante, pois a mãe e irmã de Amanda passaram a ajudar a Dona Cida na feira. Quando elas não podiam comparecer, Amanda ajudava, porque tinha experiência em feira. E, assim, ela permanece até os dias atuais.

Amanda contou sobre o tempo que moravam no sítio dos pais:

> *- Nós plantávamos um pouco de tudo, como milho, feijão, hortaliças, verduras; criávamos porcos, galinha caipira, entre outros. Tudo que produzia na chácara trazíamos para vender na feira. Com isso, minha mãe, minha irmã e eu já tínhamos experiência como feirante quando começamos a ajudar Dona Cida na pamonharia.*

Amanda está sucedendo a mãe e a irmã desde os 13 anos, auxiliando Dona Cida na montagem, produção e nas vendas de pamonhas nos dias de feira. Como em sala de aula ela sempre foi insegura com os resultados dos seus cálculos, perguntei como ela aprendeu a lidar com essa matemática sem usar calculadora. Ela disse:

- *É muito fácil, muito fácil! Faço sem precisar de calculadora.*

> *Olha ali, tem uma tabela, a Dona Cida faz assim para ajudar a ser rápido nas contas. Aqui tem o preço de todos os produtos que vende, como, por exemplo: a unidade da pamonha, o pote de cural, o pedaço de bolo de milho. Então, sabe o que ela fez? Colocou o preço de todos os produtos iguais, depois ela tabelou as quantidades, caso a pessoa queira levar mais que um. Pode ver que na tabela está pronto o cálculo de um até 32produtos. O único que é diferente é o queijo. O restante dos derivados do milho são o mesmo preço, daí só debater pra fazer o troco.*

Analisando a fala da Amanda, observei sua tranquilidade em lidar com a matemática pronta. Elas têm essa estratégia devido ao movimento nos períodos de pico não permitir demora no atendimento. Quando ela expressa "*daí só debater pra fazer o troco"*, demonstra ter habilidade na subtração, uma vez que a multiplicação está pronta na tabela, como mostra a Figura 29.

Nessa ótica, Carraher (2011, p. 48) acrescenta que:

> Embora ocasionalmente apareçam erros de cálculo, há grande predominância de acertos entre as crianças responsáveis por essas transações comerciais. Entre os modos utilizados na solução, nem as crianças observadas na feira nem seus pais utilizavam lápis e papel para os cálculos, [...]. Ocasionalmente, notamos na feira a utilização de uma tabela onde constavam as multiplicações.

Figura 29 - Tabela de preço usada na pamonharia da Dona Cida



Fonte: Dados da pesquisa (2021).

Em minhas observações, foi perceptível que, na maior parte das vezes, durante os atendimentos, Amanda não olhava a tabela. Quando a questionei sobre isso, ela disse: "*Ah, já me acostumei tanto que gravei na cabeça os valores, pois é muito difícil o cliente levar mais do que 10 produtos, então os outros eu gravei".*

Isso mostra que, além de habilidades no cálculo mental para subtração, ela também tem boa memorização. Ela fez questão de relatar como é lidar com a prática dos cálculos quando a demanda no atendimento é alta: "*Aos domingos, quando a feira está muito movimentada, esse cálculo tem que ser rápido, e que às vezes pode até "dar um branco"*, *mas logo, passado um pouquinho, preciso continuar".* Isso mostra que é comum esquecer por uns instantes, mas isso não reduz a prática da comercialização e do atendimento ao freguês.

Amanda contou que há alguns fregueses fiéis à banca da Dona Cida, que pedem para reservarem a quantidade de pamonha desejada pelo *WhatsApp*. Outros passam pela banca para encomendar a pamonha, depois vão ao banco sacar o dinheiro ou, ainda, comem e, na hora de pagar, deixam celular, relógio ou outros objetos de valor como garantia, para ir ao banco retirar o dinheiro e pagar pelo que consumiram. Segundo ela, "*isso acontecia geralmente com os clientes quando não eram conhecidos da Dona Cida, então, penhoravam seus objetos. Nessa época, a Dona Cida não recebia via cartão, nem pix"*.

Nota-se uma valiosa amizade e confiança nesta relação entre feirante e freguês. Além disso, percebe-se que os trabalhadores da feira estão enxergando a necessidade de modernizar a forma de pagamento, seja espontaneamente ou pelas exigências do capitalismo com a modernização da moeda comercial (cartões e aplicativos de bancos).

Com isso, Dona Cida foi se apropriando do uso da tecnologia, para melhor atender seus clientes. As maquininhas de cartão chegaram na banca e, junto a elas, também vieram os aplicativos dos bancos para o cadastro da chave *pix*. Na visão da Amanda:

> *- A inovação foi um investimento necessário. Insisti com a Dona Cida para concordar com uso de maquininhas. Aqui na feira, quase todos os feirantes usam; assim também foi com o pix. Ela tinha um pouco de medo, mas agora que viu como é prático*

> *e reduziu muito o problema do troco, ela gostou tanto que uma maquininha só não está dando conta da demanda nos dias de domingo. Fato que fará ela ampliar esse investimento comprando pelo menos mais uma maquininha de cartão.*

A partir disto, a subtração é cada vez menos utilizada nos cálculos essenciais do ofício de feirante. A modernização da forma de pagamento foi o que levou o feirante a não usar essa operação com tanta frequência na prática das vendas, pela não necessidade de troco quando o pagamento é realizado por *pix* ou cartão. Mas esta operação é, ao mesmo tempo, imprescindível na contabilidade do trabalhador da feira, com o preço de custo, os gastos diretos e indiretos, com o lucro, entre outras práticas econômicas que envolvem o sistema produtivo e a comercialização dos produtos.

Classificamos o uso da tecnologia na rotina do feirante como essencial, uma vez que, atualmente, a maioria da população utiliza cartões de débito/crédito ou *pix* como meio de pagamento. Após esse primeiro momento, em contato com essas tecnologias, perguntei a opinião de Dona Cida sobre a utilização delas. Ela respondeu:

> *- Vixi, facilitou demais. Faz tempos que a Amanda insistia para eu comprar a maquininha de cartão. Depois de muito tempo insistindo para adquirir a maquininha e para lidar com esses aplicativos de banco, vi que estava perdendo vendas. Daí tive que me acostumar e aprender a lidar com isso.*

Amanda confirmou as palavras da Dona Cida:

> *- Ela só aceitou se adequar às novas formas de pagamento ao ver que muitos clientes procuravam outras bancas que tinham máquinas de cartão disponíveis, porque era essa a forma de pagamento deles. Então, ela estava perdendo os clientes. Além disso, a maior parte da renda mensal da Dona Cida é das pamonhas e das vendas dos produtos do sítio na feira, por isso ela tem vivido dias difíceis. Então, ela precisou se adaptar ao uso da tecnologia para pagamento, e isso tem contribuído,*

também, nas vendas dos produtos na feira.

Segundo Reichert (2021), Valdeci Ferraz Aquino, presidente da ASFET, teve a iniciativa do uso do *pix* na feira após ouvir sugestões de alguns amigos, dialogar com representantes do banco e se reunir com os feirantes para avaliar a proposta. Após a adesão, notaram que este recurso tem facilitado as vendas e diminuído a necessidade do dinheiro em espécie.

Observei que poucas bancas não aderiram à inovação tecnológica iniciada na feira em Maio de 2021, da qual, no princípio, essa quantidade ultrapassava os 60 usuários. Essas novas modalidades vêm se intensificando a cada dia no cotidiano do feirante. Um fator preponderante para isso acontecer foi o momento de isolamento social vivido em virtude da pandemia de Covid-19, no qual a feira funcionou na modalidade de *delivery* e *drive thru*.

A pandemia foi um momento de muitas tensões e dificuldades para o comércio da feira, inclusive por falta de prática com as tecnologias, sendo superado compassadamente, retomando o ciclo vital do feirante. Atualmente, com o retorno das atividades presenciais, obedecendo às medidas sanitárias, ficou como resultado das inovações tecnológicas as que tem contribuído para a produção de novos saberes pelos feirantes e os jovens que os auxiliam.

A intensidade do uso das tecnologias perpassa por interesses individuais, profissionais e sociais de cada feirante. Alguns vendem somente na feira, outros têm banca em pontos da cidade, e há, ainda, aqueles que revendem para restaurantes e mercados, o que faz necessário adaptarem-se aos meios modernos de pagamento. Revelando como a espécie humana desenvolveu seus meios para sobreviver na sua realidade natural, sociocultural e imaginária, e para transcender, indo além da sobrevivência (D'AMBROSIO, 2018).

Foi necessário investir em tecnologias digitais para ofertar o melhor aos fregueses, ampliando a aprendizagem da matemática financeira ao *modus operandi* da modernidade. Além disso, para muitos feirantes, a aprendizagem tecnológica foi delegada, a princípio, aos filhos, netos e às pessoas que os acompanham nas bancas, devido à facilidade em utilizar os aplicativos no celular.

As tecnologias, para o momento, são um dos grandes temas no contexto do ensino e da aprendizagem, e muitos desafios acerca destes foram vividos por

professores e alunos nas aulas *online*, durante a pandemia. Os alunos que auxiliam seus pais na feiram também fizeram parte desse contexto.

O ato de lidar com as tecnologias passou a ser fundamental para o feirante, além de serem aplicadas às formas de pagamentos, essas habilidades são necessárias na cotação de preços em *sites* de venda, para compra de insumos, sementes, matéria-prima, embalagens, nas propagandas da feira em *sites* e redes sociais, nas vendas *online* quando impedidos de funcionar presencialmente, entre outras atividades.

Em suma, a pandemia, apesar de todas as perdas e traumas, trouxe a possibilidade de os filhos dos feirantes e a família transcenderem os saberes com técnicas de desenvolvimento, modernização tecnológica e de ampliar os saberes matemáticos da "escolamundo". Com isso, vieram também muitos desafios, como a intensificação das diferenças sociais, a falta de acesso aos meios tecnológicos, falta de pessoas preparadas ensinar, dentre outros.

Diante das ponderações apresentadas, é possível compreender as tensões causadas pelo avanço tecnológico que, a cada dia, se torna parte de nós, sempre com o cuidado de usufruir sem perder a humanidade. Para Dona Cida, o desafio tecnológico foi superado. E a produção das pamonhas e derivados permanece com o jeitinho caseiro que remete, para muitos dos seus amigos feirantes e clientes, as lembranças da infância na casa da "vó".

Quanto ao aconchego, Amanda relatou: "*tem fregueses que não abrem mão da roda de conversa no momento do lanche com nós da pamonharia e também com amigos".* Ela percebeu que as pessoas passavam por aqui uniformizados nos dias de quarta-feira, com intuito de tomar o café da manhã e iniciar o dia de trabalho. "*Chegam na feira cedo, como num ritual".*

Nas piores fases da pandemia, muitos preferiram comprar e levar para o consumo, ou mesmo comer afastados. Segundo Amanda: "*mantínhamos o cuidado para não fechar novamente o setor da praça de alimentação. A vigilância ameaçava fechar a todo momento".* Esse cenário foi se modificando com a flexibilização dos decretos, com permissões ao funcionamento que ocorreram paralelas à redução dos casos de contaminação, internação e mortes por Covid-19 na cidade de Tangará da Serra. Para a ela, foi a fase mais difícil, como evidencia em seu relato:

- *O consumo no local foi ocorrendo gradativamente e com*

> *acompanhamento maior da vigilância sanitária. Em momentos, a comissão da Covid-19 do município quis fechar só a praça de alimentação. Bateram duro sobre a exposição ao risco de contaminação ser grande neste local. Mesmo pedindo para que as pessoas cuidassem e mantivessem afastadas, para evitar um novo fechamento na feira. Esse fato, eu recordo que gerou muitas tensões e embates entre os feirantes, pois cada um quer defender o seu negócio. Eles alegaram que o descontrolee a aglomeração estava acontecendo num ponto específico da feira: a praça de alimentação. Então, o presidente da feira interveio, junto ao prefeito, como um pedido de socorro para não acontecer como no ano de 2020/2, que levou várias horticulturas e verdurarias à falência.*

É possível notar, nesta fala, as angústias vivenciadas nessa fase. Com muita luta, questionamentos e pedidos de socorro, os feirantes venceram. A comissão da Covid-19 do município sentiu-se consternada com as partes envolvidas e entraram num acordo para continuar em forma de *drive thru*. O consumo no local não seria liberado e teriam que cumprir novas exigências quanto às medidas de biossegurança.

Em nossos diálogos, Amanda constantemente falava do período difícil vivido concomitante à pandemia. Pontuou sobre os prejuízos na compra do milho desde quando começou a faltar para fabricar as pamonhas. Segundo ela:

> *- Mantivemos o preço da pamonha a sete reais, comprando o saco de milho a 90 reais, de Cuiabá. Nesse período, o preço da pamonha foi mantido, mesmo com alguns prejuízos no custoda produção. Depois de um tempo, com as pamonharias fechadas, o milho passou a vir de Goiás, com 90 espigas no saco, custando 180 reais. Não houve meio de sustentar o valor antigo. Devido a este fato, a pamonha está saindo a 8 reais a unidade.*

Como justificativa, Amanda deixou claro que, por vezes, não conseguem tirar o lucro de que necessitam, pois o produto carece de outros ingredientes que tiveram

alta, como o queijo, a linguiça, a carne, entre outros. Assim, Dona Cida vende repassando o mínimo de aumento aos fregueses. Outro fato marcante relatado por ela, é que no setor de alimentação, especificamente a parte da pamonharia, tem uma rotina que se inicia às 2:00 horas da manhã. Amanda expôs:

> *- É na feira que preparamos a pamonha. A Dona Cida trás a massa ralada e, a fase final, de montar e cozinhar, fazemos aqui. Ela fala que assim é melhor para vender um produto de boa qualidade, feito na hora. Por isso, chegamos às 2:00 horas da madrugada, pra montar e cozinhar. Antes da pandemia, os fregueses chegavam mais cedo, aqueles de final de festa. Agora a feira começa sua rotina às 5:00 horas da manhã, horário que chegam os feirantes. E às 6:00 horas, para chegada dos fregueses com todos os controles necessários na entrada. Depois da flexibilização, as pessoas voltaram a consumir no local e a feira a permitir a entrada no horário das 5:00 horas, as vezes, até antes, principalmente quando os primeiros fregueses são as pessoas que vêm das festas. Elas passam pela feira como um ritual de final de balada. Mas, independente do horário que elas vem frequentar, desde que os portões estejam abertos, recebem o atendimento carinhoso, na madrugada, com sorriso no rosto.*

Como a Amanda frequenta a feira desde criança, ela relata que boa parte dos feirantes tem mais de uma banca na feira. Há casos de estar todos os familiares, cada um com sua banca, vendendo seus produtos. Para ela, "*esse costume deve continuar na feira, o produtor feirante é quem desempenha o trabalho maior e merece ser valorizado, enquanto alguns atravessadores trazem suas mercadorias sem ter o trabalho de beneficiar. O trabalho da agricultura familiar une as pessoas da família, isso tudo faz diferença na feira. O atravessador que não compra do produtor rural para vender na feira, não deveria ser aceito, para dar preferência as famílias da zona rural, que querem vender na feira".*

4.3.2 A banca da Dona Devani

A feira tem grande diversidade em produtos comercializados. Entre essa variedade, podemos encontrar a banca da Dona Devani, uma gentil senhora que vende condimentos, temperos e ervas medicinais de diversos tipos. A maior parte dos seus produtos vem de atravessadores, mas, com a experiência que o tempo de feira lhe trouxe, produz alguns temperos que fazem grande diferença em suas vendas e na preferência dos fregueses. Os contos vivenciados pela Dona Devani, junto com sua fiel companheira e ajudante de banca, Dona Fátima, acompanham a história da feira e serão relatados aqui.

Dona Fátima, chamada carinhosamente de Fatinha, está sempre sorridente e adora uma boa prosa. Cultivamos uma amizade enquanto ela foi funcionária contratada do Estado no apoio escolar da instituição na qual eu atuava. Eu, como professora, gostava de me aproximar para dialogarmos sobre nossos alunos e as vivências diárias da vida e da educação.

Nas imagens da Figura 30, estão Dona Devani e Dona Fátima, amigas de longa data que carregam a alegria de estar na feira vivendo juntas os saberes de feirantes.

Figura 30 - Sequência de imagens da banca de condimentos da Dona Devani.



Fonte: Dados da pesquisa (2021).

Dona Devani iniciou nossa conversa contabilizando os anos de experiência na venda de condimentos na feira de Tangará da Serra: “*estava fazendo as contas e já faz mais de 25 anos que eu vendo condimentos na feira. No início vendia só uns temperinhos, pimenta-do-reino, cominho, depois, fomos inovando”*, ela disse,

demonstrando alegria e satisfação em desempenhar o ofício de feirante. Sobre a variedade de produtos vendidos antigamente na feira, ela contou que: "*antigamente nós vendíamos muitas raízes também, hoje temos apenas ervas medicinais e umas variedades de temperos e condimentos".*

Pelo tempo de prática adquirido, remete a curiosidade de saber um pouco mais como era a estrutura física da feira. Sendo assim, perguntei a ela como era a feira quando ela teve o primeiro contato com este local. Enfática, ela respondeu:

> *- Não tinha barracão! Nós fazíamos feira lá em volta da prefeitura velha, e aqui era tudo descoberto. Eles estavam construindo o barracão ainda, depois que eles cobriram a metade do barracão, a outra parte ficou batendo sol. Nós ficamos muito no sol, as bancas eram de lona, tínhamos que levar e trazer todos os dias de feira.*

É possível notar que Dona Devani não se abateu com as dificuldades vividas e, além disso, mostra-se triunfante ao relembrar que os obstáculos do espaço físico foram superados com êxito, valendo-se da persistência em manter-se no ponto, com as vendas dos produtos.

Com a intenção de investigar a origem de sua história como vendedora de condimentos, indaguei-a sobre seu início nas vendas de especiarias. Ela narrou:

> *- Esse ponto era de uma conhecida nossa, ela foi embora para o estado de São Paulo. Naquele tempo ainda era possível vender o ponto aqui na feira. Resolvemos comprar o ponto dela. Ela já tinha os atravessadores que vendiam os produtos para ela. Ela passou para nós os contatos, e daí em diante nunca mais parei. Mas, naquele tempo, eu não era só. Fazia feira com meu ex-marido, mas ele saiu de casa, disse que não queria saber mais dessa vida, aí eu fiquei. Já faz 15 anos que ele saiu de casa e eu estou aqui. Esses dias meu filho falou assim:* mãe, para com isso, a senhora não precisa disso! *Eu falei:* enquanto eu estiver aguentando, minhas perninhas estiverem aguentando, eu estarei na feira.

Após essas declarações, Dona Devani riu, em gargalhadas. Não resisti em perguntar: Por que a senhora gosta desse movimento da feira? Com muita expressividade, ela respondeu: "*Vixi, gosto que só! Além de ganhar os meus troquinhos, me distraio aqui com esse movimento, conheço todo mundo, aqui é uma família dos feirantes".* São palavras emotivas que transparecem a transcendência comum nos grupos etnos, que claramente é presente no perfil do grupo etno dos feirantes, nas práticas e difusão dos seus saberes.

Segundo Bandeira (2016, p. 19), a essência da etnomatemática é fornecer sentido às vivências de diferentes culturas, onde ocorre a evolução de formas, modos de explicação, compreensão dos fatos e dos fenômenos peculiares a cada grupo cultural, se envolve num processo cumulativo e compreende estágios de geração, organização intelectual, organização social e difusão do conhecimento.

Sobre a relação com os clientes, Dona Devani relatou que muitos vêm na madrugada, e quando ela chega na feira, já estão esperando ela abrir a banca. Segundo ela: "*Tem cliente aí que não compra de outra banca, fica aqui me esperando. É uma relação de amizade, entende".* Este fato foi perceptível algumas vezes, em várias bancas nos dias de observação. Essas pessoas são fregueses fiéis, são, para o feirante, a motivação principal para continuar no ofício, com dedicação, persistência e amor naquilo que faz.

Nesse sentido, é fundamental saber de Dona Devani o que a feira significa para ela. Afetada, ela respondeu sorrindo: "*É tudo de bom que tem aqui, é parte da minha vida, é a minha história".* Interessou-me saber se ela tem ou teve a contribuição de seus filhos durante alguma fase da sua história na feira, e ela disse: "*tenho dois filhos. Um mora no Paraná e o outro tem uma serralheria aqui na cidade. Quando pequenos, às vezes, eles vinham, mas não gostavam muito".* Perguntei: em suma, na sua família, só a senhora que gosta e se sente bem aqui? Ela disse: "*sim, gosto e me sinto muito bem aqui*". Com isso, nota-se que a feira tem valor pessoal, profissional e sentimental para ela.

Dona Devani administra todo processo, desde a compra das mercadorias com os atravessadores, do preço de custo e de venda, até os lucros e prejuízos. Ela explicou: "*Essa senhora que vendeu a banca já comprava deles*". Ou seja, esses atravessadores são parte da feira há mais de 25 anos. Ela continuou:

- *Eu faço o pedido, só que aí tem que passar o dinheiro*

> *adiantado. Pago eles, para eles enviarem os produtos encomendados e, depois disso, a mercadoria vem. Não mandam nada sem receber. Enquanto o dinheiro não chega lá, eles não mandam a mercadoria. Vem por transportadora e ainda cobram o frete.*

Ela usa medidas caseiras para as vendas das especiarias, tais como: o copo de medida (o mesmo de dose de cachaça, equivalente a 45 g.), além da xícara de café (equivalente a 60 g.); conforme as imagens da Figura 31:

Figura 31 - Sequência de imagens das medidas para venda das especiarias.



Fonte: Dados da pesquisa (2021).

Então, perguntei sobre o preço de venda e como ela faz o cálculo para cobrar o preço por medida nos produtos que vende. Ela respondeu rindo: "*a gente tem que dar nossos pulos, não é? Se não sabe tem que aprender"*. E depois, ela explicou melhor sobre as táticas que utiliza para não ter prejuízos e nem cobrar um valor injusto.

Dona Devani contou que acompanha os preços das especiarias em diversos lugares. Às vezes, ela compra um produto para melhor tabelar os seus. Além disso,

tenta se manter atualizada com os valores do revendedor. Quando passa o pedido e o atravessador sobe o valor de um determinado produto, ela atualiza o preço. Dessa maneira, ela conduz também a variedade dos produtos: conforme o atravessador aumenta sua variedade, ela também traz para sua banca os novos produtos. Ela acrescentou: "*Antes, eu tinha umas 10 qualidades de temperos. Hoje, deve ter mais de 50 aqui na banca".* Nas imagens da Figura 32, podemos observar a grande variedade de produtos que ela comercializa.

Figura 32 - Imagens das variedades de especiarias na Banca da Dona Devani



Fonte: Dados da pesquisa (2021).

Notei o carinho de Dona Devani com os fregueses. O desejo de agradar sua freguesia é tamanho que alguns de seus produtos são preparados por ela, com carinho e de forma especial. Esses produtos, como o tempero baiano e o tempero verde, são pensados diretamente para seus fregueses. Ao mencionar o tempero baiano, ela disse:

> *- O tempero baiano foi ensinado por um freguês que vinha procurar direto. Ele ensinou o jeito de preparar e os ingredientes que vão para ficar bom, aí eu comecei a fazer. Com isso, o pessoal que faço o pedido começou a fazer também, mas a mistura deles no tempero baiano não é muito boa. Daí vendo a minha.*

Analisando a satisfação que essa senhora feirante tem em agradar o seu freguês, confirmei para ela: então a mistura da senhora deu certo, é a melhor. Ela sorriu modestamente e disse: "*É, eu acredito que eles gostam, pois em todas as*

feiras que eu trago vende tudo, então, deu certo. Bem assim é com o molhinho verde, vende tudo o que faço".

Ela contou dos vícios que adquiriu nas vendas de especiarias. Disse que todas as vezes que viaja, precisa ir às feiras locais, ver se tem alguma especiaria diferente para trazer para sua banca. Isso mostra o olhar atento e observador do feirante para ofertar o melhor produto para o seu cliente. Nas palavras de Dona Devani: "*O povo fica tirando o sarro de mim falando: "Ô velha que gosta de feira!" Mas claro, tenho que ver se encontro alguma coisa nova"*. Na alegria que expressa em seus olhos, reproduz a emoção do feirante quando sabe que o seu trabalho deixa sua freguesia satisfeita. Mostra, além disso, o prazer em desempenhar o ofício da profissão, em vender e em lidar com o cliente.

Quanto à amizade e companheirismo com Dona Fátima, Dona Devani questionou: "*Faz 10 anos né, Fátima?"* Dona Fátima respondeu intensamente*:*

> *- Não! Fazem 15 anos. No ano que minha mãe faleceu, lembra? A Devani viu que eu fiquei muito triste com a morte da minha mãe e chamou para ficar aqui na feira com ela. Nessa época, ela estava sozinha na feira, pois já havia separado do marido. Daí eu vim e peguei essa rotina para mim. Não sei se é um costume ou se é um hábito, o dia que eu parar de trabalhar como feirante, eu vou vir na feira todos os dias igual, porque pra mim é uma terapia estar aqui.*

A amizade das duas é anterior à feira. Mas foi nessas vivências que ambas se descobriram feirantes por natureza, juntas, o que as aproximou ainda mais, tornando-as amigas-irmãs. Assim é como muitos na feira acreditam que são. Nesse sentido, Dona Fátima complementou:

> *- Só agora, dessa vez, são 15 anos. Mas, já havia trabalhado antes com ela, porque ela colocava pessoas aqui e não parava ninguém. No entanto, o pessoal da feira vive confundindo nós duas como irmãs. Direto escuto eles falando: - olha, a sua irmã já passou por aqui pra comprar*.

Dona Devani e Dona Fátima são enfáticas quando alguns clientes desvalorizam ou reclamam do preço do produto. Ao falar sobre isso, talvez para

justificar os valores cobrados, Dona Devani contou um pouco mais sobre como faz a contabilidade dos custos para não ter prejuízo. Ela se mostra prudente e determinada, pois entende o valor dos seus produtos e sabe, pelo tempo de vínculo que tem com o atravessador, que as mercadorias são naturais e de qualidade.

> *- Por exemplo, no anis-estrelado eu pagava 90 reais, em São Paulo. Ele foi para 200 reais, assim, de uma vez. Eu fui fazer as contas quando estava vendendo a medida a 4 reais, e eu não conseguia tirar nem o dinheiro que eu pagava para o atravessador, então passei para sete reais. Com isso, tem gente que compra, já outros que reclamam:* "nossa, tá muito caro!". *Porém, essas pessoas não sabem que pago 200 reais lá, mais o frete. Tem vezes que pago quase 500 reais de frete! Isso quando não apreendem na receita federal, porque eu peço pelo CPF. Quando prende, eu tenho que pagar 1000 reais para poder liberar as mercadorias. Então, o povo reclama, pois isso aí para eles não é nada. Não consideram os gastos que tenho com as embalagens, nem o valor do aluguel que pagamos para ter a banca e trabalhar em todos os dias de feira. Às vezes, muitos não valorizam, só sabem reclamar. Mas ainda bem que não são todos.*

Nesse desabafo, é nítida a insatisfação do feirante quando alguns clientes não valorizam o seu trabalho. Felizmente, esses clientes representam uma minoria. A maior parte não questiona. Eles viram fregueses fiéis e, alguns, ainda quando mudam de cidade e vêm passear em Tangará da Serra, passam pela feira para rever amigos e fazer compras.

Isso foi registrado em um dia de observações, quando Dona Devani recebeu, em sua banca, uma cliente que foi até lá por recomendação de familiares do Paraná. Ela parou para conversar um pouco, repassar as saudações dos familiares e comprar alguns dos temperos expostos na banca. Isso mostra que a maioria dos clientes que compram na feira veem, no ofício de feirante, um trabalho essencial, significativo e de grande valia.

4.3.3 A banca do Seu Zé Raizeiro

Para prosseguir nas vivências dos feirantes, é indispensável destacar a participação de Dona Maria de Fátima Cardoso, uma senhora que dá continuidade ao trabalho do seu finado marido, seu Zé Raizeiro, na banca de raízes, remédios homeopáticos e ervas naturais.

Seu Zé Raizeiro foi uma personalidade marcante na história de Tangará da Serra, e da feira, com muitas práticas em relação aos saberes da vida. Ele desenvolveu habilidades e sapiência para usufruir com respeito e zelo pela natureza o ofício de raizeiro (curandeiro), tratando doenças com remédios homeopáticos cultivados, ofício herdado pela descendência paterna.

Era um senhor com muita vitalidade e saúde. Ele faria parte da pesquisa, contando sua experiência como feirante, porém, infelizmente, foi cruelmente assassinado por uma ex-funcionária, em fevereiro de 2021.

Atualmente, sua esposa e sua filha mantêm os saberes e fazeres que transcendem gerações, comercializando as raízes e ervas medicinais nas feiras de quartas e domingos, mantendo, nos outros dias, o atendimento na residência da família, como o pai fazia. A banca deles na feira é retratada na Figura 33.

Figura 33 - Imagens da banca da D. Maria de Fátima, esposa do seu Zé Raizeiro



Fonte: Dados da pesquisa (2021).

Nosso diálogo foi mais um desabafo que parte da viúva do seu Zé, pela falta que sente e a ânsia de justiça devido ao ocorrido. Para ela, é muito difícil continuar o trabalho do marido. Ela contou que os dois filhos aprenderam o ofício, e um deles

trabalhou por um tempo junto ao pai, mas não deram certo juntos, e o filho resolveu não continuar.

Segundo Dona Maria: "*O Zé não tinha maldade, era muito simples, por isso confiava muito nas pessoas que trabalhavam com ele. Devido ao excesso de confiança que aconteceu tudo isso com ele".* Ela afirmou que a família o alertava com frequência, inclusive monitoravam quando notavam algo errado. Algumas vezes, os filhos tiveram que interferir para manter a segurança dele, mesmo contrariando-o, pois ele não tinha sagacidade quanto às questões financeiras no local que atende. Só lhe interessava ajudar as pessoas.

Dona Maria de Fátima acrescentou:

> *- Minha filha, que também aprendeu o ofício do pai, é quem continua comigo. Agora que o pessoal de Cuiabá, Nobres, da região, e o pessoal de fora do estado estão chegando novamente. Eles achavam que não tinha ninguém atendendo, que não tinha ninguém fazendo os remédios e dando sequência aos trabalhos do Zé.*

Dona Maria de Fátima contou que, no início, após o falecimento do marido, parou as atividades por um período, até amenizar os abalos. Com isso, muitos pensaram que a família não retomaria o ofício do raizeiro. Como ela relatou, todos os filhos aprenderam os saberes e fazeres do pai, mas deram sequência na vida em outra profissão. As que sempre se mantiveram presentes na rotina do pai, foram a filha e a esposa. Segundo ela: "*Essa minha filha sempre ajudou a gente, já trabalhava com o Zé, e sempre ela ajudou".*

Nesse período pandêmico, sabe-se que algumas pessoas usufruem dos medicamentos homeopáticos e de chás com ervas medicinais para manutenção da boa saúde e aumento da imunidade. Nessa ótica, indaguei Dona Maria sobre como foi a procura por ervas e remédios naturais na feira. Ela respondeu: "*As pessoas têm procurado mais por remédios naturais, sim. Ainda vendemos bastante xarope que o Zé tinha deixado pra combater os efeitos agressivos da Covid-19 nas vias aéreas".*

Perguntei como fizeram para continuidade ao atendimento, à fabricação do xarope e dos outros remédios naturais manipulados pelo seu Zé. Ela respondeu:

> *- Temos todas as receitas e procedimentos que o Zé usava.*

> *Ajudávamos ele e, além disso, meu filho deixa tudo arquivado no computador. Atendemos lá como ele fazia, só organizamos o local para receber os clientes, principalmente por conta das aglomerações. Estipulamos horário de atendimento, por questões da nossa segurança mesmo. E, aqui na feira, como tem muito tempo que eu mexia, temos quase as mesmas ervas e raízes que tem lá na residência que atendemos, e ficou mais fácil retomar os trabalhos. Na feira faz muitos anos, que eu estou ajudando o Zé. Só não ficava ultimamente lá na casa com ele nos atendimentos, porque cuido da minha mãe, que tem 95 anos. Então, lá ficava os funcionários que ele contratava e eu ficava na feira.*

Dona Maria de Fátima faz os pedidos das ervas de três regiões diferentes. Ela contou que *"são lugares que ele* (Zé) *foi lá conhecer para depois fazer encomendas"*. E ela continua mantendo os mesmos contatos. Segundo ela:

> *- Minha filha sempre ajudou nessa parte, sempre esteve presente ajudando o pai. Eu tenho 65 anos, o Zé tinha 81 anos, e não parava. Ele levou muitas pessoas e funcionários para a mata para aprender as variedades de ervas medicinais, as raízes, aprender a colher. Tanto que tem uma mulher deCampo Grande – MS que veio aprender com ele os remédios que ele sabia e ele foi lá, também, aprender o que ela sabia.*

Essa troca de saberes é típica de grupos étnicos. Atualmente, segundo Dona Maria de Fátima, essa mulher continua em Campo Grande, no ofício de raizeira/curandeira, ou seja, seu Zé semeou o ofício do seu trabalho em sua geração e em outros lugares, Brasil a fora. Os saberes de raizeiros/curandeiros, são práticas milenares que vêm se extinguindo, e essa era uma das maiores preocupações de seu Zé Raizeiro.

Na imagem da Figura 34, mostramos alguns dos produtos comercializados na banca de Dona Maria de Fátima.

Figura 34 - Sequência de imagens da banca de Dona Maria de Fátima.



Fonte: Dados da pesquisa (2021).

No setor de camelô e artesanato, existe uma alta rotatividade de bancas. A baixa demanda nas vendas para esse setor é comum, mas, com a pandemia, a comercialização dos produtos não perecíveis diminuiu drasticamente. Aqueles que permaneceram têm a identidade de feirante, conhecem muito as parábolas do lugar e desejam permanecer no ofício, na esperança de, em um futuro próximo, os lucros superarem os prejuízos. Dentro das diversidades que passam pela feira, algumas pessoas deixam as marcas da história que foi se construindo ao longo dos anos.

4.3.4 A banca da Dona Leonilda

Dona Leonilda é uma senhora arrojada, que faz parte das bancas de artesanato, setor popularmente apelidado como “camelô da feira”. Ela está como representante dessa parte da feira, devido aos anos de experiência que tem. Em nossos diálogos, ela deu contribuições relevantes acerca da história do espaço e suas vivências.

Iniciei meu diálogo com ela depois de perceber que este setor da feira vem diminuindo a cada dia. Há um número grande de bancas vazias. Por exemplo, no mês de setembro de 2021, havia 28 bancas desativadas neste setor. Quis saber de Dona Leonilda o porquê dessa diminuição. Ela respondeu:

> *- Esse setor é a parte mais prejudicada pela pandemia. As pessoas vêm na feira, na maior parte das vezes, para comprar*

> *alimentos, produtos perecíveis. Com isso, o movimento aqui, que já era pouco, diminuiu bastante. Isso desmotiva muitos feirantes, então, eles desistem de vir. Antes, para conseguir uma banca na feira, tínhamos que vir no escritório, preencher um cadastro, aguardava uns 3 a 4 meses, até eles ligarem. Hoje, você vem no escritório, preenche o cadastro e já consegue a vaga. Há uma rotatividade muito grande de feirantes nesse espaço. Ficou pior por conta dessa pandemia, antes não era assim. Uma parte das bancas é daqueles que se afastaram da feira devido à pandemia, por fazerem parte do grupo de risco. Esses frequentam o local esporadicamente, para vender seus produtos. E os prejuízos que esses feirantes têm que assumir!? Por exemplo, o direito de uso da banca é pago mensalmente, não é feito por feira. A pessoa só deixa de pagar quando vem no escritório e assina o termo de desistência, disponibilizando a vaga para outro feirante. Então, "fia", usando ou não, vendendo ou não, tem que ser pago.*

Dona Leonilda trabalha com venda de artesanatos, tais como: pano de prato com pintura artesanal, bordados e aplicações, tapetes em crochê, caminhos de mesa, puxa-saco, forro para bebedouro, artigos de enxoval, entre outros. Todas as peças são produzidas por ela e uma ajudante. Diante dos saberes que envolvem a arte, interpelei Dona Leonilda sobre as memórias dela na feira, há quanto tempo é artesã e expõe seus artesanatos na feira. Ela respondeu:

> *- Tem muito tempo, "fia" ... Sempre, toda vida eu fiz artesanato. Tem mais de 30 anos. Compro todo material desde o início. Pesquiso o orçamento nas lojas de aviamentos. Compro o tecido, as tintas, as linhas, os barbantes. Faço os bordados nos guardanapos e nos panos de pratos e costuro os barrados. Depois de confeccionar tudo, trago para vender. Tem uma amiga que me ajuda há muito tempo. Agora como feirante, tem mais de 10 anos que trabalho na feira vendendo artesanato. De todos os anos, esse foi o período mais difícil como feirante.*

> *Fiquei algumas feiras sem vir. E agora, graças a Deus, o movimento está voltando.*

Na imagem da Figura 35, nota-se a dedicação da artesã ao expor seus trabalhos na feira para os clientes:

Figura 35 - Sequência de imagens da banca de artesanato do Setor de Camelô



Fonte: Dados da pesquisa (2021).

A Dona Leonilda citou que o período pandêmico foi o pior vivido por ela em relação à vida pessoal e na feira. Dediquei mais intimidade para o momento, a fim de que ela esclarecesse as dores que a assolavam. Ao falar sobre a Covid-19, ela transpareceu profunda tristeza e expôs as dificuldades vividas na pandemia:

> *- Foi muito difícil vender, quase não tinha clientes na feira. Muitos vinham comprar verduras, outros encomendavam da entrada do barracão da feira para nem circular pelo local. Dali mesmo, voltavam pra casa. Continuei pagando pelo meu ponto, só que fiquei mais de um ano sem vir na feira expor meus artesanatos, estou retornando agora. Nesse período, mantive o atendimento na minha casa. Então, aquelas pessoasque já têm o costume de comprar na minha banca, continuavam procurando lá em casa. Tive muitas encomendas dos meus fregueses durante esse ano. Esse período foi muito complicado, "fia". Quando eu comecei a voltar pra feira, por causa da flexibilização da pandemia, meu menino faleceu. Ele contraiu a Covid-19, tinha 31 anos e faleceu no dia 31/05/2021. Faria 32 anos no dia 21/09/2021. Perdi ele preste a completar*

> *os 32 anos. Agora, em outubro, faz 5 meses que eu perdi o meu filho. Depois de 4 meses que meu filho faleceu, perdemospara esse vírus o meu cunhado, dia 19/10/2021. Então, não está fácil. Estou saindo de casa para distrair a cabeça. Falo com as pessoas aqui na feira, vir pra cá tem me ajudado muito,pois é uma distração. O movimento com os fregueses e com osamigos feirantes ajuda a entreter a cabeça. Às vezes, aspessoas vêm na minha banca e, mesmo que não comprem, conversam um pouco e acabam voltando outro dia. Essa relação que tenho com os meus fregueses é de muita amizade e confiança. A gente acaba se apegando a essa familiaridade,porque a vida tem que seguir! Se apega com Deus e vive um dia após o outro, porque a vida tem que seguir!*

O depoimento de Dona Leonilda nos comove e remete a importância de estar na feira. Para ela, retornar ao trabalho foi o caminho da superação dos abalos que afetaram sua vida. A feira é um espaço que compartilha muitos saberes, fazeres e vivências. Se visitarmos todas as bancas, em cada uma teremos contos, experiência de vida, resiliência e ciclos marcantes que disseminam sabedoria acumulada ao longo da vida. O caminho para esse povo que exala a familiaridade, o companheirismo e humanidade entre eles e a população, faz parte dos grupos etnos dos trabalhadores da feira.

Neste espaço, cada um exprime as particularidades dos saberes e fazeres para a sobrevivência e se entrega ao ofício com responsabilidade, destreza e com o afago de quem deseja ofertar o melhor produto e o melhor atendimento para conquistar o freguês-amigo. Aquele que está presente nos momentos felizes e tristes, incentivando, apoiando, dialogando, alegrando o espaço da feira e também comprando, sendo essa uma relação harmoniosa e de reciprocidade.

4.4 O legado dos trabalhadores da feira: filho de feirante, feirante também é

Os saberes e fazeres dos feirantes são passados para as novas gerações como um legado familiar. Isso mostra a importante função da escola em se envolver na *etnos* do aluno, neste caso, com os saberes dos estudantes e feirantes do

município, algo que fica claro na fala da Daniela: "*A escola ensina a teoria, mas é aqui na feira que eu aprendi a ter a prática"*.

4.4.1 Dona Silvana e família

Daniela ajuda sua mãe, Dona Silvana, na banca de carne suína. Ela foi minha aluna e, atualmente, cursa Biologia na UNEMAT de Tangará da Serra. A feira continua sendo sua atividade financeira principal e, também, espaço de produção de experiências, tanto na vida pessoal como acadêmica. Em seus estudos, ela concilia o conhecimento acadêmico com projetos aplicados na feira, em prol dos feirantes. Em seus estágios na Universidade, ela desenvolveu o projeto de reaproveitamento do abacaxi produzido pelos feirantes.

A Figura 36 mostra a Daniela e sua mãe, elas direcionam a banca da feira após o falecimento de seu pai. Administram a banca, compram o porco, abatem e realizam todo processo, só as duas. Para a mãe: "*Como é ela que me ajuda, a feira representa a vida dela".*

Figura 36 - Imagens da banca de carne suína da Dona Silvana, mãe de Daniela



Fonte: Dados da pesquisa (2021).

A mãe de Daniela mencionou que começou na feira há mais de 32 anos, quando a feira central de Tangará da Serra estava em seu início. Naquela época, sua família morava no sítio, e em suas lembranças ela recorda:

> *- Lá, produzíamos hortaliças, verduras e criávamos porco. Hoje, nós não estamos mais no sítio, por isso preciso comprar a carne de porco dos outros sitiantes. Aqui, tenho pra oferecer, também, o porco de granja. Compramos do frigorífico algumas partes para ter como satisfazer a preferência dos clientes, mas, como maior parte de nossa clientela quer o porco caipira, aquele criado solto ou em chiqueiro, compramos de colegas sitiantes, amigos e vizinhos da época que morávamos no sítio. Muitos deles não têm o perfil de vendedor. São conhecidos nossos, muitas vezes, vamos lá no sítio deles, matamos o porco, limpamos, descarnamos e trazemos para vender na feira. Já tem outros que negociam conosco o porco já limpo. Esses trazem em nossa casa, pronto para venda.*

Daniela contou que, "*assim, nós vamos nessa profissão de feirante. Eu, particularmente, desde quando nasci, estou aqui na feira. Eu nasci na quarta-feira, e no domingo já estava aqui com minha mãe, fazendo a feira*". Sua mãe, sorrindo, confirmou a história contada por ela. Daniela acrescentou que, quando ela era pequena, os colegas de feira vinham até a banca da mãe dela, pegavam-na e saiam com ela, andando pela feira. Sua mãe ficava angustiada, indo atrás dela. A mãe contou que Daniela cresceu ouvindo os feirantes falarem: "essa menina já nasceu aqui na feira!".

> *- Ela dormia em cima da banca, houve muitas vezes a necessidade de colocar uma tábua pequena embaixo da banca para ela dormir. Tínhamos essa necessidade, por trabalharmos de madrugada, saímos muito cedo pra vir à feira, isso até os 7 anos de idade da Daniela. Nessa idade ela só brincava e com os oitos anos já me ajudava nas vendas.*

Essa ajuda não é considerada um trabalho que infringe o direito da criança de estudar, brincar e socializar com outras crianças é o auxilio que ajudar a família nas práticas diárias em momentos esporádicos que não caracteriza como trabalhoinfantil, uma vez que não inflige os direitos e deveres da criança.

Daniela contou algumas lembranças sobre seu pai:

> *- Meu pai que fundou essa feira, antes ainda de existir votação para presidente. Depois que começou a ter eleição para presidente da ASFET, ele ainda ficou como presidente uns 8 a 10 anos. O que foi interrompido devido ao seu falecimento, se não ainda estaria liderando a feira. Ele gostava do que fazia pelos feirantes e os feirantes também. Ele era o que motivava os pequenos produtores a vir para feira. Juntava os grupos e estava sempre à frente para resolver alguns problemas. Tudo isso antes mesmo de existir o espaço da feira com barracão coberto.*

O pai de Daniela, Dircionil Pereira de Freitas *(in memoria)*, liderou a feira desde sua fundação, antes mesmo de haver uma diretoria, e foi eleito como presidente nos mandatos dos anos de 2003 até 2012. Porém, devido ao seu falecimento, presidiu a feira somente até 2011. Ainda sobre ele, Daniela contou: - *Muitas vezes, lá estava ele, no sítio, tranquilo, e alguém ligava, falava que quebrou alguma coisa aqui na feira, aí ele tinha que sair e vir aqui para resolver. Independentemente do que fosse ele resolvia.*

Sua mãe reforçou sua fala, contando sobre a conquista do barracão coberto da feira. Após a construção, a manutenção era mantida pelos feirantes, e Dircionil esteve à frente de tudo.

Notei que esta família tem uma grande admiração pelo pai. Ele, mesmo quando adoeceu, permaneceu na presidência da feira até falecer, e seu mandato foi concluído pelo vice-presidente. Muitas vezes, Dircionil ajudava os feirantes iniciantes, não cobrava a taxa da banca por eles não terem condições de pagar. Daniela complementou:

> *- Porque aqui nós vemos muitas histórias tristes de pessoas que passam necessidades mesmo, nós fazemos de gratidão também, pois temos que ser sempre gratos na vida. No trabalho de feirante, a ajuda mútua é essencial. Muitas vezes, meu pai deixou de tirar leite ou perdeu verdura, pois precisava sair às pressas para ajudar alguém na feira que estava*

precisando. Tinha gente que vinha aqui para comprar alguma coisinha, e sem ter condições, ia lá pedir ajuda ao meu pai. Ele sempre dava um jeitinho, emprestava a nossa banca para essas pessoas, sem cobrar nada. Esse é o trabalho de ajuda mútua. Ele buscou apoio político para melhorar a feira. Foi atrás e conseguiu, com o prefeito da época, Jaime Muraro, iniciar a construção do barracão da feira. Juntaram toda a associação dos feirantes, porque já havia uma organização quecuidava da feira e ajudava a manter e cuidar do barracão. Nessa época, o pai estava à frente para solucionar os problemas dos pequenos produtores. Ele cuidava de todas as questões financeiras, cobrava mensalidade, inclusive cobrava um valor simbólico para ajudar, pois a condição financeira dos feirantes era bem complicada, mas meu pai precisava manter as questões de segurança, e o valor arrecadado pagava alguém como segurança em todas as feiras. Ele pensava em proporcionar segurança para os feirantes que deixavam suas mercadorias na feira. Então, desde o início, sempre existiu preocupação com essas questões de segurança. Os serviços de escritório aqui da feirasempre nós da família que cuidamos com o meu pai, mas fazíamos isso sem salário, era um trabalho voluntário. Muitas vezes, eu é que ficava no escritório cuidando do atendimento, recebendo os valores que os feirantes pagavam, desde quandotinha 8 anos. Ou então, enquanto minha mãe e meu pai ficavam no escritório resolvendo algum problema, eu ficava na banca vendendo e cuidando das mercadorias e da renda da nossa família. Naquela época, tínhamos duas bancas, vendíamosverduras em uma e a outra banca era a do açougue. Daí, como tempo, meu pai e minha mãe resolveram vender a banca deverdura e ficamos aqui no açougue com a carne de porco. Logodepois, o meu pai faleceu, e ficamos eu, minha mãe e meu irmão cuidando desta banca aqui.

Na outra banca mencionada pela jovem, a família vendia frutas e hortaliças que produziam no sítio. Porém, as grandes responsabilidades da feira junto ao ofício da produção para ambas as bancas os sobrecarregaram, então resolveram manter somente a banca de carnes.

Daniela mencionou que, ainda muito pequena, teve que desenvolver a prática do diálogo para lidar com os fregueses. E tudo que aprendeu foi vendo o exemplo dos pais. Ela relembrou como era vergonhosa no início e foi se superando com a prática na feira, que a ajudou a lidar com essa timidez. Segundo ela:

> *- Em relação aos clientes, às vezes, eles precisavam ter paciência. Porque que eu era muito pequena e eles ficavam com medo de passar o troco errado ou de ficar com o prejuízo. Então, quando eu tinha alguma dificuldade e minha mãe estava por perto, ela me ajudava. Eu tinha que pensar bemrápido para fazer as contas. Porque, nessa época, meu irmão ficava na banca de carne, e eu ficava na outra banca, vendia verduras, frango, queijo... Eu ficava só aqui, eu fazia as contas para passar o total para o cliente, fazia os cálculos para passaro troco. Hoje percebo que era comum a soma e a subtração, tudo era feita mentalmente, não tinha como usar calculadora.*

Os conhecimentos matemáticos que o feirante desenvolve no cotidiano, no espaço socioeducativo da feira são segundo SILVA (2012), conjuntos de habilidades e procedimentos de contagem, medição e similares, que um grupo, uma comunidade ou um indivíduo emprega em sua vida. Nesse sentido ele diz que: "*As matemáticas estão ancoradas e sedimentadas nos princípios socioculturais do grupo que as gera e sistematiza*" (SILVA, 2012, p.2).

A jovem feirante falou do sentimento de gratidão que paira entre os amigos da feira. Contou que ainda ocorrem, com frequência, práticas antigas da cultura do feirante, como o escambo. Alguns revendedores de produtos têm o hábito de trocar suas mercadorias por um pedaço de carne suína ou um frango, para consumo próprio.

Sobre a relação entre feirante e freguês, Daniela disse que “é uma relação de amizade, de ver o cliente sair satisfeito. Cria-se um laço de confiança. Isso porque tem cliente que a gente conhece tão bem, que ao chegar na banca, antes de pedir, já sabemos o que ele vai levar. Tem outros que confiam tanto que pedem para deixar separado o corte de carne, pois sabemos que não vai faltar e que a pessoa quer isso.

Para finalizar, perguntei à Daniela o que a feira e o ofício de feirante representa para ela. Ela respondeu, emocionada: “*É minha história de vida inteira, é tudo para mim. Aprendi a lidar com muitas situações da vida aqui, a dialogar com os clientes, a ter um pensamento rápido nas contas, e sei que vai bem além disso*”.

4.4.2 Senhor Valdeci e família

As jovens Camila, Kelline e Vanessa são filhas do Sr. Valdeci, atual presidente da ASFET, são mostrados na Figura 37. As três filhas o auxiliam nas vendas em sua banca. Vanessa foi minha aluna. Em sala de aula, sempre foi tímida, não conversava muito e nem demonstrava habilidades com os cálculos, era muito insegura e tinha vergonha de explorar as dúvidas em sala. Porém, era assídua na feira, auxiliando seu pai na banca, aos domingos. Atualmente, ela cursa Fisioterapia e trabalha na parte administrativa da Feira do Produtor Rural.

Figura 37 - Imagem do Sr. Valdeci e suas filhas na banca



Fonte: Enfoque Business (2021).

Num diálogo com o Sr. Valdeci, ele falou sobre os produtos vendidos na feira e a origem da produção:

> *- A feira é assim, diversificada. No meu sítio, eu produzo leite, o queijo, produzo o pão de leite. Aí o meu vizinho produz mandioca, mas não tem um perfil vendedor e nem pode vir na feira. Muitas vezes não tem tempo, pois tem que produzir. Como eu posso vender para ajudar ele, tenho 3 filhos que me ajudam, então trazemos e vendemos pra ele.*

Sobre a relação com os atravessadores, o Sr. Valdeci expôs seu ponto de vista:

> *- Com isso, muitos falam: na feira tem atravessadores! Tem sim, porque precisa. Se tem 5 produtores que não conseguem sair para comercializar, então como vou expulsar os atravessadores daqui sendo que ele é um representante dos 5 que estão lá? Então, temos que pensar no coletivo em relação àquele que está atravessando aqui as mercadorias, ele também está ganhando um pouquinho. São pessoas simples que estão ganhando o pãozinho de cada dia para a família deles. Ele não é empresário, aqui na feira não tem ninguém empresário, não tem ninguém rico. Tem o cara que está ganhando um pouco representando os cinco feirantes que não podem sair.*

Numa parte da feira, é necessária essa relação entre atravessador e feirante, pois se trata de uma ajuda mútua. Segundo seu Valdeci, não são todos os feirantes que têm essa *ginga* de comerciante, por não saberem vender, não conseguirem dialogar com seus clientes, e muitas vezes, nem têm tempo para tal, pois a cultura do seu produto exige mais cuidados. O Sr. Valdeci completou, dizendo:

> *- Ao mais, tá cheio de atravessadores na feira, tem bastante. Nós convivemos no mesmo ambiente. A feira é livre e cada um sabe o seu papel. Ah, mas na banca de fulano é mais barato*

> *que na outra. [...] Você escolhe, o mercado é livre. Ah, o outro não é produtor, é atravessador. Se você gosta da cara dele, gosta de conversar com ele, e quer pagar o centavinho a mais, pague! Vai lá e compra dele, tranquilo. É assim que penso, pois na feira a lugar para todos.*

Quanto ao tempo dele e de sua família na feira, afirmou: "*Eu sou novo, eu só tenho seis anos de feira aqui em Tangará da Serra. Mas essa feira tem mais de 40 anos. Ela é uma cultura da cidade, inclusive ela é a maior do Mato Grosso".* Ainda que o Sr. Valdeci tenha pouco tempo de feira na cidade, ele contou que sua vida sempre foi lidar com a terra, com o comércio de gado e a produção de leite e derivados.

Perguntei como ele percebe a relação entre feirante e freguês. Ele disse: "*É uma relação de amizade, que acaba sendo até um, uma coisa assim de [...]* (um silêncio transpareceu a emoção ao se referir aos seus fregueses, e depois prossegue) *eu tenho muitos amigos, essas pessoas mais de idade que vem cedo na feira, vem bem cedinho. Então, vou falar pra você: eu tenho tantos amigos aqui na feira, meus clientes a maioria deles é daqui, são meus amigos".*

Depois, ele recordou sua chegada na feira como um desconhecido e a conquista do seu espaço com os colegas feirantes e com os fregueses:

> *- Eu, quando cheguei na feira, trazia 30 litros de leite, vendia 15 litros e os outros 15 litros eu levava embora, porque eu nãoos conhecia, e o pessoal não conhecia o meu produto. Ah, vou pegar de outros feirantes, porque você eu não conheço. A partir do momento que você vai pegando conhecimento, aproximando do cliente, essa relação vai tornando um vínculo de confiança. Hoje, eu vendo 150 litros de leite. Quer dizer, hoje eu sou parte da feira, conhecido pela freguesia, tanto que, às vezes, extrapolo um pouquinho com os parceiros da feira. E, com os fregueses, fui pegando conhecimento com os mesmo de antes, de quando iniciei, assim foi ampliando.*

Ao mencionar sobre os saberes produzidos no convívio com sua família, na

lida como sitiante, Sr. Valdeci relatou, com muita convicção e alegria, algumas lembranças. Ele contou que "*esse aprendizado vem lá de trás"*. Seu bisavô, seu avô e seu pai sempre foram pequenos produtores. Seu pai é até os dias de hoje. Para ele: "*Todo mundo veio lá da roça, mas a minha linhagem foi mais focada, porque meu pai ele tá na roça ainda, ele tem 80 anos".* Quando menciona a palavra "linhagem", o Sr. Valdeci se refere aos saberes que acompanham a geração familiar e permanece até os dias atuais, com seus filhos.

Ele continuou dialogando sobre os saberes passados de pai para filho, netos e bisnetos:

> *- Ajudar o pai, esse serviço era destinado aos mais velhos, como sempre fui o filho mais velho, então eu ficava à frente das tomadas de decisões junto com ele (o pai), então fomos criando esse vínculo. Fui estudar, fiz o segundo grau completo e decidi que não queria mais, e fui pra roça mexer com ele.*

Nesse sentido, ele aprofundou um pouco mais sobre a vida antes do ofício de feirante, falando:

> *- Nunca fui feirante, pois morava num sítio longe da cidade, plantava o do consumo e tinha renda da venda do leite para laticínios. Nós sempre mexemos com o leite, e eu me casei, já estava na cidade estudando, quando eu me casei voltei a viver na roça de novo, aí eu fui mexer com o leite e levei minha mulher. Nós tirávamos leite, e era normal 200 litros, 250 litros, sem ordenhadeira, e a gente sobreviveu vivemos muito bem, graças a Deus. Meus filhos sempre aprenderam a lida. Tenho as meninas que ajudam a mãe na produção dos doces, queijos e derivados do leite e meu filho de 14 anos, que, hoje, sabe tirar o leite sozinho. Ele tem o cavalo dele, ele que cuida, gosta de cavalo. Então eu vejo que ele vai ser o seguimento dessa minha caminhada na roça. As minhas filhas, duas estão na faculdade, penso que vão seguir a área da saúde. Eu não posso sair da roça porque não tenho profissão.*

Neste momento, perguntei: Mas ser pequeno agricultor não é uma profissão? Ele respondeu:

> *- Aliás, não é uma profissão na cidade, mas é no campo. É que a valorização do feirante, dos alimentos que são produzidos no campo está mudando, e o que eu quero com esse trabalho aqui na feira como presidente da ASFET é divulgar. Porque nossos produtos aqui são vindos da roça, direto do campo, produto beneficiado e diferenciado dos mercados, de grandes produtores que produzem em larga escala e precisam usar agrotóxicos. Aqui na feira, o freguês cria um vínculo de amizade, sabe onde você mora, faz uma visita no sítio, conhece o tratamento do seu produto, como é produzido, sabe como você tira o leite, como você aplica um remédio para não dar resíduo no leite... Tudo isso existe e é fundamental na produção da agricultura familiar. O freguês procura o produtor com referencial de qualidade, hoje isso continua sendo importante nessa profissão de feirante.*

Para o Sr. Valdeci, o freguês está ficando cada dia mais atento e exigente com o feirante. Segundo ele, na hora da venda, mesmo sendo produto de qualidade,alguns clientes querem pechinchar. Nesse sentido, ele pontuou: "*o freguês tem que ser político, ele tem que saber conversar com feirante para questões de preço. Muitas vezes, ele precisa fazer a cotação do produto, chegar no feirante e negociar cara-a-cara com ele".* Em nosso diálogo, ele apresentou um terceiro perfil de freguêsque tem preferência pelos produtos da feira:

> *- Se é um dono de restaurante, ele negocia direto com feirante. O feirante consegue fazer um preço melhor quando ele é o produtor e não o atravessador. Para o produtor essa negociação ela é flexível, pois é ele que dá preço no seu produto. E assim, o feirante consegue conquistar o seu cliente. Sabe por que é importante ter essa ginga? Vou te explicar: Para o feirante, ele não tem interesse de finalizar a feira e voltar para casa com seu produto, ele quer negociar. Então, nessa hora,*

> *alguns donos de restaurante conseguem levar para sua clientela um bom produto, pois sabem que é comprado aqui na feira. Isso acontece com frequência na feira, não só com alguns empresários que compram grandes quantidades para os seus restaurantes, mas também com o cliente que vem na feira e faz uma negociação diretamente com o produtor. Tanto é que aqueles que vêm na feira antes de 9 horas sabem que vai levar um produto fresco num preço normal, mas se ele vem depois de 9 horas o preço do produto é outro, o valor abaixa. Então, é prejuízo o feirante retornar com o seu produto, mesmo que ele consiga aproveitar para alimentar uma criação. O que é interessante para o produtor é pôr o seu produto na mesa do cidadão, é isso que deixa o produtor feliz. Para nós, é satisfatório saber que colocamos produtos de boa qualidade na mesa do cidadão. Então, há fregueses que desejam comprar o produto fresquinho, esses chegam cedo na feira, alguns vem 6 horas da manhã, paga um pouco mais caro, outros querem um produto de boa qualidade, mesmo que ao final da feira, esses vêm mais tarde e pagam um pouco mais barato.*

Compreendendo a dinâmica na relação de freguês e feirante, observamos o vínculo de confiança entre ambos. Mesmo com a pandemia, essa relação manteve-se com os cuidados de biossegurança. Além da questão de saúde, outro fator preponderante que afetou esse grupo social foi a crise econômica, trazendo como consequências a redução das bancas na feira. Segundo Sr. Valdeci:

> *- Antes da pandemia, nós estávamos com mais de 350 bancas na feira. Com o início da pandemia, houve essa fuga. Os mais velhos tinham muito medo, até hoje tem gente que não voltou. Com isso, a média hoje é de 280 a 300 feirantes. Tem alguns que ficam um ou dois meses sem vir, depois retornam.*

Percebi outra preocupação dos feirantes: a questão ambiental. Alguns produtos ficam comprometidos quanto à qualidade, dentre os contratempos visíveis

no período pandêmico. Esse fator também tem prejudicado a economia dos feirantes, e mostra que alguns deles praticam ações preventivas imediatas, mesmo que os resultados sejam alcançados a médio ou longo prazo, pois não dependem só de seus esforços.

Sobre isso, perguntei para o Sr. Valdeci se eles vendem sempre os mesmos produtos em cada banca. Ele comentou que alguns feirantes fazem rodízio em sua banca, pois tem determinadas plantas que não produzem bem em determinadas épocas. Com isso, o número de bancas oscila muito. "*Assim como a crise do milho, que tem a época de produzir, tem a época do tomate, da alface, muitos produtores preferem fazer assim".* Então, pedi para ele esclarecer sobre o preço do produto no período de baixa temporada da produção:

> *- Sobre o custo-benefício para o feirante, eles estão aprendendo a ser empreendedores de verdade, então seguem "a lei do mercado". Quando você tem o produto em abundância, o preço é um. Quando você não tem com fartura, o preço é outro.*

A lei do mercado mencionada pelo Sr. Valdeci é a chamada lei de oferta e demanda criada por Adam Smith em 1776, onde a oferta depende do preço, da quantidade, da tecnologia utilizada na fabricação entre outros fatores relacionados aos produtos e serviços. A procura é influenciada pela preferência do consumidor final, a compatibilidade entre preço e qualidade e a facilidade de compra do produto. Como exemplifica o Sr. Valdeci:

> *Por exemplo, o leite na época da seca diminui a quantidade produzida e aumenta os custos com ração, por isso tem que agregar ao valor, senão inviabiliza para o produtor, não tem como você trabalhar. Veja bem, essa matemática é bem simples, com o alto custo, você tem alguns compromissos a cumprir, então a lei do comércio é essa, diminuiu a produção e aumentou a demanda o produto tende a subir, assim é com o hortifrúti também, mesmo quem produz com estufa, irrigado, vai gastar mais, então vai cobrar mais. O pequeno produtor, nesse período de pandemia, teve que aprender a lidar com*

isso. Por isso, ele cresceu como empreendedor.

A etnomatemática aprendida ao longo do tempo com as práticas de produção de leite, saberes oriundos de sua geração, mostra que a experiência do pequeno produtor com a “lei do mercado” é aprimorada conforme as necessidades do feirante para natural sobrevivência. Mencionada por D´Ambrósio (2005) sobre as tentativas de explicar as pulsões básicas da existência humana e a vontade que alimenta a busca de sobrevivência e de transcendência.

Nesse sentido Certeau (1994, p. 109) afirma que as práticas cotidianas estão na dependência de um grande conjunto, difícil de delimitar e que, a título provisório, pode ser designado como um dos procedimentos. Para ele, esses esquemas de operações e manipulações técnicas são fundamentais, na perspectiva de que os feirantes adotam estratégias para execução do ofício e constroem suas práticas, suas trajetórias.

Observei que, na feira, existem muitos feirantes produtores que, em determinadas épocas do ano, trabalham com revenda de produtos. Outros, os atravessadores, apenas revendem. Então, perguntei ao Sr. Valdeci sobre a quantidade de atravessadores na feira. Ele respondeu:

> *- Tem uma quantidade baixa hoje. Para nós, é com muita alegria que nós podemos dizer que 85% da feira é do pequeno produtor rural, 15% da relação com os atravessadores, que, em muitos casos não deixa de ser comercializado um produto da agricultura familiar do pequeno produtor, como já foi dito anteriormente.*

Em um momento, Sr. Valdeci, exercendo seu posto de presidente da ASFET, precisou parar nosso diálogo para atender um feirante. Ele aproveitou e pediu para o feirante falar para mim sobre sua experiência enquanto produtor e feirante: “*Olha o exemplo desse rapaz, ele é quem administra a sua mercadoria desde a produção até a venda final, é produtor de hortifrúti”.* Como havia chegado e, por um tempo, observado nossa conversa, complementou:

> *- É fácil produzir um produto de qualidade, o difícil às vezes é*

> *negociar esse produto com cliente e receber pelo valor de mercado. O duro é negociar, cuidar de tudo e ainda negociar o valor do produto que você traz para vender. Quando o perfil do cliente é uma pessoa de família que vem comprar o seu produto, ele quer escolher e levar um produto de qualidade, não importa o preço para ele. Mas quando é um dono de restaurante, o que ele quer é preço, não importa a qualidade.*

Ao ouvir a fala desse produtor, confirmamos o que, anteriormente, Sr. Valdeci observou: geralmente, o feirante vende mais barato quando negocia em grande quantidade, com clientes donos de marmitarias e restaurantes. Para esses clientes, o que importa é o custo do produto, a qualidade e, ao negociar diretamente com o produtor, conseguem preços melhores do que os de mercado.

Esse feirante ainda deixou claro que sua produção tem grande variedades de verduras e hortifrúti. Já pela experiência no plantio e devido às condições do clima em determinadas épocas do ano, ele procura respeitar a condição cíclica da natureza e, assim, não fica sem o produto a ser vendido na feira. Segundo ele: "*Quando é a época de plantar hortaliça, planto e vendo as hortaliças, já na temporada das frutas de época trago para vender essa determinada fruta, assim não fica sem o cliente e nem sem o produto da venda".*

4.4.3 Senhor Rogério Rios

Todos os dias, no escritório da ASFET, há uma movimentação. Num dia em especial, foi possível observar um pouco a contabilidade de entrada e saída dos feirantes. Alguns foram acertar a taxa da banca, outros levaram o valor devido para encerrar as atividades na feira, devido aos reflexos negativos da pandemia. Reestabelecer, reestruturar ou mesmo iniciar nas vendas não tem sido fácil para o grupo social dos feirantes. Com a vontade de contribuir para com a fala do Sr. Valdeci e de transparecer o seu ponto de vista, Rogério Rios, o Secretário Municipal de Agricultura, Pecuária e Abastecimento (SEAPA), contou como foi lidar com o feirante e com a feira nos percalços do período pandêmico:

> *- No início da pandemia, muitos produtores pararam de plantar, pois não tinham para quem vender. Lembra do período de*

> *fechamento da feira bem no início? Então! Isso quase gerou o desabastecimento nos mercados que compram as mercadorias dos pequenos produtores da nossa região, aqui na feira também chegou muito próximo do desabastecimento. Com isso, muitos feirantes não tinham condições financeiras para comprar as sementes, por conta da crise. Ficaram sem mercadoria, sem o dinheiro e sem condições de investir, pois as sementes tornaram-se mais caras e alguns pararam de plantar. No prazo de dois meses, ficou muito próximo do colapso por causa da falta dos produtos da feira. A sorte que voltou, os feirantes começaram a vender "escondido" aqui na feira, mesmo com a feira fechada, aumentou o número de bancas em suas calçadas, o que era proibido na cidade e, devido a pandemia e a queda da renda familiar, foi abrindo essas pequenas brechas de verdurarias na porta de casa. Até que os pequenos produtores retomaram o plantio e as coisas foram se ajeitando.*

Aproveitei o diálogo para saber a visão do secretário das mudanças na feira após a pandemia. Segundo ele, o perfil do cliente mudou bastante. Com as restrições, o cliente começou a comprar muitas coisas por entrega, por *delivery*. Esse fato não era comum antes da pandemia. Ele complementou:

> *- Montaram bastante quitanda na frente das casas. Hoje, muitos vendem na porta de sua casa e o cliente deixar de vir comprar na feira. Tá certo que muitos pegam as mercadorias do feirante para vender, e não sabemos ainda o quanto isso afeta o pequeno produtor, por isso, essas entregas passaram a ser uma opção a mais de venda para o pequeno produtor.*

Além disso, ele também citou o problema da falta da água em Tangará da Serra, que vem afetando o plantio dos pequenos produtores. Esse fato tem prejudicado boa parte dos cidadãos da cidade há alguns anos. E, para surpresa de muitos, nos anos de 2020 e 2021, o problema chegou na zona rural, afetando o

campo e prejudicando os pequenos produtores rurais do município. O secretário continuou:

> *- Outra mudança importante observada na feira de Tangará da Serra, que alavancou com a pandemia, foi o perfil do pequeno produtor. O feirante vem modificando, modernizando, empreendendo o seu negócio. A feira está saindo de um patamar de produção para comercialização, que antes era muito desorganizado. A comercialização acontecia toda misturada, embolada, sem passar pela seleção do produto grande com o produto pequeno, do produto de primeira com o produto de segunda. Para o feirante, isso não fazia diferença. Hoje, ele vem expandindo sua comercialização com a necessidade de entregar para mercados e restaurantes, e teve que aprender a ser organizado com sua mercadoria para acompanhar de forma justa os grandes mercados comerciais. Com isso, eles estão sendo obrigados a se adequar a essa nova modalidade. Beneficiam o seu produto, estão separando caixa de tomate melhor, vendem por R$ 90,00, por exemplo, os menores vendem por R$ 70,00. Essa mudança está sucedendo na feira, meio lento, mas já está acontecendo agora. O feirante está saindo do patamar de produção, porque produzir não é mais problema para eles, eles têm a experiência de lidar com a terra e se adequam as necessidades. Agora, na prática de comercialização, estão se tornando empreendedores mesmo. Aqui na feira isso tem refletido bastante, para melhor. Os fregueses vêm notando isso. Se um freguês quer levar um pé de alface, antes o feirante não vendia, o freguês ia para casa com 5 pés de alface. Hoje não, o feirante está atendendo aos desejos dos seus fregueses e vem melhorando sua clientela. Além disso, a forma de vender com um cartão de crédito/débito, com o pix tem ajudado muito o feirante a empreender, conforme as necessidades da sua freguesia.*

O feirante que estava ali presente no momento da entrevista disse que tecnologia os ajudou bastante, proporcionando independência para cotação de preço e na compra de sementes via *internet*, uma vez que, na cidade, as casas de campo e agropecuárias aumentaram o preço da semente para o pequeno produtor. Ele afirmou: "*isso não era vantagem, então, aprendemos a pesquisar e a comprar na internet e isso tem ajudado muito a cotar preço e economizar um pouco".*

Como o secretário de agricultura do município também é feirante, ele tem notado o envelhecimento dos feirantes. Na maior parte das vezes, não há pessoas jovens no ofício de feirante, para administrar e modernizar o trabalho da família. E, assim, ele questionou: "*Quantos desses feirantes não conseguem usar uma maquininha de cartão? Então, nessa geração será que uma boa parte não está aceitando continuar o empreendimento dos feirantes avós e dos pais? Não é toda a família hoje que tem seu substituto para colocar aqui na banca da feira, muitos estão saindo, estão abandonando e dando outro seguimento na zona urbana".*

Neste diálogo, em conjunto com pessoas de vivências divergentes, mas que carregam a experiência do ofício de feirante, foi nítida a maneira como era visto o pequeno produtor antigamente. Na escola, esse olhar insensível para aquele que cultiva a agricultura familiar é a marca que a desvalorização do ofício deixou em diversas famílias. Essa hipótese tende a deixar cicatrizes, como a metamorfose do ofício de feirante, episódio típico do cenário atual por parte dos filhos/netos de feirantes que não ajudam na feira, o que pode interromper a cultura das feiras livres. Nas palavras do feirante presente em nosso diálogo, isso fica claro:

> *- Na escola, antigamente, quem morava na zona rural, na roça, era criticado, era tipo criminalizado, quem era da roça. Isso ocorria por parte de professores e alunos. Quando os ônibus quebravam ou atolavam no caminho, na época de chuva, nós chegávamos na escola respingados ou sujos de lama. Muitos zoavam de você, e o professor não deixava o aluno entrar para assistir a aula. Mas, essas coisas aconteciam e não era culpa deles, e aí começavam aquelas palavrinhas: 'Olha lá, é caipira'. Para nós isso era um xingamento: 'ôh caipira'. Era assim, hoje não é mais. Hoje, ser chamado de caipira é elogio, é um privilégio. Porém, era assim, hoje eu prefiro ser chamado de*

caipira.

Acompanhar a experiência da família do Sr. Valdeci trouxe a nitidez de que os saberes desse povo se mantêm nessa família e ultrapassam as gerações. Ao mesmo tempo, se faz necessária a visibilização da importância do trabalho do feirante. A atividade humana perpassa pelas contribuições que um povo desenvolve no seu ambiente natural, bem como na identidade de um povo, é crucial a valorização da cultura. Certeau (1994) considera que toda atividade humana pode ser cultura, mas ela não o é necessariamente ou, não é forçosamente reconhecida como tal, pois, "*para que haja cultura, não basta ser autor das práticas sociais; é preciso que essas práticas sociais tenham significado para aquele que as realiza*." (Certeau, 1994, p. 142).

No caso do Sr. Valdeci, sua descendência vem sendo preservada com o filho e com suas filhas, ainda em idade escolar. Sua filha, Vanessa, trabalha no escritório de administração da ASFET e contribui na banca de seus pais.

4.4.4 Dona Rosana e família

Outro exemplo disso, é a família de Dona Rosana. Ela vende legumes e verduras na feira, junto ao seu esposo, seu filho, sua nora e seu neto. Ela e sua família iniciaram a jornada na feira com seu sogro, que, quando veio morar em Tangará da Serra, há cerca de 30 anos, resolveu comprar uma chácara e passou a comercializar os produtos excedentes na feira, seguindo até os dias atuais.

Mais tarde, o marido de Dona Rosana, que era caminhoneiro, deixou essa profissão devido impossibilidade de manter a família por meio dela. Então, mudaram-se para Tangará da Serra, passaram a cultivar legumes e verduras e comercializá-los na feira, junto ao sogro, há cerca de 16 anos. A Figura 38 retrata a banca da família de Dona Rosana.

Figura 38 - Sequência de imagens da banca da família de Dona Rosana



Fonte: Dados da pesquisa (2021).

No princípio, a família de Dona Rosana e o sogro plantavam de ameia[5], arrumaram uma banca e estão nela até hoje. Com muito orgulho, Dona Rosana disse:

> *- Criamos nossos filhos, porque eram todos pequenos quando começamos. Tenho uma menina de 28 anos e um filho de 30 anos. Os dois vieram trabalhar com a gente, hoje estão formados. O pai do Bruno terminou o estudo até o ensino médio e não quis mais estudar, mas está trabalhando, inclusive trabalha em dois serviços. O pai dele tem uma banca aqui na feira, um pouco abaixo da nossa. Ele trabalha no posto de gasolina e tem uma quitanda perto da escola João Batista. Lá quem cuida é a Larissa, sua enteada. O pai do Bruno é casado com a mãe dela. Eles montaram a quitanda com vários produtos daqui da feira do produtor, outros plantamos e eles pegam lá da chácara. E, assim, vamos vivendo. O Bruno ajuda na feira e nos serviços da chácara também. A Larissa ajuda na feira e na quitanda.*

[5] A expressão “plantar de ameia”, comumente utilizada no contexto dos feirantes e agricultores, se refere ao plantio em sociedade com outra pessoa. Neste caso, Dona Rosana e seu núcleo familiar dividiam (não necessariamente ao meio) a terra, as ferramentas, os insumos e a mão-de-obra com o sogro.

Sobre a lida no campo, ela mencionou que seu esposo é quem cuida da horta. Segundo ela, ele não tem perfil para as vendas, enquanto ela exerce o ofício de feirante com satisfação:

> *Nossa, eu adoro vender, nunca falto! O dia que não venho por algum motivo importante, dá vontade de vir assim mesmo. A feira é só duas vezes por semana. Eu conheço os meusclientes e os clientes me conhecem, então tem muitos que sãonossos amigos desde antes de eu fazer feira.*

Na conversa com a Dona Rosana, ela contou um pouco sobre o manejo e produção, sobre a forma como solucionam as dificuldades relacionadas ao clima e sobre os saberes passados para seu filho e neto sobre o ofício de feirante:

> *- Agora, com a falta de água, está meio difícil a produção. O que a gente não produz lá, pegamos dos pequenos produtores daqui de Tangará mesmo. Tem muitos produtores que plantam, mas não são feirantes, então eles trazem para gente vender ou vamos buscar. Meu neto aprendeu desde pequeno. O Bruno veio morar comigo já faz uns 6 anos, desde então eu o trago pra feira, e ele vem ajudando a vender. Quando tem muita mercadoria, eu passo uma banca para ele, e ele vai vendendo, assim ele já ganha seu dinheirinho. Hoje ele já dá conta sozinho, e gosta muito, pois com o seu dinheiro paga as despesinhas dele, as coisas que ele gosta de comprar. Eu incentivo ser assim, porque se ele gosta de comprar as coisas, tem que trabalhar cedo. Daí eu passo a mercadoria para ele, dou um descontinho no valor, e o que ele vende eu passo a diferença para ele. Vejo que ele consegue administrar bem essa parte. Ele mesmo soma, faz tudo certinho. No início, eu fazia, agora ele aprendeu e faz os cálculos.*

Para Dona Rosana, a pandemia reduziu muito a clientela da feira, pois os idosos e crianças deixaram de vir por motivos de segurança. A saída para tal situação foi “*o delivery por um tempo, porque não tínhamos muito tempo pra atender*

o delivery, pois vamos para a chácara, depois vamos para a feira. Agora está voltando ao normal. O movimento, às vezes, é devagar, geralmente melhora nos finais de mês".

Quando perguntei sobre o significado da feira para eles, ela disse, emocionada: "*A feira, para mim, significa nossa vida! Eu queria que a cidade aqui valorizasse mais a feira, nós precisamos de incentivo da população. As mercadorias vendidas aqui têm outra qualidade, é produto colhido fresco. Vivemos deste trabalho. Gosto de estar aqui, de lidar com o cliente*".

Em meu diálogo com Bruno, envolvemos os saberes aprendidos pelas gerações, trazendo a riqueza do lidar, do ensinar, do aprender para viver, e de preservar os saberes que transcendem as gerações, mantendo vivo aquilo que traz sentido à vida.

Bruno ajuda a avó desde os 6 anos de idade: "*Nessa época, eu só ajudava a empacotar as mercadorias. Eu não sabia atender ainda, nem vender*". Perguntei como ele aprendeu a vender. Ele respondeu: "*Primeiro foi na escola, a fazer os cálculos de mais e menos. Daí, quando viu que eu conseguia fazer as contas, a minha avó me ensinou a vender na feira*".

Partindo do princípio de que a criança traz consigo conhecimento e vivência de mundo por meio das situações que perpassam seu cotidiano, atrelar os seus saberes com os saberes curriculares pode culminar no interesse pelas práticas matemáticas, como menciona D'Ambrosio (2012) ao afirmar que a educação matemática deve estar voltada como uma estratégia para levar o aluno a estar em paz consigo mesmo e com seu entorno social, cultural e natural.

Na pandemia, segundo ele, o movimento reduziu 50% ou mais: "*os corredores da feira eram cheios de gente. Hoje se vê ali no corredor umas 50 pessoas espalhadas, enquanto antes tinha umas 100 pessoas ou mais. E isso na quarta-feira ainda é pior. Após às 10:00 horas, muitas vezes, não se vê ninguém mais na feira*". De acordo com ele, a avó só não teve maiores prejuízos por entregar produtos para alguns clientes donos de restaurantes.

Com relação a se considerar um bom vendedor, ele responde, com veemência, que "*sim, exceto quando estou muito cansado, fico mais sério. E também não gosto dos clientes que reclamam bastante, comparando o produto com o do mercado, reclamando do preço. Tem pessoas que acham que é fácil plantar, produzir*

e colher". Sobre as dificuldades enfrentadas para o plantio e a colheita, ele se sensibiliza ao expor:

> *- A maior dificuldade enfrentada no momento é a falta de água. Está muito difícil plantar, pois a represa que tinha lá na chácara do meu avô secou. Meu avô está planejando se adequar à hidroponia, pelo fato de poder reutilizar a água e, assim, não perder o plantio. Essa dificuldade com a crise hídrica em Tangará da Serra já está acontecendo há alguns anos. O meu bisavô criava gado leiteiro, e como não tinha pastagem boa para o gado comer, ele foi vendendo. Nossa geração de feirantes vem dele e permanece até hoje na feira. Eu comecei minha banca de verduras na feira aos 15 anos. A experiência de ter a própria banca é boa, começou na pandemia, quando o vizinho da banca que vende tomate faltava. Eu aproveitava para colocar meus produtos para vender. Organizo e administro tudo na banca, desde pagar a mensalidade, até o valor de custo, de venda e o lucro dos produtos. Os produtos são, geralmente, negociados com minha avó. Faço balanço dos produtos e acerto com minha avó. Aprendi a lidar com vendas, contabilidade e economia logo cedo, junto do meu avôe bisavô. Gosto muito de trabalhar na feira, para eu representar uma comunidade em família, onde fazemos muitas amizades.*

Assim, na feira, essa família tem três bancas. Cada núcleo familiar cuida da sua banca e carrega suas histórias para as gerações. O importante é que todos contribuem com as vendas na feira.

Larissa, de 15 anos, é enteada do pai de Bruno e trabalha em outra banca com sua mãe e o padrasto. Ela relatou que auxilia na feira desde os 12 anos. Seu padrasto iniciou na feira antes mesmo de se casar com sua mãe. Ela nota um forte vínculo entre as três famílias que desenvolvem o trabalho na feira com ajuda mútua.

Cada família conduz sua banca, as negociações e a logística das mercadorias que desejam vender. Não vendem os mesmos produtos, mas alguns coincidem, como os que são produzidos na chácara. Eles ofertam produtos à granel, embalados

e preparados (verduras e legumes picados, prontos para o consumo). A negociação acerca da revenda das verduras é realizada pela mãe de Larissa e seu padrasto. Para Larissa, ficou a função de vender nos dias de feira e na banca da mercearia, em sua residência, além de higienizar, preparar e embalar os produtos.

Não há um vínculo ou contrato de fornecimento contínuo de mercadorias entre feirante e revendedor. As relações são, predominantemente, informais, devido à relação de amizade com muitos sitiantes que vivem de produzir e revender.

Larissa afirma que alguns fatores influenciam diretamente na rotina de sua família, em relação à feira. Um deles é a disponibilidade de água para irrigarem suas hortaliças. A falta dela faz com que não tenham as mercadorias de produção própria: "*Então, agora, eles estão comprando para revender, pois não está tendo água na cidade pra plantar*". Quando não há crise hídrica em Tangará da Serra, a relação dos atravessadores é estabelecida diretamente com o pequeno produtor.

Larissa contou que o seu avô paterno é sitiante. Ele produz e vende na feira. Assim, se forma a ideia de que os trabalhadores da feira constituem uma grande família, na qual feirantes e atravessadores são, em grande parte, sitiantes que se relacionam com ajuda mútua para garantir renda.

Na visão de Larissa, a pandemia prejudicou bastante as vendas, pois o número de clientes na feira diminuiu: "*atrapalhou muito no movimento, os produtos aumentaram o preço, com isso, houve a necessidade da minha mãe reajustar o valor das mercadorias vendidas na feira e na mercearia*". Por isso, eles precisaram reduzir a quantidade de mercadorias negociadas com os atravessadores. Larissa contou, ainda, que, no início, houve um estranhamento por parte da clientela, mas foi necessário acompanhar o preço de mercado, para não haver prejuízo. Segundo ela, o uso da máquina de cartão e do *pix* foi beneficiou tanto os clientes quanto os feirantes, principalmente devido ao troco.

Como medidas para amenizar os prejuízos causados pela pandemia, eles optaram por vender no modo *drivethru* e abrir uma verduraria na frente da residência da família, que funciona constantemente nos dias que não tem feira. Assim, a clientela foi aumentando gradativamente e, hoje, há muitos clientes que se tornaram fregueses fiéis.

4.4.5 Dona Rute e família

Rute, mãe de Daniel e Maria Eduarda, cresceu ajudando o pai no plantio e comercialização de banana. Atualmente, segue no mesmo ofício, que é o meio de sustento da família. Ela é solteira, tem quatro filhos, e disse que sente prazer em ver a família trabalhando unida. Para os filhos, a alegria da mãe é mostrar que eles sempre ajudaram, inclusive Maria Eduarda, aluna do 7º ano que, como conta a mãe, "nasceu na feira". Essa expressão traz a essência do prazer de ser feirante, que ultrapassa gerações, uma vez que ela menciona as lembranças de sua infância, sempre ajudando os pais. A Figura 39 retrata a banca de Dona Rute e de sua família.

Figura 39 - Sequência de imagens da banca de Dona Rute, do Daniel e Maria Eduarda



Fonte: Dados da pesquisa (2021).

Nas palavras dela: "*Todos os meus filhos contribuem nessa equipe. O Gabriel, filho mais velho, constituiu família há pouco tempo, dando rumos diferentes do trabalho em feira*". Entretanto, ela mencionou que, na maior parte das vezes, quando Gabriel não está viajando a trabalho, ele vai ajudá-la na feira. Ela prosseguiu, dizendo: "*O Daniel e a Maria Eduarda são meus companheiros fiéis de feira. E o quarto filho será o próximo filho da feira*", ela expressou com a mão em seu ventre, indicando que está gestando o quarto filho.

Durante nosso diálogo, em um determinado instante, ela parou e observou a conversa de um cliente que estava pechinchando, no horário de final de feira. Ele insistiu até que conseguiu o desconto. Num ar de muita alegria, esse senhor expressou: "*Ô Rute, estou com você!*". Voltando ao nosso diálogo, ela disse:

> *- Eu conheço meu cliente só de ele olhar para mim. Conheço todos os meus clientes, todos, todos... Se ele olhar na caixa e*

> *olhar para mim, eu sei se ele quer a banana mais madura, ou a mais verde, ou no ponto. Estou lhe dizendo que conheço todos os meus clientes. Eu sei quando ele não quer que eu atendo ou quando quer que eu atendo. Essa relação com a clientela é como uma família, eles se apegam muito e eu me apego muito a eles. Quando falece um cliente meu, eu sofro como se fizesse parte da família. Já teve cliente que falou: "Rute, posso conversar com você?". Eles desabafam as dores que sentem. Como já chegou gente querendo se suicidar, eu converso, tiro essas ideias da cabeça dele. Já chegou cliente pedindo uma banana... Eu não pegava só uma, entregava o cacho inteiro, colocava na sacola, e a pessoa me falava: "mas eu pedi só uma". Respondo: Mas eu decidi te dar uma penca. Dali uns 8 meses, ele veio e disse: "Você não está me conhecendo. Lembra uma vez que pedi uma banana e você me deu um cacho inteiro? Hoje eu vim comprar de você e te agradecer. Aquele dia eu estava na rua, com fome. Hoje estou trabalhando e tenho onde morar". Aqui eu trato todos, todos, todos do mesmo jeito, desde o maior até o inferior. Então, quando saio de casa, deixo os meus problemas lá. Aqui ninguém vê meus problemas. Todos que veem meu rosto pensam que eu sou feliz, alegre, que transmito uma felicidade, uma paz, uma alegria e pensam que sou assim. Mas só eu sei os problemas que já enfrentei e ainda enfrento aqui por ser mulher sozinha.*

Nesta fala, é importante ressaltar a relação de amizade entre cliente e feirante, além da garra feminina, da resiliência e humanidade para ultrapassar os desafios e permanecer vislumbrando o lado bom da vida, passando essa energia positiva para seus clientes e amigos.

Pedi para que ela contasse um pouco mais de sua história na feira. Ela disse: "*Aí, 'fia', são histórias muito complicadas... Só que tem a grande vitória, graças a Deus. Na verdade, eu comecei na feira com meu pai. Iniciamos as vendas na feira*

da Vila Alta, vendemos no sindicato dos trabalhadores por um período e depois viemos para essa feira do centro". Esse foi um momento delicado do diálogo, pois ela chorou ao falar das lembranças. Depois de uma longa pausa, continuou:

> *- Meu pai sempre foi produtor de bananas, só produzia bananas. Nós produzíamos muito, entregávamos para os feirantes aqui e também vendíamos na banca. Era assim: meu pai plantava, e meu irmão e eu vendíamos na banca. Mas passamos por muitos perrengues para vir vender. Naquela época, meu pai vinha comigo. Nós dormíamos no sindicato para vender na feira da Vila Alta. Vínhamos de charrete até o ponto de ônibus, depois ficávamos nos bancos. Meu pai despejava as bananas ali no escritório da garagem de ônibus. Nós ficávamos ali no camelô, esperando alguém conhecido que nos levasse para a feira do centro. O nosso sítioé na Gleba Triângulo, e toda feira fazíamos esse trajeto. Às vezes, o ônibus não queria nos deixar direto no camelô, até queentrou um novo motorista que entendia a situação, o Miranda. Ele nos largava no sindicato. Nisso, as pessoas iam passandoe comprando banana, ali mesmo, no camelô. Tenho amigos delá até hoje, que me conhecem e são meus clientes aqui na feira.*

Como ela contou, no princípio, a banca ficava isolada, ninguém se aproximava. Devido a isso, eles não vendiam quase nada, logo, restava ao seu pai entregar as bananas para as mercearias e mercados. Com o tempo, aos poucos, eles foram conquistando os clientes na feira central, pois tinham mais conhecidos na feira da Vila Alta, onde vendiam mais.

> *- Aqui, eu via todo mundo vendendo e eu não vendia nada. Aquilo me dava uma tristeza. Meu pai ficava mais para entregar. Ele era bem novo na época. Entregava em restaurante, mercado. Daí eu engravidei, e ficava aqui com meus filhos. Eles todos nasceram aqui (no sentido de acompanharam ela na feira desde bebês). Depois eu não quis mais fazer feira. Falei para o meu pai: "Pai, eu me casei, vou*

> *largar a banca". Nesse tempo meu pai ficou na banca, mas como as coisas ficaram difíceis, pensei: "vou embora de novo para Tangará e vou voltar pra minha banca". Nessa época, ele estava no Antônio Conselheiro[6], e eu voltei para a feira do centro. Aos poucos, fui conquistando a freguesia. Deixei minha banca com outra pessoa por um período, e essa pessoa queria tomar minha banca, porque já estava vendendo muito. Assim, se vai engatinhando aos poucos. Vieram os outros filhos, eu os trazia para cá e todos sempre ajudavam. Banhava as crianças na feira e colocava para dormir. Na época, como ficava sozinha na banca de madrugada, os caras vinham me abusar. Eles falavam: "o que é que você está fazendo na feira, você quer um dinheiro para ficar comigo?". Eles viram que eu era mãe solteira. Sofri muitos abusos verbais, me incentivando a me prostituir, e eu falava: "Moço, se quisesse isso, eu não estava aqui, carregando caixas, trabalhando honestamente. Me respeita, por favor!". Com isso, já aconteceu de eu quebrar a caixa de madeira em pessoas aqui, dar tapa na cara. Até com meus filhos, quando precisei corrigir, fazia isso em meus filhos aqui. Com o tempo, meu pai parou de plantar. Mas hoje eu tenho os sitiantes que plantam para mim. Havia muitos compradores que agiam de má fé com o meu pai. Eu falei para ele: "sai dessa", e, assim, começamos, juntos, a analisar onde comprar e por quanto vender. Começamos a ir juntos para a feira. Meu pai carregava os pesos e eu ia vender. Até que ele precisou acompanhar minha mãe com questões de saúde, e eu continuei com a banca junto com meus filhos.*

Ela sente-se vitoriosa pela trajetória de luta que passou. Com amor e respeito, vem conseguindo educar seus filhos e ser respeitada e querida pelos clientes que a conhecem. Segundo ela, "é uma relação diferente de como era antes".

[6] Assentamento de pequenos agricultores do MST, localizado na Microrregião de Tangará da Serra, Estado de Mato Grosso.

Rute disse: “*Eu sou boa vendedora. O que você me der eu consigo vender. Mas não me pede para administrar nada não, não consigo administrar nem minha vida*”, entoando um sorriso descontraído. Logo depois, ela tentou expressar sua forma de administrar os lucros e prejuízos:

> *- Sabe como eu faço? Compro a caixa de banana. Se a caixa de 25 kg custar R$ 40,00, eu divido e sai menos de 2 reais o quilo, então eu vendo aqui na feira a R$ 4,00 o quilo. Assim eu sei até o quanto posso deixar o desconto para os clientes que pedem, sem ter que acumular os prejuízos. Até porque nosso produto é perecível, eu tenho que considerar as perdas. Quando tem muitos clientes pedindo desconto, eu não dou. Deixo apenas quando é uma pessoa mais carente, daí eu ajudo.*

Perguntei para Daniel o que a feira representa na vida dele. Ele respondeu:

> *- Tenho 23 anos. Tudo que aprendi foi devido aos conhecimentos praticados na feira. Aqui, aprendi a me comunicar com as pessoas. Não dá pra ter vergonha, senão você assusta o cliente. Assim, quem ficará com mais vergonha é ele. Então, fui olhando a minha mãe. Ela chega na feira toda animada, sorridente. Ela é carinhosa com os clientes. É lógico que eu não sou muito igual a ela, mas meu jeito é semelhante. A mãe, quando precisa, deixa tanto eu como minha irmã cuidando da banca, sozinhos. No início, as pessoas duvidavam que a Eduarda dava conta de passar troco e pesar a penca de banana.*

A mãe afirmou: “*Eles dão conta sim. Desde criança, o Daniel pegava os restoios de bananas que o avô dava e saia vendendo*”. Daniel contou, muito feliz, que é um bom vendedor, pois vendia tudo o que o avô dava. Ele acrescentou: “*antes, as pessoas tinham um coração humano. Elas compravam tudo por ver que eu estava trabalhando, tinham o coração mais aberto. Hoje, percebo que tem pessoas que tiram proveito da situação, quando veem uma criança vendendo*”. Segundo ele:

> *- Aqui, muitas pessoas nos respeitam. Já conhecem minha mãe e a gente. Por exemplo: quando o cliente pede uma banana de uma qualidade, a gente pesa e tem que guardar o valor na cabeça, depois ele pede outra variedade, a gente pesa e tem que guardar o valor. No final a gente precisa somar tudo e depois passar o troco. Agora, com uso dos aparelhos digitais e das maquininhas, as melhorias foram chegando para dar suporte a nós, pequenos produtores rurais, inclusive para transportar as mercadorias para a feira. A prefeitura colocou um caminhão caçamba à disposição para trazer as mercadorias dos feirantes para o barracão da feira, facilitando um pouco mais o trajeto e a venda. Depois foi melhorando, agora é um ônibus. Mas tenho ainda as lembranças do período que precisávamos caminhar 10 km, da linha 12 até a escola João Batista. Chegávamos na escola sujos, muitas vezes. E, de vez em quando, chegávamos da feira depois do meio-dia eainda tinha que fazer o almoço. A mãe e todos nós estávamos cansados. Nesses dias, almoçávamos bem tarde.*

Maria Eduarda, até pouco tempo atrás, era a filha caçula de Rute. Falar da história dela é olhar para a continuidade do ofício de feirante na cultura da família, que vem desde o seu avô, pai de Rute. Maria Eduarda nasceu e cresceu frequentando a feira. Hoje, com 12 anos, é muito animada e gosta de ajudar a mãe nos dias de feira. Perguntei a ela com que idade ela começou a entender que estava na feira com a mãe, a perceber que aquele ambiente fazia parte da sua rotina. Segundo ela:

> *- Com uns 4 anos ou menos. Nessa idade, eu ficava lá ajudando a montar a banca, brincando e dormindo. Lá na feira, sempre tivemos muita amizade com os vizinhos de banca. Minha mãe conta que os conhece há muito tempo. Então, eu ajudo a minha mãe, mas também gosto de ajudar eles. A Dona Neca, por exemplo, quando ela precisa ir ao banheiro, eu fico na banca dela. Lembro que comecei a ajudar nas vendas com*

uns 7 ou 8 anos, porque conseguia fazer melhor as contas. Eu já pesava as bananas, cobrava do cliente e embalava.

Nota-se, nesse momento, que os saberes matemáticos praticados na vida são recheados de experiências, de vivência e de sentidos, representados pela etnomatemática.

Observei o domínio da lógica matemática que Maria Eduarda possui para atender os fregueses, a habilidade e a segurança de quem aprendeu a lidar com as *ticas* de *matema* desde o berço. Segundo D'Ambrosio (2011, p. 53-54):

> O conhecimento é o gerador do saber, decisivo para a ação e, por conseguinte, é no comportamento, na prática, no fazer, que se avalia, redefine e reconstrói o conhecimento. A consciência é o impulsionador da ação do homem em direção à sobrevivência e à transcendência, ao saber fazendo e fazer sabendo. O processo de aquisição do conhecimento é, portanto, essa relação dialética saber/fazer, impulsionado pela consciência, e se realiza em várias dimensões.

Maria Eduarda explicou as estratégias adotadas pela mãe para não haver perdas e reduzir os prejuízos quando as bananas estão muito maduras: "*A mãe abaixa o preço do quilo da banana quando nota que estão bem maduras*", para o produto ser vendido mais rápido. Quando ainda assim sobra uma quantidade, ela oferta para venda em restaurantes.

Perguntei para Maria Eduarda se lidar com o cliente é tranquilo. Ela respondeu:

- Sim, às vezes aparece algum cliente reclamando demais, nesse caso, eu acho chato. Tem cliente que é muito legal, nem quer levar o troco. Outros pechincham e pedem desconto. Já houve alguns que pagaram menos, pensando que eu não iria notar. Daí eu falo e a pessoa paga o valor certo. Tem vezes que fazem pra me testar, outras vezes não.

Quando perguntei o que a feira representa para ela, ela disse:

- Representa muitas coisas boas, pois tenho lembranças agradáveis da minha infância aqui na feira. Até hoje, ainda brinco um pouco aqui, mas só quando dá. A única parte que não gosto muito é de acordar muito cedo, de madrugada. Só

> *que quando venho com muito sono, tenho o meu cantinho do descanso aqui até hoje, desde quando era bebê. Então, quando chego muito cedo, ou quando estou cansada, me deito lá e durmo mesmo.*

Quando nasceu, Maria Eduarda não viveu no sítio do seu avô. Morou na cidade por um período e depois foi morar numa chácara que sua mãe arrendou para cultivar banana. Rute teve vários problemas com animais silvestres que afetaram o plantio, então ela passou a comprar a banana dos sitiantes conhecidos do seu pai.

Maria Eduarda afirmou que gosta de ver a família trabalhando unida. Segundo ela, herdou de sua mãe o jeito alegre e sorridente de atender os fregueses.

Rute é muito grata à existência da feira. De acordo com ela, tudo o que eles têm hoje, ela deve a esse trabalho das vendas como feirante. Ela é grata a Deus por dar-lhe o dom da venda no ofício de feirante, e permitir, pelo fruto do seu trabalho, criar os três filhos sozinha. E, agora, ela espera ter saúde para educar o quarto filho por meio do trabalho que desempenha na feira.

Rute agradece, também, pelos filhos terem se tornado jovens responsáveis, segundo seu exemplo: “*eles me ajudam como um dia eu fiz para ajudar o meu pai*”. Momento consagrado pelo ciclo vital no triângulo da vida de D’Ambrosio (2016), que traduz, na prática, os saberes étnicos da cultura de um povo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Evidenciar as características que descrevem as vivências das famílias de feirantes é deixar as lentes de cada personagem traduzirem sua experiência. Ao frequentar o cotidiano da feira, ficou perceptível o ambiente acolhedor, a melodia própria daquele espaço, entonando o ritmo da boa prosa entre feirantes e clientes.

O feirante é aquele que se apresenta com o sorriso no rosto, pelo dom da comercialização, de negociar o seu produto e satisfazer o gosto do freguês, ele é o personagem principal no entrosamento para a existência da relação feirante e freguês.

A culminância da amizade inicia-se com uma boa prosa com o cliente, onde certamente, por se sentir bem cuidado e satisfeito, retorna à banca com a frequência esperada. Nessa relação há flexibilidade, doçura de uma amizade e a satisfação de consumir um produto de boa qualidade. À medida que se intensifica esta relação por parte do cliente, o tratamento passa a ser atenuado como freguês. Esses são aspectos que determinam a identidade do feirante, da feira e das relações com a população que a frequenta.

As práticas dos feirantes não se reduzem apenas à comercialização. Vem desde o manuseio e disposição do produto no início de cada período, com a organização geralmente em filas horizontais e/ou verticais. O rodízio do produto mais durável e menos durável, o valor do produto aos finais de feira, o lidar com o cliente satisfeito, mas, também, com o insatisfeito por algum motivo.

O passar do troco, a maneira de se atualizar com os meios de pagamentos para se manter nas vendas e as promoções fazem do feirante aquele personagem proativo, bom negociador, que gosta de contar uma boa história e, também, de ouvir as histórias e posicionamentos do seu freguês.

Os saberes necessários que os feirantes produzem e adquirem para lidar com as etapas da logística do comércio das feiras, perpassa pela cotação de preços de suas mercadorias, tais como o preço de custo, da venda, sobre os lucros e prejuízos a cada feira.

Certamente, essas são partes visíveis ao dialogar com os saberes do feirante, porém, esses conhecimentos ultrapassam o que os olhos humanos veem. A conexão com o tempo de produção para o setor de hortifrúti é um fator relevante, pois, muitos

vendem na feira seus produtos durante todo o ano, e isso é possível devido à experiência da produção cíclica (produção com desenvolvimento sustentável, que ocupa menos matéria-prima e evolui com o ciclo natural da vida, isto é, as frutas e verduras de época).

Essa forma de produção da agricultura de pequeno porte mostra características do trabalho em família. Isso verificou-se na pesquisa, com os saberes apreendidos entre as gerações que permanecem os praticando nos dias atuais. Para a sobrevivência, focam no envolvimento dos filhos nas atividades dos pais. Essa cultura se repete em todas as famílias pesquisadas.

Com o envolvimento dos filhos, ainda que alguns tenham seguido outras profissões, nota-se o vínculo com o ofício de feirante, presente até hoje nas bancas de seus pais. Isso mostra que a vida do feirante, na ótica dos seus filhos, tem forte relação com os conhecimentos étnicos dos seus pais.

Na escuta sensível às vozes dos filhos dos feirantes, é presente o orgulho de terem pais/avós perspicazes, resilientes, batalhadores e, acima de tudo, felizes com o fruto do seu trabalho. Fatos visíveis na forma de se expressar, nas falas de satisfação dos feirantes. Para os feirantes, essa é a melhor herança: observar que seus filhos e netos vivenciam essa experiência, que permanecerá os saberes etnoculturais compartilhados entre as gerações de feirantes e os frequentadores da feira.

A riqueza deste trabalho está nos significados impregnados em objetos, gestos, palavras e atitudes do grupo de trabalhadores da feira que, junto aos fregueses, integram essa vivência, com seus vínculos e experiências cotidianas.

Busquei, com ele, aprender a dinâmica social desse lugar, o sentido, a essência das coisas, as formas sociais vivenciadas por esse grupo de característica peculiar.

Todavia, a vida coletiva e a etnografia realizada permitiram perceber a existência de uma prática que é comum desde o início da história da humanidade, denominado como o escambo. Foi observado que essa prática é recorrente até os dias atuais. Neste sentido, há a troca, não apenas de bens materiais, mas também de ideias e valores, relações articuladas com o espaço e o tempo, produzindo significados e memórias sociais.

Algumas das práticas sociais, culturais e tradicionais no processo da

comercialização são oriundas da agricultura familiar; outras podem ser de feirantes na relação com atravessadores. Em boa parte das vezes, os atravessadores da feira contribuem com os pequenos produtores que não têm habilidades de comercialização, porém carregam o dom de lidar com a terra. E em ambos os casos, há uma conexão indissociável nas práticas sociais, entre os saberes de suas gerações e com a vida escolar de seus filhos/netos.

Os percalços que iniciaram com a pandemia da Covid-19, trouxeram impactos para os feirantes. O setor de hortifrúti ficou à beira do copalso, sem dinheiro pela falta de vendas, sem condições de investir em insumos e continuar o ciclo de produção. Para o setor de carnes, frios e embutidos, não foi diferente. Muitas bancasfecharam em 2020, conseguindo reabrir no segundo semestre de 2021. Nesse setorda feira, os feirantes não dispuseram dos seus pontos, o que justifica as bancas vazias, sem rotatividade. Eles mantiveram o pagamento mensal regular do ponto, ficando sob os cuidados e manutenção da ASFET.

A relação com os atravessadores, nesse período pandêmico, foi um desafio para o feirante, pois as mercadorias para revenda tiveram o preço elevado. Com a inflação, o aumento dos preços é um dos reflexos negativos que assolam diretamente os feirantes. Assim, o repasse dos aumentos ao cliente é inevitável.

Observou-se que, atualmente, a maior parte dos fregueses vem à feira com foco naquilo que deseja comprar, e leva só o que realmente está precisando. Essa é uma realidade visível no setor de camelô. Mas, no geral, é recorrente a quantidade de pessoas que frequentam a feira para pechinchar e depois fazer as compras. Sabem que há poucas opções de bancas, devido à evasão de parte dos feirantes. Uma parte deles vem porque precisam comprar o seu alimento perecível. Dessa forma, o prejuízo devido a pandemia para esse setor tem sido grande.

Ao ver essa resistência, consideramos o quanto a feira é viva, mutável e provocativa, pois, nesse contexto, as barganhas resistem ao capital das grandes corporações. A atividade produtiva e comercial da feira vem se mostrando ávida, fugaz e criativa. É evidente que nem todos conseguem driblar os impactos que vêm passando desde o início da pandemia até os dias atuais. Entretanto, de fato, existe a renovação. Muitos comentam sobre os prejuízos, sobre estarem esgotados, fadigados pela luta diária para resistir a esse período lastimável da história da humanidade, onde quem mais sofre são os pequenos.

De forma geral, a resistência dos modos de viver frente àquilo que se gosta de fazer deixa claro, que mesmo contabilizando tais prejuízos, desde o ano de 2020 para cá, não deixaram de vir à feira e expor seus produtos em suas bancas, por iniciativa própria. Havia sempre motivos mais fortes para tomar essa decisão. A resistência em continuar acreditando que o dia de domingo seria melhor do que a quarta-feira, ou mesmo do que o domingo anterior, mostrava a esperança renascendo um dia após o outro, com a vontade de que seus produtos fossem todos vendidos, satisfazendo seus fregueses.

Os feirantes vêm aos poucos tentando driblar os reflexos da crise econômica no país. Trazem para a população da cidade um exemplo de resiliência, o alento de que tudo vai melhorar, de que tudo passa e que o aprendizado que fica os torna mais fortes e resistentes aos desprazeres da vida.

É um povo que manifesta a transcendência com a prática da profissão. Com seus saberes e fazeres praticados na feira, ensinam muito mais que como produzir e vender o seu produto para defender a sobrevivência da família.

Contudo, a vivência na feira deixa-nos a seguinte reflexão: Não vire as costas para o seu passado, não substime o seu presente e não ignore o seu futuro. O pulsar da vida é um processo dinâmico, é uma roda que gira, acrescentando experiências. Os saberes e fazeres de hoje dizem muito sobre o perfil do ser humano que seremos amanhã. Diz muito sobre nossas origens, sobre a identidade que temos e os valores que desejamos transmitir para nossas gerações.

As feiras são locais de encontros de diferentes culturas que promovem transformações na vida social, econômica e, principalmente, cultural. Nota-se as marcas das tradições peculiares, presentes nas feiras, colorindo a paisagem urbana. A feira Central, principal feira da cidade de Tangará da Serra, exerce importante papel para o desenvolvimento comercial, devido à concentração de muitos feirantes que convivem em seus sítios e chácaras e vivem do ofício de feirante na cidade.

Na cultura dos feirantes do centro da cidade, destacam-se o ambiente acolhedor para com os amigos e clientes, a resiliência entre os amigos de banca, a solidariedade e a união que, para eles, emanam os laços de uma grande família. Além disso, a alegria e satisfação na função de comercializar com o olhar, com o sorriso, com o diálogo, diferenciam-na das outras formas de comercialização.

Nesse sentido, nota-se que há uma conexão indissociável nas práticas

produtivas, comerciais e sociais, que culminam nos saberes e fazeres que sobrevivem às gerações.

Os trabalhadores da feira sempre estão em busca de melhorias no atendimento de seus clientes. Modernizaram a forma de pagamento para tornar o atendimento prático e ágil. Adequaram-se aos novos sistemas, como a máquina de passar cartão crédito/débito e o *pix*. São transformações positivas e fundamentais para o trabalhador feirante, ou seja, adequar-se à modernização faz parte da cultura do feirante para acompanhar o desenvolvimento urbano.

Diante do caminho percorrido até aqui, reporto ao questionamento inicial. Eu realmente conheço os contextos sociais onde meus alunos vivem, aprendem e praticam diferentes saberes, para organizar minhas aulas de modo a conseguir conduzi-los a uma aprendizagem dos conhecimentos escolares que dialoguem com seus conhecimentos? Com a pandemia da covid-19 e, diante de algumas limitações que surgiram no momento da pesquisa, tais como: lockdown, distanciamento do público pesquisado, evasão de muitas bancas na feira, dentre outros.

Devido a isso, foi necessário olhar para outros caminhos, traçar novos objetivos para a pesquisa, fato que não distanciou do foco principal, que era descrever densamente os saberes histórico-culturais dos feirantes de Tangará da Serra - MT, suas práticas culturais e as vivências de alguns jovens e seus familiares, interpretando a feira e o contexto da família dos feirantes como espaço socioeducativos, onde seus filhos produzem conhecimentos. E assim a história sociocultural da feira, de alguns personagens participantes foram contadas e registradas na pesquisa.

As feiras têm suas peculiaridades, em sua dinâmica social as redes de relações com a população, a troca de valores e memórias, o vínculo de amizade entre feirantes, entre fregueses e feirantes, a empatia, o aconchego que expressa o afeto como uma grande família, num relacionamento que estima humanidade.

Os feirantes permutam mais do que bens materiais, há também o compartilhamento de experiências, de códigos percebidos, nas atividades que desempenham e cuidados da boa alimentação, nos sons que ecoa na prosa com amigos e familiares, são sensações que expressam vida e trazem benefícios à saúde física e mental.

As feiras são fundamentais em seu valor histórico, nota-se alguns fatos

recorrentes em feira, atributos do dinamismo social e cultural, como o movimento em L, algo peculiar em diversas feiras. Ao expor as mercadorias, na organização dos produtos sobre as bancas alinhado ao formato vertical e/ ou horizontal, no sorriso de satisfação do feirante ao comercializar, são alguns fatos que fazem parte das práticas culturais dos feirantes.

Essa pesquisa se limitou a apenas um dos múltiplos espaços socioeducativos habitados pelos jovens com seus familiares. Sua relevância está em possibilitar o reconhecimento da existência desses espaços e a importância de os conhecer para conseguirmos dialogar com os nossos alunos.

Por fim, acreditamos que, mais que uma pesquisa de dissertação de mestrado, imergir no universo habitado pelas famílias dos alunos de nossas escolas, deveria fazer parte do trabalho cotidiano de todo educador, como aliada ao processo de ensino e aprendizagem. Investigar o grupo étnico dos feirantes entre outros grupos socioculturais do aluno, mostra-nos que a etnomatemática deveria ser vivenciada nas práticas diárias do docente, sendo forte instrumento de valorização, investigação e reflexão ao que é significativo para o aluno, às tramas que tecem e dão sentido à vida, aos saberes e a transcendências da identidade no ambiente cultural em que vive.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, Paulo Rafael. **A etnomatemática no espaço de uma feira agroecológica: (re)conhecendo saberes e fazeres locais**. 2021. 76 f. Dissertação – Programa de Pós-Graduação em Ensino, Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Unioeste, Foz do Iguaçu, 2021.

CARVALHO**,** Leandro. Mundo da Educação. **FEIRAS MEDIEVAIS.** Disponível em: https://mundoeducacao.uol.com.br/historiageral/feiras-medievais.htm. Acesso em: 21 jan. 2022.

CASTRO, Josué Tomasini. **Vá e conte ao seu povo": interpretações e mediações no trabalho antropológico.** Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Ciências Humanas, Belém, v. 3, n. 1, p. 79-91, jan.-abr. 2008.

CERTEAU, Michel. **A INVENÇÃO DO COTIDIANO: artes de fazer.** 3º ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

BANDEIRA, Francisco de Assis. **Etnomatemáticas pelo Brasil: aspectos teóricos, ticas de matema e práticas escolares.** / Francisco de Assis Bandeira (org), Paulo Gonçalo Farias Gonçalves (org). - Curitiba: CRV, 2016. 236 p.

BARBOSA, Guilherme. **Feirantes desrespeitam decreto em Tangará da Serra (MT) e montam bancas do lado de fora de barracão fechado**. Disponível em: https://g1.globo.com/mt/mato-grosso/noticia/2020/04/02/feirantes-desrespeitam-decreto-em-tangara-da-serra-mt-e-montam-bancas-do-lado-de-fora-de-barracao-onde-funciona-feira-livre.ghtml. Acesso em: 15 abr. 2020.

BITENCOURT, Loriége Pessoa. **Aprendizagem da docência do professor formador de educadores matemáticos.** – Curitiba: CRV, 2017.

CARRAHER, Terezinha Nunes. **Na vida dez, na escola zero** / Ana Lúcia Dias Schliemann, David William Carraher, Terezinha Nunes Carraher. 16ª edição. São Paulo: Cortez, 2015. 208 p.

D'AMBROSIO, Ubiratan. **Etnomatemática e Educação em tempos de pandemia.** Semana da matemática – XXI SEMAT/ BBG. Palestrante: Prof. Dr. Ubiratan D'Ambrosio – Unicamp/Unesp Mediador: Prof. Dr. Adailton Alves da Silva – UNEMAT/Barra do Bugres. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=qWHwqMK3VEs&t=4161s. Acesso em: 23 nov. 2020.

D'AMBROSIO, Ubiratan. **Como foi gerado o nome etnomatemática.** *In*. FANTINATO, Maria Cecília. FREITAS, Adriano Vargas. (Orgs.). Etnomatemática: concepções, dinâmicas e desafios. Jundiaí, SP: Paco Editorial, 2018.

D'AMBROSIO, Ubiratan, 1932. **Educação matemática: Da teoria à prática** / Ubiratan D"Ambrosio. – 23ª ed. - Campinas, SP: Papirus, 2012.

D’AMBROSIO, Ubiratan. **Etnomatemática: Elo entre as tradições e a modernidade**. 6ª ed.; 1. Reimp. Belo Horizonte, MG: Autêntica Editora, 2020.

D´AMBROSIO, Ubiratan. **Etnomatemática: arte ou técnica de explicar e conhecer.** 4ª ed. São Paulo: Ática, 1990.

D’AMBROSIO, Ubiratan. **Sociedade, cultura, matemática e seu ensino**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 31, n. 1, p. 99-120, jan./abr. 2005.

D’AMBROSIO, Ubiratan. Prefácio. In: MATTOS, J.R.L. (Org.). *Etnomatemática*: saberes do campo. Curitiba: CRV, 2016.

D´AMBROSIO, Ubiratan. **Volta ao Mundo em 80 matemáticas.** Revista *Scientifi*, Brasil, n.11. São Paulo: Ediouro, 2005. p. 6-9, Edição Especial.

DOS SANTOS, Edson Luiz. **Do escambo à inclusão financeira: a evolução dos meios de pagamento**. Linotipo Digital, 2014.

FASHEH, Munir. **Matemática, cultura e poder.** Revista Zetetiké – CEMPEM – FE/ UNICAMP. v. 6 - nº9,1998.

FERREIRA JUNIOR, Jaime Matos. **Os saberes matemáticos nas atividades e práticas rurais.** Tangará da Serra MT: Editora Ideias, 2017.

FONTENELLE, Isleide Arruda. **Cultura do Consumo: Fundamentos e formas contemporâneas/** Isleide Arruda Fontenelle. – Rio de janeiro: Editora FGV, 2017. 220 p.

FREIRE, Paulo, 1921 – **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam** / Paulo Freire. – São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

FREIRE, Paulo, 1921-1997. **Educação e mudança** / Paulo Freire. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa** / Paulo Freire. – São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GEERTZ, Clifford, 1926. **A interpretação das culturas.** 1 ed., 13º reimpr. – Rio de Janeiro: LTC, 2008. 323 p.

GEERTZ, Clifford. **Obras e vidas: O antropólogo como autor,** por Clifford Geertz; tradução Vera Ribeiro. 4. Ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2018. 200p.

GEERTZ, Clifford. **O saber Local: novos ensaios em antropologia interpretativa,** por Clifford Geertz; tradução Vera Joscelyne. 14. Ed., 3º reimpr – Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. 256 p.

LARROSA, Jorge. **Experiência e alteridade em educação.** Argentina. Editora: Homo sapiens Ediciones, 2009.

LIMA, Diana Nogueira de Oliveira. **Consumo: Perspectiva Antropológica** / Diana Nogueira de Oliveira Lima. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

LIMA, Maria Dorotéia de. **Ver-o-Peso, patrimônio(s) e práticas sociais: uma abordagem etnográfica da feira mais famosa de Belém do Pará.** Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. Belém, 2008. 220 f.

MARX, Karl. **O Capital: Crítica da economia política**. São Paulo: Boitempo, 2013. Livro I: O processo de produção do Brasil.

MATTOS, José Roberto Linhares de. **Etnomatemáticas em vários contextos** / José Roberto Linhares de Mattos, Romaro Antônio Silva (organizadores). Macapá: EDIFAP, 2020. 268f.

PERKTOLD, Carlos. **A cultura da confiança:** do escambo à informática. Belo Horizonte: Editora Arte e Cultura, 2008.

REICHERT, Sérgio Roberto. **Enfoque Business** – PIX facilita negócios e elimina necessidade de troco na Feira do Centro. – 2021. Disponível em: https://enfoquebusiness.com.br/quarta-de-feira-pix-facilita-negocios-e-elimina-necessidade-de-troco-na-feira-do-centro/. Acesso em: 6 nov. 2021.

SCHWAAB, Aline, Heverton Luiz – **Radio Pioneira: Associação da Feira do Produtor tem novo presidente** – 2017 – Disponível em: http://www.radiopioneira.com.br/noticia/40884/tangara%3A-associacao-da-feira-do--tem-novo-presidente. Acesso em: 24 out 2018 às 14:15 hs.

SEVERINO-FILHO, João. **A experiência etnográfica: sobre habitar e ser habitado pelo mundo Apyãwa.** Artigo. Bolema 29 (53). Dez. 2015. Disponível em: https://doi.org/10.1590/1980-4415v29n53a04. Acesso em: 20 mar. 2020.

SEVERINO-FILHO, João. **Marcadores de Tempo Indígenas: educação ambiental e etnomatemática.** Cáceres: UNEMAT, 2010. 160p. (Dissertação – Mestrado em Ciências Ambientais).

SEVERINO-FILHO, João; SILVA, Adailton Alves da. Educação Etnomatemática: alguns passos dados em direção à sala de aula. In: XIII Encontro Nacional de Educação Matemática, 2019, Cuiabá, MT. **Anais do XIII ENEM**, 2019. v. 13.

SILVA, Adailton Alves da. **Alguns aspectos do sistema de contagem A'UW? /XAVANTE:** outros saberes**,** outros conhecimentos, outras soluções. CBEM 4: Eixo 1: Etnomatemática e Educação dos Povos da Floresta, 2012.

SILVA, Adailton Alves da. **Educação etnomatemática: seres, saberes e fazeres em ação.** Tangará da Serra MT: Editora Ideias, 2017.

SILVA, Adailton Alves da., & SEVERINO-FILHO, João. **Jogo e Cultura: A**

sedimentação e a essência do humano. Revista Latino-americana de Etnomatemática, 10(3), p. 201-215; 2017.

SOUZA, Jeferson Ferreira De. – **Lei Nº 866, de 06 De Abril De 1993. Dispõe Sobre a Criação da Feira do Produtor Rural e dá Outras Providências** – 2016 - https://leismunicipais.com.br/a/mt/t/tangara-da-serra/lei-ordinaria/1993/86/866/lei-ordinaria-n-866-1993-dispoe-sobre-a-criacao-da-feira-do-produtor-rural-e-da-outras-providencias. Acesso em: 24 out. 2018.

SKOVSMOSE, Ole. **Um convite à educação matemática crítica**/Ole Skovsmose; tradução de Orlando de Andrade Figueiredo. - Campinas, SP: Papirus, 2014.

WATSON E GASTALDO, Rod Watson. Édson Gastaldo. **Etnometodologia e Análise da Conversa** / Rod Watson, Édson Gastaldo. - Petrópolis, RJ: Vozes; Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2015.

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Biblioteca Pioneira de Ciências Sociais, 1994.

BIBLIOGRAFIAS CONSULTADAS

ANGROSINO, Michael. **Etnografia e observação participante** / Michael Angrosino; tradução José Fonseca; consultoria, supervisão e revisão desta edição Bernardo Lewgoy. - Porto Alegre: Artmed, 2009. 138 p.

BEAUD, Stéphane. **Guia para a pesquisa de campo: produzir e analisar dados etnográficos** / Stéphane Beaud, Florence Weber; tradução de Sérgio Joaquim de Almeida; revisão da tradução de Henrique Caetano Nardi. 2. ed. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

BORDA, Marcelo de Carvalho. **Fases das tecnologias digitais em Educação Matemática: sala de aula e internet em movimento** / Marcelo de Carvalho Borda, Ricardo Scucuglia R. da Silva, George Gadanidis. - 2. ed. 2. Reimp. - Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

CRESWELL, John W. **Investigação qualitativa e projeto de pesquisa: escolhendo entre cinco abordagens** / John W. Creswell; tradução: Sandra Mallmann da Rosa; revisão técnica: Dirceu da Silva. - 3. ed. - Porto Alegre: Penso, 2014. 341 p.

CRUZ, Renata Ranielly Pedroza, et al. Efeito da temperatura e Meja na massa fresca e extravasamento de eletrólitos de flores de corte de ave do paraíso. *In:* OLIVEIRA, Robson José de. **Agricultura em foco: tópicos em manejo, fertilidade do solo e impactos ambientais.** Guarujá – SP: Editora Científica Digital, 2020. p. 152-156.

CRUZ, Robson. **Bloqueio da escrita acadêmica: caminhos para escrever com conforto e sentido** / Robson Cruz. - Belo Horizonte: Artesã, 2020. 132 p.

DA MATTA, Roberto. **Relativizando: uma introdução à antropologia Social** / Roberto DaMatta. - Rio de Janeiro: Rocco, 2010.

D'AMBROSIO, Ubiratan, 1932 - **Da realidade à ação: reflexões sobre educação e matemática** / Ubiratan D'Ambrosio. - São Paulo: Summus; Campinas: ED. da unidade estadual de Campinas, 1986.

D'AMBROSIO, Ubiratan. **Educação para uma sociedade em transição** / Ubiratan D'Ambrosio. - 3. ed. revista e ampliada - São Paulo: Editora Livraria da Física, 2016.

D'AMBROSIO, Ubiratan, 1932 - **Transdisciplinaridade** / Ubiratan D''Ambrosio. - São Paulo: Palas Athena, 1997.

FANTINATO E FREITAS. Maria Cecilia; Adriano Vargas. **Etnomatemática: concepções, dinâmicas e desafios** / organização Maria Cecilia Fantinato, Adriano Vargas Freitas. - 1. ed. - Jundiaí [SP]: Paço, 2018. 232 p.

FONSECA, Adriano. **Etnomatemática na escola: sujeito, discurso e relações de poder-saber** / Adriano Fonseca. - 1. ed. - Curitiba: Appris, 2020. 275 p.

GODOY, Elenilton Vieira. **Currículo, cultura e educação matemática: Uma aproximação possível** / Elenilton Vieira Godoy. - Campinas, SP: Papirus, 2015.

GOIDANICH E MEZABARBA, Maria Elizabeth; Solange Riva. **Etnografias possíveis: experiências etnográficas sobre o consumo no ambiente urbano** / organização Maria Elizabeth Goidanich, Solange Riva Mezabarba. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Ponteio, 2014. 268 p.

HERNÁNDEZ, Sampieri Roberto. **Metodologia de pesquisa** / Roberto Hernández Sampieri, Carlos Fernández Collado, María del Pilar Baptista Lucio; tradução: Daisy Vaz de Moraes; revisão técnica: Ana Gracinda Queluz Garcia, Dirceu da Silva, Marcos Júlio. - 5. ed. - Porto Alegre: Penso, 2013. 624 p.

KNIJNIK, Gelsa. **Etnomatemática em movimento**. Gelsa Knijnik / et al.- 3. ed. - Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

MATTOS, José Roberto Linhares de. **Etnomatemática: saberes do campo.** / José Roberto Linhares de Mattos (organizador). - Curitiba: CRV, 2016. 168 p.

NASSER, Ana Cristina. **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos** / tradução de Ana Cristina Nasser. 4. ed. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

PREFEITURA Municipal de Tangará da Serra – MT. **Sobre a cidade.** Disponível em: https://tangaradaserra.mt.gov.br/site/?cidade=historia-hino-brasao-e-bandeira. Acesso em: 07. Jul. 2020